



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE
NACIONAL - PROFLETRAS**

THANIELLE MAGALHÃES COSTA

**O USO DAS CONJUNÇÕES COORDENADAS EM PROCESSOS DE ESCRITA E
REESCRITA DE TEXTOS: A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGOS
DE OPINIÃO PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**ARAGUAÍNA-TO
2020**

THANIELLE MAGALHÃES COSTA

O USO DAS CONJUNÇÕES COORDENADAS EM PROCESSOS DE ESCRITA E
REESCRITA DE TEXTOS: A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGOS DE
OPINIÃO PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS)
– Câmpus Universitário de Araguaína, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestra.

Orientador: Dr. João de Deus Leite.

ARAGUAÍNA-TO
2020

FICHA CARTOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M188u Magalhães Costa, Thanielle .
O USO DAS CONJUNÇÕES COORDENADAS EM PROCESSOS DE ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS: A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGOS DE OPINIÃO PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.. / Thanielle Magalhães Costa. – Araguaína, TO, 2020.
189 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2020.
Orientador: João de Deus Leite

1. Análise sintático-semântica. 2. Conjunções coordenadas. 3. Argumentação. 4. Artigo de opinião. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

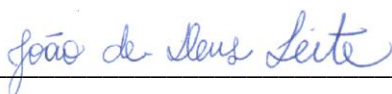
THANIELLE MAGALHÃES COSTA

**O USO DAS CONJUNÇÕES COORDENADAS EM PROCESSOS DE ESCRITA E
REESCRITA DE TEXTOS: A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGOS DE
OPINIÃO PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

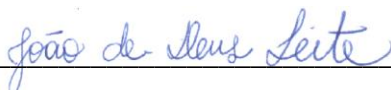
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS). Foi avaliada para obtenção do título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20 / 04 / 2020

Banca Examinadora:



Prof. Dr. João de Deus Leite – Orientador – UFT



Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni – Examinadora – UFT



Profa. Dra. Vilma Aparecida Gomes – Examinadora – UFU

Prof. Dr. Carlos Antônio Sousa Borges da Silva Júnior – Examinador Suplente – UFT

Araguaína – 2020

Aos meus pais, por terem mesmo diante das suas limitações materiais e pouca instrução, me encaminhado ao mundo das letras, fazendo-me perceber as transformações que o conhecimento pode operar na vida de uma pessoa. A todos os professores que passaram pela minha trajetória estudantil, por proporcionar conhecimento, por incentivar-me e despertar o prazer pela linguagem.

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso criador, pela inteligência e perseverança, pela força e inspiração durante a realização do curso e escrita da dissertação.

Aos meus pais, Joaquim e Ereni, por me ensinarem a importância do estudo e a valorizá-lo como um bem precioso. Aos meus irmãos Joreny e José Viano, pelo incentivo e apoio incondicional e a minha cunhada Eleonete pela motivação e o acolhimento nas idas e vindas da formação.

Ao Emilson, meu esposo, pelos gestos de incentivo, de paciência e compreensão das ausências, por acreditar na minha capacidade e por me incentivar a seguir estudando.

À admirável disposição do professor Dr. João de Deus Leite, meu orientador, obrigada pela prontidão com que sempre me auxiliou, pela paciência, dedicação, apoio e pelas valiosas contribuições no desenvolvimento e produção deste trabalho. Deus lhe abençoe muito!

Aos professores Dr^a Vilma Aparecida Gomes (ESEBA – UFU), Dr. Carlos Borges da Silva Júnior (UFT) e Dr.^a Ana Claudia Castiglioni (UFT) que, como membros da banca de qualificação, contribuíram de maneira significativa para o aprimoramento desta pesquisa.

As professoras Dr^a Vilma Aparecida Gomes (ESEBA – UFU) e Dr.^a Ana Claudia Castiglioni (UFT) por aceitarem o convite para a banca de defesa deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Araguaína, pelos ensinamentos e contribuição com a nossa formação profissional.

À professora Ana Crélia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pelos valiosos ensinamentos literários e pelo jeito sereno de olhar e valorizar os professores do ensino básico da rede pública.

À Prof^a. Dr^a. Luiza Helena Oliveira da Silva, coordenadora do PROFLETRAS na Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Câmpus de Araguaína, pela prontidão nos serviços prestados.

À Alexandra Bezerra de Sousa, secretária do PROFLETRAS/UFT, pela gentileza e pelo atendimento cordial e eficiente.

Às minhas colegas de turma do PROFLETRAS de Araguaína - TO, pela amizade, conhecimentos compartilhados, apoio, ajuda, anseios, preocupação e cansaço que compartilhamos ao longo desses dois anos.

À equipe diretiva do Colégio Est. Cel. José Francisco de Azevedo, em especial as diretoras Simone Pinto e Helena Torres e as coordenadoras pedagógica, por acreditar nessa formação e por colaborar, na medida do possível, para a realização dos nossos estudos.

À Diretoria Regional de Educação de Dianópolis - TO (DRE), órgão da Secretaria da Educação, Juventude e Esporte do Tocantins, pela disponibilidade de períodos, ainda que muito curtos, para o desenvolvimento dessa pesquisa. Agradecemos-os na pessoa do professor Ademildes José da Mata, ex-diretor desse órgão.

Às professoras Maria de Lourdes e Marta Maria que cederam suas aulas para a realização desta pesquisa e aos alunos do 9º ano, turma 92.01(2018) por aceitarem participar e serem os protagonistas da pesquisa.

Às minhas amigas e colegas de profissão, professora Maria Virgínia, Marta Maria e Nilziany, pelo companheirismo, pela força motivadora e por torcerem pelo sucesso deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro, através da bolsa de mestrado.

Enfim, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa, minha eterna gratidão.

*“Saber argumentar não é um luxo,
mas uma necessidade”.*
(Breton, Philippe, 1999)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e problematizar o modo como os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental utilizam as conjunções coordenadas em diferentes versões do gênero artigo de opinião, tendo em vista a função que estes conectivos exercem na argumentatividade dos textos. Para alcançarmos o objetivo proposto, elaboramos e aplicamos uma sequência didática centrada no ensino das conjunções coordenadas a partir do gênero artigo de opinião. Essa sequência seguiu as orientações propostas pelos documentos oficiais Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do terceiro e quarto ciclo (1998) e a Base Nacional Comum Curricular. Como embasamento teórico, apoiamos-nos em estudos sobre a argumentação na perspectiva de Fiorin (2018), de Koch (2011 e 2018), de Koch e Elias (2016) e de Perelman (2015). Além disso, apoiamos-nos nos estudos sobre gêneros textuais Marcuschi (2008), na esteira de Bakhtin (2016), e sobre artigo de opinião, considerando as teorizações de Brakling (2000), de Nascimento e Araújo (2015) e de Beltrão (1980). A partir do aporte teórico apontado, elaboramos uma sequência didática seguindo a teoria de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para verificar a função das conjunções coordenadas na produção do gênero artigo de opinião em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de um colégio da rede estadual de ensino do Estado do Tocantins. A sequência didática elaborada contemplou a apresentação da situação, momento em que a turma teve o primeiro contato com o gênero e suas práticas discursivas, produzindo o primeiro artigo de opinião. Diante dos resultados apontados pelas produções iniciais, a sequência ainda contemplou três módulos: o primeiro objetivou a análise sintático-semântica das conjunções na articulação da argumentação no gênero artigo de opinião; o segundo propôs um estudo sobre todas as conjunções coordenadas e seus possíveis valores semânticos dentro do texto; e o terceiro buscou explorar o valor semântico das conjunções em artigos de opinião, e, também, dar subsídios aos alunos, motivando-os a ampliar seus conhecimentos para produzirem o texto final, utilizando uma argumentação consistente. Para finalizarmos, os alunos produziram outro artigo de opinião, colocando em prática a aprendizagem adquirida ao longo do processo. A análise final mostrou um avanço na reescrita da produção final. Percebemos que continuaram utilizando, principalmente, as conjunções que já estão habituados, mas avançaram na aprendizagem da escrita do gênero artigo de opinião.

Palavras-chave: Análise sintático-semântica. Conjunções coordenadas. Argumentação. Artigo de opinião.

ABSTRACT

This research aims to analyze and problematize the way students in the 9th grade of elementary school use coordinated conjunctions in different versions of the opinion article genre, in view of the role that these connectors play in the argumentativeness of texts. In order to achieve the proposed objective, we developed and applied a didactic sequence centered on the teaching of coordinated conjunctions based on the opinion article genre. This sequence followed the guidelines proposed by the official Portuguese Curriculum Parameters for Portuguese Language of the third and fourth cycle (1998) and the National Common Curricular Base. As a theoretical basis, we rely on studies on argumentation from the perspective of Fiorin (2018), Koch (2011 and 2018), Koch and Elias (2016) and Perelman (2015). In addition, we rely on studies on textual genres Marcuschi (2008), in the wake of Bakhtin (2016), and on opinion articles, considering the theories of Brakling (2000), Nascimento and Araújo (2015) and Beltrão (1980). Based on the theoretical contribution pointed out, we elaborated a didactic sequence following the theory of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) to verify the role of coordinated conjunctions in the production of the opinion article genre in a class of the 9th grade of elementary school at a state education network of the State of Tocantins. The didactic sequence elaborated included the presentation of the situation, when the class had their first contact with the genre and its discursive practices, producing the first opinion article. In view of the results pointed out by the initial productions, the sequence also included three modules: the first aimed at the syntactic-semantic analysis of the conjunctions in the articulation of the argument in the opinion article genre; the second proposed a study on all coordinated conjunctions and their possible semantic values within the text; and the third sought to explore the semantic value of conjunctions in opinion articles, and also to provide subsidies to students, motivating them to expand their knowledge to produce the final text, using consistent argumentation. Finally, the students produced another opinion article, putting into practice the learning acquired throughout the process. The analysis of the productions after the rewriting showed an advance. We realized that they continued to use, mainly, the conjunctions that they are already used to, but advanced in learning how to write the opinion article genre.

Keywords: Syntactic-semantic analysis. Coordinating conjunctions. Argumentation. Opinion article.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gêneros textuais sugeridos para a prática de produção de textos orais e escritos	30
Quadro 2 – Conjunções coordenadas / Valores semânticos	53
Quadro 3 – Valores particulares das conjunções E/Mas	54
Quadro 4 - Avaliação de produção do gênero artigo de opinião.....	61
Quadro 5 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A11	84
Quadro 6 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A5	86
Quadro 7 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A9	89
Quadro 8 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A8	92
Quadro 9 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A4	94
Quadro 10 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A3	97
Quadro 11 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A2	99
Quadro 12 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A6	102
Quadro 13 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A7	105
Quadro 14 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A10	108
Quadro 15 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A1	111
Quadro 16 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A1	115
Quadro 17 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A4	117
Quadro 18 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A6	118
Quadro 19 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A8	120
Quadro 20 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A9	122
Quadro 21 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A11	123
Quadro 22 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A3	125
Quadro 23 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A5	127
Quadro 24 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A10	129
Quadro 25 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A7	131
Quadro 26 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A2	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Uso das conjunções na produção inicial dos artigos de opinião.....	69
Tabela 2 – Uso das conjunções na produção final (1ª versão) dos artigos de opinião.....	81
Tabela 3 – Uso das conjunções nas duas versões do artigo de opinião	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Produção inicial do artigo de opinião do aluno A23	72
Figura 2 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A11	82
Figura 3 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A11	83
Figura 4 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A5	85
Figura 5 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A5	86
Figura 6 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A9	88
Figura 7 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A9	88
Figura 8 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A8	91
Figura 9 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A8	91
Figura 10 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A4	93
Figura 11 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A4	94
Figura 12 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A3	96
Figura 13 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A3	96
Figura 14 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A2	98
Figura 15 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A2	99
Figura 16 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A6	101
Figura 17 – Avaliação da primeira versão do artigo de opinião do aluno A6.....	102
Figura 18– Primeira versão do artigo de opinião do aluno A7	104
Figura 19 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A7	105
Figura 20 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A10	107
Figura 21 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A10	108
Figura 22 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A1	110
Figura 23 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A1	111
Figura 24 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A1	115
Figura 25 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A4	116
Figura 26 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A6	118
Figura 27 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A8	119
Figura 28 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A9	121

Figura 29 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A11	123
Figura 30 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A3	125
Figura 31 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A5	127
Figura 32 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A10	129
Figura 33 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A7	131
Figura 34 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A2	132

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
MEC	Ministério da Educação
PCNLP	Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEMI	Programa Ensino Médio Inovador
RD	Recorte Discursivo
SEDUC	Secretaria da Educação, Juventude e Esporte do Tocantins
SGE	Sistema de Gerenciamento Escolar
TCF	Trabalho de Conclusão Final
TO	Tocantins
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – ARGUMENTAÇÃO E GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	25
1.1 Considerações iniciais	25
1.1.1 Do conceito de argumentação.....	25
1.1.2 Da argumentação nos documentos oficiais	29
1.1.3 Dos gêneros textuais e a ancoragem da argumentação	34
1.1.4 Do artigo de opinião em cena	36
CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO: Exposição da metodologia da pesquisa, descrição da escola e da turma pesquisada, elaboração da sequência didática para execução, análise e constituição do <i>corpus</i>.	39
2.1 Considerações iniciais	39
2.2 Tipo de pesquisa	39
2.3 Caracterização da escola e da turma pesquisada	41
2.4 Descrição da sequência didática	45
2.4.1 Apresentação da situação: primeiro contato com o gênero artigo de opinião	46
2.4.2 Reconhecendo as características do gênero artigo de opinião.....	48
2.4.3 Produção Inicial: escrevendo seu primeiro artigo de opinião.....	50
2.4.4 Módulo I - Observando a importância das conjunções como elementos articuladores entre as partes de um artigo de opinião	51
2.4.5 Módulo II - Estudo das conjunções coordenadas como elementos articuladores e suas funções no texto.	53
2.4.6 Módulo III – Reconhecimento do valor semântico dos elementos articuladores encontrados nos artigos de opinião.....	55
2.5 Produção final e reescrita	59
2.6 Descrição das aulas	62
2.7 Caracterização das aulas foco da pesquisa	76
2.8 Constituição do <i>corpus</i> e os procedimentos de análise	77
CAPÍTULO 3 – AS CONJUNÇÕES COORDENADAS NO PROCESSO DE ESCRITA E REESCRITA DE ARTIGOS DE OPINIÃO	80

3.1 Considerações iniciais	80
3.2 Tempo de análise 1 – O uso das conjunções na 1ª versão do artigo de opinião.	80
3.3 Tempo de análise 2: O uso das conjunções na segunda versão (reescrita) do artigo de opinião.	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS.....	141
ANEXO 1 – CADERNO PEDAGÓGICO DE ATIVIDADES DE LEITURA, DE INTERPRETAÇÃO E DE ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.	141
ANEXO 2 – Normas para Transcrição de Textos Orais	172
ANEXO 3 – Transcrições das aulas	174
ANEXO 4 – Comprovante de envio do Projeto ao Comitê de Ética.....	188

1. INTRODUÇÃO

Com o intuito de realizar uma pesquisa acerca da minha¹ prática pedagógica, como docente de Língua Portuguesa na Educação Básica, para a conclusão do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, começo relatando o meu percurso de formação como professora, e a minha experiência com o exercício da docência. Essa historicização criará condições para evidenciar o problema de pesquisa que particularizei para este trabalho.

Vivendo no interior do Tocantins, em um pequeno município que tinha como principal fonte de renda a agropecuária de subsistência, cresci vendo os meus pais cultivando pequenas plantações e cuidando da criação para garantir o nosso próprio sustento. Trabalhavam, arduamente, para nos proporcionar o ensino básico. No ano de 2002, concluí o ensino médio regular, almejando a realização do sonho de cursar o ensino superior, ainda que os meus pais desprovessem de condições financeiras para arcar com os gastos, já que a instituição mais próxima ficava acerca de 105 quilômetros de Conceição do Tocantins. Mesmo assim, decidi inscrever-me no vestibular da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Unidade de Campos Belos, optando pelo curso de Letras. Na expectativa de adentrar os portões da universidade, aguardava o edital do vestibular da Universidade Federal do Tocantins (UFT), pois também pretendia concorrer a uma vaga para pedagogia no câmpus de Arraias. Devido à coincidência nas datas das provas, realizei somente o da UEG, no qual fui aprovada.

Diante do resultado, pouco imaginava como seria o percurso de quatro anos de formação. Ao longo de quase dois anos, percorri cerca de 250 km, diariamente, para chegar ao câmpus da UEG em Campos Belos. Enfrentar essa distância era realmente para quem, de fato, queria estudar, recuso, aqui, a relatar as diversas situações que atrapalhavam o meu percurso diário, mas uma certeza eu tinha, que era a vontade de vencer e de superar todas as dificuldades.

Em meados de 2004, por falta de transporte para a locomoção, tive que mudar para Campos Belos – Goiás. Um ano antes da conclusão do curso, participei de uma entrevista para contratação de pessoal para atuar na Subsecretaria Regional de Ensino de Campos Belos, fui

¹ Nesta dissertação, trabalhamos com a 1ª pessoa do singular, quando se trata da experiência pessoal da professora pesquisadora.

selecionada e ali desenvolvi um trabalho no setor de recursos humanos até janeiro de 2007. Concluída a graduação, decidi que gostaria de por em prática os conhecimentos adquiridos ao longo dos quatro anos de formação em Letras – Português/Inglês. Na época, fui convidada para assumir a função de professora, contratada pela Secretária de Educação do Estado do Tocantins, no município de Natividade. Em fevereiro de 2007, iniciava a minha experiência como docente de Língua Portuguesa, ministrando aulas no ensino fundamental anos finais e no ensino médio. Na prática, percebi que não era fácil a tarefa de ser professor, pois organizar e dirigir as situações de aprendizagens e envolver os alunos na busca de conhecimento requer do professor o domínio de competências não só teóricas, mas, principalmente, relacionadas à prática. O estágio supervisionado curricular não foi suficiente para adquirir essas competências.

Tardif (2014) aponta quatro saberes relacionados à formação e ao exercício da função de professor, que são: o saber da formação profissional, o saber disciplinar, o saber curricular e o saber experiencial. Destaco, neste trabalho, o saber experiencial, que é desenvolvido e criado pelo próprio professor ao por em prática a sua função docente. Observo a importância da prática, na medida em que possibilita adquirir saberes específicos ao trabalho do professor.

No exercício da função de docente, participei de formações continuadas promovidas pela Secretaria de Educação, Juventude e Esporte do Tocantins (SEDUC) - TO, das quais destaco a formação em avaliação escolar para o ensino fundamental, ministrada pela Fundação Cesgranrio em nível de pós-graduação *lato sensu* e a formação do Gestar², também destinada aos professores do ensino fundamental. Ambos os programas possibilitaram um aprimoramento da minha prática pedagógica.

Enquanto aguardava o concurso previsto para a SEDUC – TO, decidi cursar uma pós-graduação *lato sensu* pela Faculdade Sulamérica, especializando-me em Língua Portuguesa e Literatura. No ano de 2009, realizei o concurso, fui aprovada e admitida em abril de 2010.

A vontade de continuar os estudos e aperfeiçoar a minha prática em sala de aula motivava-me, e a oportunidade de cursar um mestrado veio no momento que julgo certo. No final do ano de 2017, inscrevi-me no processo seletivo do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, ofertado pela UFT – Câmpus de Araguaína e fui aprovada.

² Programa Gestão da Aprendizagem Escolar que ofertou formação continuada em Língua Portuguesa e em Matemática aos professores dos anos finais (6º ao 9º ano), do ensino fundamental em exercício nas escolas públicas do Tocantins.

A oportunidade de cursar um mestrado profissional possibilitou-me adquirir novos conhecimentos teóricos e refletir sobre as minhas ações em sala de aula, ocorrendo um processo de ação-reflexão-ação, permitindo-me ressignificar as minhas práticas, criando novas possibilidades didáticas.

Neste contexto de aperfeiçoamento das práticas desenvolvidas em sala de aula, fui motivada a desenvolver um projeto de pesquisa sobre um problema que constatei e que inquietava-me: a dificuldade dos alunos em reconhecerem as relações sintático-semânticas dos operadores argumentativos e os utilizarem na produção de textos dissertativos. Quando lia as produções textuais, deparava-me com a falta de argumentos consistentes, além do mau uso, ou, ainda, do não uso dos operadores ao longo da produção. Dessa forma, considerei relevante analisar o uso das conjunções coordenadas como conectores para a formulação e a articulação de argumentos no gênero artigo de opinião no 9º ano do Ensino Fundamental.

A escolha por este gênero textual se deu por ser constituído, fundamentalmente, pelo tipo argumentativo e por reconhecermos³ que, diante das discussões e da necessidade de melhorar o domínio da leitura e da escrita dos alunos do ensino fundamental anos finais, percebemos que esse propósito destaca-se, principalmente, com relação aos gêneros argumentativos, pois, nesta etapa de ensino, busca-se desenvolver no aluno a capacidade discursiva para explicitar ideias, contrapor e argumentar, de forma oral e escrita, formando cidadãos críticos capazes de exercerem sua cidadania.

As diretrizes curriculares que norteiam o processo de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa, desde a década de 90, e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), recomendam que os conteúdos devem ser articulados a um gênero textual. Marcuschi (2008) admite que toda comunicação verbal se dá por meio de algum gênero textual; portanto, cabe a nós professores possibilitarmos aos alunos o ensino dos elementos linguísticos articulados com o uso social da língua.

Fiorin (2018) e Koch (2011), teóricos aos quais nos filiamos, afirmam que a argumentatividade é inerente à linguagem humana. Assim, podemos pensar que o ser humano está constantemente produzindo discursos argumentativos, pois as interações as quais estamos envolvidos permite-nos avaliar, julgar, criticar, contrapor, ou seja, formar juízos de valor. Tais interações ocorrem de forma oral e por meio da escrita, é evidente que, na fala, como a interação é imediata, ocorrem pressões de ordem pragmática que se sobrepõem às exigências

³ Nesta dissertação, a 1ª pessoa do plural é utilizada, quando se trata de um trabalho realizado em equipe já que envolve outros pares.

linguísticas. A escrita exige do interlocutor a mobilização de vários conhecimentos relacionados à língua adquiridos ao longo de sua formação; é, na elaboração do texto escrito, que a maioria dos alunos do ensino fundamental dos anos finais depara-se com dificuldades de mobilizar os elementos linguísticos necessários para a produção de sentidos do texto.

O conhecimento linguístico é fundamental, para que o aluno perceba como cada elemento age sintático e semanticamente, para que reconheça cada palavra como componente de um todo e que a escolha de um ou outro termo implicará aquilo que se quer dizer. É necessário reconhecer que o texto é articulado por meio de elementos coesivos que interligam as informações, permitindo compreender os sentidos.

Reconhecemos que o ensino de gramática normativa, conforme orientações de diretrizes oficiais do ensino de Língua Portuguesa, deve se ancorar em um trabalho contextualizado, contudo, cabe ressaltar que essa recomendação não acontece efetivamente em todos os níveis, por inúmeros motivos, dentre eles a própria formação do professor. Diante dessa realidade, destacamos mais uma relevância para a realização da presente pesquisa, pois um dos objetivos do Proletras é desenvolver experiências que aprimorem a nossa prática pedagógica, como professor do Ensino Fundamental, e que possa contribuir para a prática de outros docentes no ensino da Língua Portuguesa.

Consideramos também que o trabalho com a argumentação possibilita ao aluno aperfeiçoar a argumentatividade não só no ambiente escolar, como também nas práticas cotidianas, na medida em que lhes proporcionam momentos de discussões e atividades que permitem articular ideias e desenvolver a criticidade a respeito de diferentes temas que circulam na sociedade.

Diante do exposto, acreditamos que a realização de nossa pesquisa se justifica por focalizar a aplicação de atividades práticas, a partir de uma sequência didática, elaborada por nós com base nos estudos propostos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, de um colégio da rede estadual de ensino do Estado do Tocantins, sobre o uso das conjunções coordenadas na construção da argumentação em artigos de opinião.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar e problematizar o modo como os alunos participantes da pesquisa utilizam as conjunções coordenadas em diferentes versões do mesmo texto (artigo de opinião), não perdendo de vista a função que essas conjunções exercem na argumentatividade do(s) texto(s). Em termos de objetivos específicos, propomos: identificar quais as conjunções coordenadas que os alunos têm mais dificuldade e mais

facilidade em relação ao uso; analisar se os alunos conseguem identificar o ponto de vista e os argumentos que são produzidos no âmbito dos “artigos de opinião” mobilizados na sequência didática foco deste trabalho e identificar se conseguem produzir argumentos de modo a defender e/ou a sustentar um ponto de vista na própria produção de diferentes versões do texto.

Para chegarmos aos objetivos propostos em nossa pesquisa, algumas questões foram levantadas:

I. Como desenvolver atividades de análise sintático-semântica das conjunções coordenadas a partir de artigos de opinião?

II. Como conduzir os alunos a produzirem artigos de opinião com argumentação consistente?

III. De que forma as atividades contextualizadas sobre as conjunções coordenadas a partir do gênero artigo de opinião podem auxiliar os professores no ensino da argumentação?

Para que respondêssemos às questões anteriores, consideramos as seguintes hipóteses:

I. O processo de leitura e interpretação dos artigos de opinião colabora para que o aluno compreenda os sentidos expressos pelas conjunções coordenadas.

II. O trabalho com uma sequência de atividades estruturadas para o objetivo proposto possibilita uma progressão da competência argumentativa escrita dos alunos.

III. A aplicação das atividades propostas e o ensino da língua numa abordagem sociointeracionista auxiliam os professores a dinamizarem suas práticas cotidianas em sala de aula.

Tendo em vista os objetivos, as questões de pesquisa e as hipóteses apontadas, buscamos embasamento teórico realizando um estudo acerca da argumentação na perspectiva de Fiorin (2018), de Koch (2011, 2018), de Koch e Elias (2016) e de Perelman (2015); em seguida, analisamos as discursividades presentes nos documentos oficiais Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) (1998) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) em relação ao ensino da argumentação; refletimos sobre conceitos atribuídos aos gêneros textuais a partir do teórico Marcuschi (2008) na esteira de Bakhtin (2016), as perspectivas de ensino da argumentação, considerando a abordagem de Dolz e Schneuwly (2004); e, especificamente, sobre o gênero textual artigo de opinião, reportamo-nos às teorizações de Brakling (2000), de Nascimento e Araújo (2015) na esteira de Beltrão (1980) e de Rodrigues (2000). Cabe ressaltar que a terminologia usada por Bakhtin (2016) é

“gêneros discursivos”. Contudo, adotaremos a terminologia adotada por Marcuschi (2008), pois já estamos pensando o gênero na esfera escolar.

Além desses teóricos, alguns trabalhos dedicados à análise da argumentação, correlacionando a produção escrita ao contexto escolar orientaram-nos e abriram precedentes para este estudo, dentre eles destacamos Pereira (2008), que, à luz da Semântica Argumentativa e da Linguística de Texto, analisa a apropriação do gênero artigo de opinião e de marcadores argumentativos por alunos do 3º ano do ensino médio; destacamos, também, o trabalho de Carvalho (2015), o qual se baseia em teorias sociointeracionistas e discute questões relacionadas ao ensino do gênero artigo de opinião no 9º ano do ensino fundamental.

O presente trabalho foi realizado a partir de um estudo de caso, baseado no método da pesquisa-ação, permitindo-nos analisar a nossa prática pedagógica de forma crítica e reflexiva. O resultado das reflexões e das análises da problemática proposta está organizado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

O primeiro apresenta o campo teórico com as abordagens essenciais para a fundamentação da pesquisa e está subdividido em quatro seções, nas quais: explicitamos vários conceitos atribuídos à argumentação, abordando as conjunções coordenadas como elementos que contribuem para a construção da argumentação; circunstanciamos o modo como os documentos oficiais (PCNLP) e (BNCC) que norteiam o ensino de Língua Portuguesa produzem discursividades sobre a argumentação; abordamos a noção de gêneros textuais e a perspectiva de ensino da argumentação; e, por fim, apresentamos as práticas discursivas⁴ do gênero textual em foco, o artigo de opinião.

O segundo capítulo traz os procedimentos utilizados para realizar a pesquisa e para analisar o problema em foco. Inicialmente, apresentamos os métodos utilizados para alcançar os objetivos propostos; o contexto em que foi desenvolvida esta pesquisa, bem como os participantes nela envolvidos; a descrição da sequência didática planejada e o relato da aplicação desta sequência, seguido da caracterização das aulas foco da análise e da constituição do *corpus* que delimita o material a ser analisado.

No terceiro capítulo, desenvolvemos a análise do *corpus* coletado. No primeiro momento, apresentamos a análise dos artigos de opinião produzidos na última etapa da

⁴ Nesta dissertação, trabalhamos com a definição de “prática discursiva” advinda dos fundamentos da Linguística Textual. Para tanto, interessa-nos pensar a relação entre produtor do texto e o gênero textual, não perdendo de vista a esfera social em que essa relação se constitui. Nesse caso específico, trata-se de pensar na relação que os alunos são levados a construir com o gênero textual artigo de opinião. Há, na esteira de Marcuschi (2008), uma relação discursiva, porque os alunos são levados a participar do processo de comunicação na esfera escolar.

sequência didática, e, no segundo momento, apresentamos a análise da versão reescrita dos artigos de opinião.

Encerramos o trabalho com as considerações finais, destacando as contribuições teóricas e pedagógicas do ensino/aprendizado ao longo destes dois anos, bem como as contribuições proporcionadas sobre as conjunções coordenadas e o gênero artigo de opinião, oportunizadas pelo desenvolvimento da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – ARGUMENTAÇÃO E GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.1 Considerações iniciais

Este capítulo traz alguns pressupostos teóricos que norteiam a presente pesquisa. Tendo em vista nosso foco organizamos em quatro seções. Na primeira, apresentamos e discutimos vários conceitos atribuídos à argumentação, fazendo uma abordagem sobre as conjunções coordenadas, importantes recursos linguísticos, que orientam e direcionam a argumentatividade na produção de sentidos do texto. Na segunda seção, circunstanciamos o modo como os documentos oficiais (PCNLP) e (BNCC) que norteiam o ensino de Língua Portuguesa produzem discursividades sobre a argumentação. Na terceira seção abordamos a perspectiva do ensino da argumentação proposta pelos documentos oficiais a partir dos gêneros textuais. Na quarta seção deste capítulo, expomos definições e o modo de organização do gênero discursivo em foco, o artigo de opinião, explicitando sua função e contribuição para a formação de cidadãos críticos.

1.1.1 Do conceito de argumentação

O objetivo desta seção é apresentar e discutir os conceitos atribuídos ao termo argumentação, a partir dos estudos realizados por Fiorin (2018), por Koch (2011, 2018), por Koch e Elias (2016) e por Perelman (2005). Nossa pretensão é estabelecer um diálogo entre as ideias apontadas pelos teóricos citados, em relação às principais práticas discursivas da argumentação.

Sabemos que a vida em sociedade requer dos seres humanos uma competência discursiva, pois o principal instrumento que conduz as relações sociais é a linguagem. Quando falamos ou escrevemos, mantemos interações sociocomunicativas, mediadas por um discurso dotado de intencionalidade, ou seja, caracterizado pela argumentatividade, já que em todo discurso há intencionalidade e é veiculado por ideologias. A respeito dessa interação Koch (2011, p.16) defende que:

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas

opiniões. É por razão que se pode dizer que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões constitui um ato linguístico fundamental.

Na perspectiva apresentada pela autora, a língua é compreendida como essencialmente argumentativa. Sendo assim, o ser humano é um ser argumentativo, pois está constantemente argumentando em busca da adesão para suas ideias e opiniões, utilizando a própria língua para persuadir. Dessa forma, podemos afirmar que a argumentação está presente na nossa vida cotidiana, articulando as relações sociais que mantemos na sociedade. Neste sentido, Fiorin (2018, p. 9) destaca que:

A vida em sociedade trouxe para os seres humanos um aprendizado extremamente importante: não se poderiam resolver todas as questões pela força, era preciso usar a palavra para persuadir os outros a fazer alguma coisa. Por isso, o aparecimento da argumentação está ligado à vida em sociedade e, principalmente, ao surgimento das primeiras democracias.

Para o autor, a sociedade é constituída por grupos que apresentam diferentes interesses. O discurso é o espaço privilegiado para que as diversas vozes sociais possam tomar consistência, debatendo, expondo, refutando, na luta por adesão; tendo em vista que o homem está sempre na tentativa de influenciar o outro utilizando para isso as palavras, imbricando sobre elas uma força argumentativa. A respeito disso, Fiorin (2018, p.29) afirma que:

[...] um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento. Todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso.

O autor mostra que a ação de argumentar é inerente ao ser humano, pois o tempo todo busca-se dialogar, confrontar, opinar, debater, questionar sobre um ponto de vista, na tentativa de conduzir o interlocutor a determinada conclusão, a aceitar uma certa ideia.

Para o autor Perelman (2005, p.16), “a argumentação visa à adesão dos espíritos, e por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual”, ou seja, argumentar é influenciar, por meio do discurso, e, para isso, é impossível menosprezar as condições psíquicas e sociais do indivíduo, pois sem elas a argumentação ficaria sem objeto e sem efeito. Ainda destaca que “para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (PERELMAN, 2005, p.18), convencer alguém não pode ser entendido que o que se diz é indiscutível, ao qual se obtém imediatamente a adesão do público, o argumentador para persuadir deve “pensar nos

argumentos que pode influenciar o seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se pelo seu estado de espírito” (PERELMAN, 2005, p.18).

As ideias apresentadas por Perelman (2005) aproximam-se do que o teórico Fiorin (2018, p.19) afirma: “os argumentos são os raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese”. Fica claro que para atingir a adesão do interlocutor, o argumentador precisa se apoderar de recursos, que nada mais é do que os argumentos, que explicitem razões que justifiquem a opinião exposta com o objetivo de persuadir o interlocutor.

Koch e Elias (2016, p. 24) citam uma definição de Charaudeau (2008), sobre argumentação, o qual afirma que “argumentar é a atividade discursiva de influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos” (CHARAUDEAU, 2008, apud KOCH; ELIAS, 2016, p.24). Para o autor, o sujeito que argumenta se volta para o interlocutor na tentativa de persuadi-lo, a modificar seu comportamento, e, para isso, é necessário que na argumentação exista:

- i) uma proposta que provoque em alguém um questionamento, quanto a sua legitimidade;
- ii) um sujeito que desenvolva um raciocínio para demonstrar a aceitabilidade ou legitimidade quanto a essa proposta;
- iii) um outro sujeito que se constitua alvo da argumentação. Trata-se da pessoa a quem se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma convicção, sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação. (KOCH, 2016, p. 24).

É possível afirmarmos que a argumentação resulta em uma combinação de diferentes elementos, que requer do indivíduo que argumenta a construção de uma tese fundamentada em exemplos, em fatos, em citações de um determinado contexto com a finalidade de persuadir o seu interlocutor. Com base nas definições apresentadas pelos autores, percebemos que o espaço em que a argumentação se enuncia é o universo discursivo, no qual se instaura o embate de perspectivas diferentes movidas pelo anseio de influência e de poder; e busca-se por meio da argumentatividade, fazer prevalecer um determinado ponto de vista, ou seja, é no espaço do debate que a argumentação se consolida à medida que se considera o outro como um sujeito capaz de reagir e de interagir, discursivamente, pelo exercício da negociação e do entendimento.

Já que o foco desta pesquisa é analisar o uso de recursos linguísticos, especificamente as conjunções coordenadas, que, na concepção de Koch (2011) assume a função de operadores argumentativos, visto que são elementos que estabelecem relações semântico-discursivas, cabe-nos, nesta seção, destacá-los, pois de acordo com a semântica

argumentativa, eles determinam o valor argumentativo no âmbito dos enunciados, constituindo-se em marcas linguísticas importantes no processo de argumentatividade.

Destacamos a importância da investigação acerca do uso desses operadores – conjunções coordenadas nas produções de artigos de opinião, visto que um desvio em seu uso pode implicar um efeito de sentido diferente do pretendido pelo autor, pois, de acordo com as orientações de Koch (2018, p. 72), “esses conectores, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe a orientação argumentativa”.

Destacamos, a seguir, com base nos estudos desenvolvidos por Koch (2018, p. 72-74) exemplos dos operadores argumentativos que nos interessam, nesta pesquisa, e sua classificação de acordo com as relações semânticas que desempenham.

Conjunção: Ligam enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão. Ex.: e, também, não só... mas também, nem (= e não)

Disjunção argumentativa: São orientações discursivas diferentes e resultam de dois atos de falas distintos, em que, por meio do segundo, procura-se provocar o leitor ouvinte para levá-lo a modificar sua opinião ou, simplesmente, aceitar a opinião expressa no primeiro. Normalmente, essa relação é representada pela conjunção ou.

Contrajunção: Através da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador em questão. Ex.: mas, porém, contudo, todavia etc..

Explicação ou justificativa: quando se encadeia, sobre um primeiro ato de fala, outro ato que justifica ou explica o anterior. Ex.: que, pois, porque.

Conclusão: Introduce um enunciado de valor conclusivo em relação a dois (ou mais) atos de falas anteriores. Ex.: portanto, logo, por conseguinte, pois...

Os operadores argumentativos citados anteriormente, mais conhecidos como conjunções coordenadas, são marcas linguísticas presentes nos discursos argumentativos e sua função é orientar e direcionar a argumentatividade na produção de sentidos no texto. É importante ressaltar que o estudo acerca desses pequenos elementos, que muitas vezes nas aulas de Língua Portuguesa passa praticamente despercebido, ou se limita a decorá-los, faz-se necessário, pois precisamos conscientizar nossos alunos, sobre o valor que exercem na construção da argumentação, permitindo-lhes percebê-los no discurso do outro e usá-los com eficácia no seu próprio discurso.

1.1.2 Da argumentação nos documentos oficiais

Nesta seção, destacaremos as discussões sobre a argumentação apresentadas no âmbito dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de Língua Portuguesa, para as séries finais do ensino fundamental, publicado em 1998, com o intuito de orientar os professores em suas práticas pedagógicas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em dezembro de 2017, documento que norteia e define o conjunto de aprendizagens que todos os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica.

Dois objetivos definidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental para o ensino de Língua Portuguesa vão tornar o aluno capaz de:

- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de desenvolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1998, p. 7-8)

Observamos que o trabalho com a argumentação é uma das finalidades expressas no documento, já que se deve proporcionar aos alunos destes ciclos a capacidade de posicionar, criticamente, questionar, argumentar, buscar soluções para conflitos em diversas situações sociais.

A Base Nacional Comum Curricular mantém-se alinhada aos objetivos supracitados, ao destacar entre as competências gerais da educação básica, a articulação de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades para

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2017, p. 9)

Para atingir os objetivos apresentados nos PCN e a competência proposta na BNCC, é necessário que o ensino de Língua Portuguesa contribua para a formação cidadã do aluno, proporcionando-lhe o domínio da linguagem e da língua, como condições de participação social. Os PCN de Língua Portuguesa destacam que “pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista,

partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura”. (BRASIL, 1998, p. 19). Assim, assume-se a ideia de que as aulas de Língua Portuguesa devem contribuir para garantir aos alunos os saberes necessários para o exercício da cidadania. Tais saberes devem ser promovidos ao longo dos nove anos do ensino fundamental, favorecendo ao aluno a capacidade de interpretar textos que circulam nas diferentes esferas sociais e assumir a palavra para produzir textos, orais e escritos em que expressem opiniões em diversas situações.

Para atingir os objetivos propostos, no sentido de garantir aos alunos os saberes necessários, os PCN defendem que “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva.” (BRASIL, 1998, p. 23). Tais condições centram-se no texto como unidade básica de ensino e na diversidade de gêneros. Assim, os PCN propõem o estudo de gêneros textuais orais e escritos, priorizando aqueles, cujo domínio é fundamental à efetiva participação social, agrupando-os em gêneros literários, de imprensa e de divulgação científica. O quadro, a seguir apresenta os gêneros textuais selecionados para a prática de produção de textos orais e escritos.

Quadro 1 – Gêneros textuais sugeridos para a prática de produção de textos orais e escritos

GÊNEROS SUGERIDOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS			
LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS	. canção . textos dramáticos	LITERÁRIOS	. crônica . conto . poema
DE IMPRENSA	. notícia . entrevista . debate . depoimento	DE IMPRENSA	. notícia . artigo . carta do leitor . entrevista
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	. exposição . seminário . debate	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	. relatório de experiências . esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia.

(Fonte: BRASIL, 1998, p. 57)

A seleção de gêneros apresentados no quadro 01 evidencia que a escola precisa preparar o aluno para o mundo, no sentido de dar acesso a uma variedade de textos que circulam nas diferentes esferas sociais, dentre eles, observamos que o campo da imprensa propõe um trabalho voltado para os gêneros que exploram a argumentação. O componente Língua Portuguesa, na BNCC, mantém a filiação às orientações propostas nos PCN, reafirmando que o ensino e a aprendizagem devem estar centrados no texto. Assim, o componente organiza-se em quatro eixos de integração: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica; e em quatro campos de atuação para os anos finais do ensino fundamental: campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública.

Outro ponto em que a argumentação se destaca nesses documentos é em relação ao trabalho com temas transversais, já que estes demandam uma participação efetiva e responsável dos cidadãos no tratamento de questões sociais. Nesse sentido os PCN ressaltam que:

Os aspectos polêmicos inerentes aos temas sociais, por exemplo, abrem possibilidades para o trabalho com a argumentação - capacidade relevante para o exercício da cidadania -, por meio da análise das formas de convencimento empregadas nos textos, da percepção da orientação argumentativa que sugerem, da identificação dos preconceitos que possam veicular no tratamento de questões sociais etc. (BRASIL, 1998, p. 41).

Este trabalho procura desenvolver no aluno a capacidade de assumir a palavra em situações de participação social, usando o diálogo para explicitar ideias, contrapor e argumentar, desenvolvendo a capacidade de interagir com o outro. Na BNCC, a argumentação continua tendo transversalidade, ao propor como competência específica de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, a capacidade de:

[...] analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais. (BRASIL, 2017, p. 87).

De acordo com a BNCC, os anos finais do ensino fundamental fortalecem a formação da autonomia dos alunos, pois, nesta etapa da educação básica, intensificam-se práticas de linguagem em que precisam exercer o protagonismo; para ampliar essas práticas, o documento destaca o trabalho com a argumentação relacionada a dois campos de atuação:

Aprofunda-se, nessa etapa, o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública. No primeiro campo, os gêneros jornalísticos – informativos e opinativos – e os publicitários são privilegiados, com foco em estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão. (BRASIL, 2017, p. 136).

Fica evidente que a BNCC sugere que o professor trabalhe com a argumentação, buscando desenvolver, no aluno, a capacidade discursiva oral e escrita formando cidadãos críticos, capazes de exercerem sua cidadania.

Enfocando o ano escolar que nos interessa neste trabalho, que é o 9º ano, propomos, a seguir, uma relação das habilidades que a BNCC apresenta, em que notamos, claramente, o objetivo de desenvolver a prática da argumentação relacionada a vários gêneros textuais. É importante destacar que algumas dessas habilidades devem ser desenvolvidas do 6º ao 9º ano.

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles. (BRASIL, 2017, p.143)

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma. (BRASIL, 2017, p. 145)

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos. (BRASIL, 2017, p. 145)

(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermediáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc. (BRASIL, 2017, p. 145)

(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos (“primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão” etc.). (BRASIL, 2017, p. 145)

(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc. (BRASIL, 2017, p. 145)

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas. (BRASIL, 2017, p. 149)

EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e

posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos. (BRASIL, 2017, p. 177)

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada. (BRASIL, 2017, p. 177)

(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido. (BRASIL, 2017, p. 177)

(EF89LP10) Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido (a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores. (BRASIL, 2017, p.179)

(EF09LP03) Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse tipo de texto e utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação princípio etc. (BRASIL, 2017, p. 179)

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes. (BRASIL, 2017, p. 181)

(EF89LP14) Analisar, em textos argumentativos e propositivos, os movimentos argumentativos de sustentação, refutação e negociação e os tipos de argumentos, avaliando a força/tipo dos argumentos utilizados. (BRASIL, 2017, p.181)

(EF89LP15) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida etc. (BRASIL, 2017, p. 181)

(EF89LP23) Analisar, em textos argumentativos, reivindicatórios e propositivos, os movimentos argumentativos utilizados (sustentação, refutação e negociação), avaliando a força dos argumentos utilizados. (BRASIL, 2017, p.185)

Os excertos anteriores nos permitem observar a ênfase que o documento dá ao ensino da argumentação, deixando explícita a necessidade de os professores do ensino fundamental promover práticas educativas, visando à apropriação por partes dos alunos de diferentes linguagens para saber argumentar, defender pontos de vistas, tomar decisões individual e coletivamente, em textos orais e escritos. Também é possível notar que o gênero “artigo de opinião”, foco deste trabalho, destaca-se entre as habilidades propostas ao 8º e 9º ano, fato que confirma a relevância e a aplicabilidade da proposta desta pesquisa.

É relevante reconhecer que, apesar de ser recomendado pelos documentos oficiais, muitas vezes os professores do ensino fundamental priorizam o trabalho com outras sequências tipológicas, devido à dificuldade e/ou a falta de domínio de conhecimentos específicos para trabalhar com gêneros argumentativos, sendo relevante desenvolver ações formativas específicas voltadas aos professores, e, posteriormente, aos alunos.

1.1.3 Dos gêneros textuais e a ancoragem da argumentação

Nas últimas décadas, tem-se intensificado a discussão a respeito do ensino e da aprendizagem dos gêneros textuais em Língua Portuguesa na sala de aula. Ao analisarmos os documentos oficiais, que definem o conjunto de aprendizagens essenciais, que os alunos devem desenvolver no ensino fundamental anos finais, observamos que o componente Língua Portuguesa, assume a proposta de ser centralizado no texto e seguir uma abordagem enunciativo-discursiva, relacionando os textos aos contextos de produção, praticando atividades de leitura, de escuta e de produção de textos orais e escritos. Atentos a esta orientação, procuramos, nesta seção, refletir sobre conceitos atribuídos aos gêneros textuais a partir dos teóricos Marcuschi (2008) e Bakhtin (2016) e discutirmos as perspectivas de ensino da argumentação, considerando a abordagem de Dolz e Schneuwly (2004) sobre o agrupamento dos gêneros de acordo com suas finalidades.

Sabemos que, na tradição ocidental, a palavra “gênero” esteve bastante relacionada aos gêneros literários, hoje, o termo é usado para se referir às formas sociodiscursivas, orais e escritas, que circulam no meio social. Ao comunicarmos, utilizamos vários gêneros, em geral, sem sabermos a sua estrutura, o nome e muito menos o modo como se organiza, o que acontece é que dispomos de um rico repertório de gêneros orais e escritos e os empregamos com habilidade. Marcuschi (2008, p. 154) assevera esse posicionamento ao afirmar que:

É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.

Considerando o posicionamento de Marcuschi (2008) para assumirmos a proposta apontada pelos documentos oficiais de usar os gêneros textuais como objeto de ensino, precisamos construir, em sala de aula, práticas que proporcionem aos alunos situações de interação em que possam fazer uso real e social da língua, concretizando por meio dos gêneros textuais.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 155) os gêneros textuais:

São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas.

Em relação aos gêneros, Bakhtin (2016) salientou uma variedade de gêneros do discurso orais e escritos, tais como “as réplicas do diálogo do cotidiano, o relato cotidiano, a carta, os documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas”, dentre outros. Bakhtin (2016, p.12) ainda descreve três elementos caracterizadores dos gêneros:

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular e individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Para Bakhtin (2016), as situações de comunicação se materializam no gênero, que se estabiliza por meio de interações concretas produzidas nas diversas esferas sociais. Esses gêneros se organizam a partir do conteúdo temático ou tema que é o que estabelece a unidade de sentido ao enunciado, o estilo se caracteriza pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua; e a construção composicional refere-se à estrutura formal, as características peculiares que estruturam os gêneros para uma regularidade.

Tendo em vista a diversidade de gêneros textuais e suas diferentes funcionalidades, Dolz e Schneuwly (2004) dividem os gêneros em cinco agrupamentos em função de suas finalidades sociais, de suas regularidades linguísticas e de seus aspectos tipológicos. Os agrupamentos propostos obedecem à ordem do narrar, do relatar, do argumentar, do expor, do instruir e prescrever. O gênero “artigo de opinião” está inserido na ordem do argumentar, assim como a “carta de leitor”, “debate regrado”, “discurso de defesa”, “discurso de acusação”, “resenha crítica”, “editorial”, “ensaio”, entre outros. Esses gêneros possuem aspectos linguísticos comuns que nos permitem reconhecê-los como pertencentes aos gêneros do tipo argumentativo.

Desenvolver um trabalho com os gêneros argumentativos no ensino fundamental anos finais é de suma importância, pois a argumentação está presente na vida do ser humano em

todas as esferas da atividade humana. Como afirmamos anteriormente, a atividade argumentativa é muitas vezes negligenciada no ensino fundamental, devido a diversos fatores. Essa atitude gera consequências para os alunos, uma delas é a dificuldade de expor pontos de vista e sustentá-los, utilizando argumentos convincentes, na linguagem oral e, principalmente, na escrita.

Na produção de textos argumentativos, a seleção das palavras é um recurso muito importante para confirmar a ideia a ser expressa, e o que observamos é que a maioria dos alunos, no ensino fundamental, apresentam dificuldades para iniciar o próprio texto. Diante dessa realidade, confirmamos a necessidade de desenvolver práticas educativas, com foco nos gêneros textuais do tipo argumentativo, visto que a habilidade de argumentar é fundamental para a formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade.

1.1.4 Do artigo de opinião em cena

Partindo da proposta apresentada pelos documentos oficiais e instigados a desenvolver um trabalho que contribua para a formação cidadã dos alunos, no sentido de conceder-lhes a palavra para interagir com os fatos que permeiam o contexto social ao qual estão inseridos, é que escolhemos o gênero artigo de opinião para desenvolvermos um trabalho sobre as relações sintático-semânticas das conjunções coordenadas no processo de construção da argumentação. Sendo assim, nesta seção, apresentaremos definições e conceitos sobre o gênero artigo de opinião, a fim de nos apropriarmos do modo como o gênero se organiza.

O artigo de opinião é um gênero do discurso que discute assuntos ou problemas sociais polêmicos, em que predomina o interesse de convencer e/ou de influenciar o outro a aceitar determinada tese, defendida por meio de um processo argumentativo, que busca refutar possíveis opiniões contrárias, sustentando as afirmações efetuadas, por meio da apresentação de dados consistentes que possam de fato convencer o interlocutor. Considerando essas características, podemos afirmar que é um gênero que pertence à ordem do argumentar. Nessa perspectiva, Brakling (2000) afirma que:

O artigo de opinião é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor. (BRAKLING, 2000, p.227)

A definição confirma que o gênero é argumentativo, já que uma de suas principais funções é a defesa de um ponto de vista, assumido no discurso e defendido por meio de argumentos.

Como todo texto, o artigo de opinião também apresenta um contexto de produção, é escrito por alguém e para alguém, com determinada intenção, em determinado tempo e lugar, a divulgação é feita em certos veículos e possui um determinado leitor. Segundo Pereira (2008, p. 60), o gênero artigo de opinião é considerado “pertencente ao domínio jornalístico, que circula, geralmente, em seções de opinião de jornais, periódicos e revistas, sendo um meio de comunicação social, não apenas informativo, mas também formador de opinião”. É um texto jornalístico opinativo que se difere de outros, como, por exemplo, do editorial, pois é assinado por uma pessoa que recebe o nome de articulista, termo que revela importância no âmbito jornalístico e que determina domínio sobre o assunto que está em discussão. O leitor desse gênero, geralmente, é alguém que demonstra interesse por assuntos polêmicos, que lê revistas, jornais, *sites* de internet e está interessado pelo que acontece na sociedade.

Nascimento e Araújo (2015), citando Beltrão (1980), afirmam que no tocante à estrutura composicional, o artigo se organiza a partir dos seguintes elementos:

1. O título, que procura chamar a atenção do leitor, sendo determinado pela tese a ser defendida;
2. A introdução, que consiste na contextualização do tema polêmico e na formulação do ponto de vista sobre ele;
3. A discussão, parte mais importante, na qual se procura analisar e debater os aspectos relacionados ao tema. O articulista procura sustentar sua opinião por meio de argumentos e contra-argumentos;
4. A conclusão, parte com a qual o autor finaliza o seu texto e procura levar o leitor a acatar a ideia defendida no texto, modificando sua maneira de ver e compreender o tema interpretado, julgado. (NASCIMENTO, ARAÚJO, 2015, p. 76)

Observando a estrutura composicional proposta por Beltrão (1980), notamos que na construção do artigo de opinião todos os elementos que compõem a estrutura são importantes, porém a discussão é citada como a mais importante, pois é o momento que o articulista deve fazer uma adequada articulação de argumentos para defender o seu ponto de vista. Para isso deve usar diferentes tipos de argumentos, por exemplo, de autoridade, citando falas de pessoas especialistas no assunto discutido; de causa e consequência, estabelecendo uma relação entre o motivo e o efeito de determinado fato; de provas concretas, referindo-se a estatísticas e outros dados de estudo sobre o problema; ou de exemplificação, em que apresenta um exemplo, um fato ou um acontecimento que demonstre o que o autor quer provar.

Para Rodrigues (2005), a autoria no artigo não se dá apenas a partir de enunciados ditos pelo articulista, mas também com base em enunciados já ditos. O diálogo com outras vozes que falam pelo autor é uma característica muito visível nesse gênero textual, que muitas vezes requer do interlocutor um amplo conhecimento. Neste ponto, percebemos uma relação com o caráter dialógico apontado por Bakhtin ao processo de comunicação ao afirmar que “O enunciado não está voltado só para seu próprio objeto, mas também para os discursos do outro sobre esse objeto” (BAKHTIN, 2016, p.161). O articulista faz com que o seu discurso se encontre com outras vozes, outros enunciados discursivos para conduzir o interlocutor a aceitar a tese defendida.

Também notamos que, para construir os sentidos do texto, o articulista usa marcas linguísticas que anunciam a sua posição: “penso que”, “do nosso ponto de vista” que introduzem os argumentos com o uso de marcadores de explicação “porque”, “pois” ou os marcadores de conclusão como “portanto”, “logo”, a construção do discurso, na maioria das vezes ocorre em terceira pessoa, alguns tempos verbais, sendo o presente do indicativo bastante característico, advérbios de tempo e modo, os questionamentos e as figuras de linguagem como a hipérbole e a ironia são alguns exemplos das marcas linguísticas do autor presentes no texto.

Este é o gênero textual proposto na prática de escrita realizada nesta pesquisa. Esperamos que os alunos produzam textos que atendam as práticas discursivas desse gênero, considerando a sua estrutura e sua função social. Além disso, e para esta pesquisa, o mais importante se perceberá no nível propriamente linguístico, a utilização das conjunções coordenadas como elementos discursivos, responsáveis pela articulação da argumentação que se pretende construir nos textos.

CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO: Exposição da metodologia da pesquisa, descrição da escola e da turma pesquisada, elaboração da sequência didática para execução, análise e constituição do *corpus*.

2.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para realizar a pesquisa e analisar o problema em foco. Inicialmente, reportamos ao caminho filosófico, os métodos utilizados pelo pesquisador para alcançar os objetivos propostos sobre o qual fizemos uma reflexão a partir da perspectiva do estudo de caso e da pesquisa-ação, ancorados nos estudos de Triviños (1987), de Thiollent (2011) e de Tripp (2005). Na sequência, circunstanciamos as características da escola pesquisada e dos participantes da pesquisa, para revelar as características físico-sociais que compõem seus perfis. Em seguida, expomos uma descrição da sequência didática, evidenciando como foram planejadas as aulas e como devem se desenvolver para a reflexão do problema investigado. Posteriormente, apresentamos em forma de relato, o acontecimento de todas as aulas que compõem a sequência didática, seguidas da caracterização das aulas foco da pesquisa. Por fim, discorreremos sobre os procedimentos adotados para analisar as produções textuais, realizadas durante a aplicação da sequência didática, as quais formaram o *corpus* da pesquisa.

Após as considerações, apresentamos a organização do capítulo que se subdivide em: tipo de pesquisa, caracterização da escola e da turma pesquisada, descrição da elaboração da sequência didática, descrição da execução da sequência didática, caracterização das aulas foco da pesquisa e a constituição do *corpus* e os procedimentos para análise.

2.2 Tipo de pesquisa

Ser um pesquisador é algo que nos engrandece, uma vez que a pesquisa leva à construção do conhecimento ou à resignificação de um saber já produzido. Para pesquisar e descobrir soluções e/ou compreender os fenômenos relacionados ao que se está estudando, o investigador precisa adotar métodos que o possibilitem entender o fato e, assim, alcançar os objetivos da investigação. Para tanto, há várias formas para fazer um estudo, a escolha de um ou outro delinea o caminho seguido, para melhor estudar o que se pretende. No entanto, não se quer dizer que só deve utilizar apenas uma forma; dependendo dos objetivos da pesquisa e

do ponto de vista do pesquisador, ele pode utilizar dois métodos, pois podem se complementar para ajudar na investigação.

Em face dessas considerações, elegemos como perspectiva metodológica a pesquisa-ação, sendo realizada a partir de um estudo de caso. A escolha do método se justifica por estarmos desenvolvendo um trabalho de conclusão final (TCF) de um mestrado profissional, por isso, deve ter como objeto de investigação um problema relacionado ao ensino aprendizagem da Língua Portuguesa em uma turma em que o pesquisador atua como docente e deve ter um caráter interventivo.

Por meio da perspectiva do estudo de caso, “categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (Triviños, 1987), voltamos nossa atenção para uma turma de 9º ano do ensino fundamental anos finais, com o intuito de analisar e de problematizar o modo como os alunos utilizam as conjunções coordenadas na produção de artigos de opinião, buscamos, por meio desse método, investigar uma instância específica, bem delimitada e contextualizada, com a preocupação de não analisar apenas o caso em si, como algo à parte, mas o que ele representa dentro do todo.

Já a pesquisa-ação permite ao pesquisador interferir na realidade para tentar mudá-la. Sendo assim, com esse método, pode-se ter uma interação entre pesquisador e participantes para buscar solucionar um problema. Sobre essa metodologia, Thiollent (2011, p.20) menciona:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Esse tipo de pesquisa adequa-se ao nosso propósito, porque permite ao pesquisador atuar, vivenciar as dificuldades dos alunos e refletir sobre a sua própria prática com o objetivo de melhorar a aprendizagem dos estudantes e, também, a prática docente do pesquisador. Nesse sentido Tripp (2005, p. 446) afirma que:

a pesquisa-ação segue um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Observamos que esse tipo de pesquisa requer dos envolvidos, principalmente da professora pesquisadora, o papel ativo na sistematização das ações desenvolvidas; para

garantir esse acompanhamento e essa avaliação, ministramos as aulas procedendo à gravação de áudios e ao registro de anotações, relatando o acontecimento das aulas. Tais procedimentos foram fundamentais para observar como decorria cada ação e como os alunos se apropriavam dos conteúdos discutidos em sala, tendo a oportunidade de aprimorar a próxima atividade.

2.3 Caracterização da escola e da turma pesquisada

A pesquisa foi realizada em um Colégio público da rede estadual de ensino do Estado do Tocantins, localizado na cidade de Conceição do Tocantins. Observando um relato da trajetória histórica desta instituição, constatamos que ela foi criada há 57 anos, mas a autorização definitiva da sua criação, só ocorreu em 1979, por meio da lei nº 8.664. Ao longo desses anos, houve um grande empenho de pessoas da comunidade, para que aos poucos a unidade expandisse a oferta de ensino e atendesse a necessidade da população. Hoje, por ser o único colégio estadual no município, funciona nos três turnos nas modalidades de Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio Regular, Segundo Segmento da Educação de Jovens e Adultos – EJA, o Programa Novo Mais Educação e o ProEMI⁵ – Programa Ensino Médio Inovador. No turno matutino, funcionam 08 turmas do 6º ao 9º do EF, atendendo um total de 213 alunos, além desses, ainda recebe 120 alunos do Programa Mais Novo Educação; no turno vespertino, funcionam 08 turmas do 6º ao 9º ano, ensino médio e EJA totalizando 253 alunos e mais 120 do Programa Novo Mais Educação; e no turno noturno, funcionam 04 turmas sendo EJA e ensino médio, totalizando um atendimento a 108 alunos, mais 59 matriculados no Programa ProEMI. De acordo com dados do Sistema de Gerenciamento Escolar (SGE), há 574 alunos matriculados na instituição no ano de 2018.

Em relação à estrutura física, o colégio funciona em um prédio que carece de espaço físico para atender as necessidades da própria instituição. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), a falta de espaço é um dos problemas que compromete a organização e a disciplina dos alunos, uma vez que muitas de suas atividades são feitas em espaços improvisados. O prédio possui 07 salas de aula, sendo 05 delas de tamanho inferior ao padrão estabelecido, 01 sala de professores, 01 secretaria que funciona no local que era destinado ao laboratório de informática, fechado devido à falta de equipamentos, uma sala de direção pequena que divide espaço com o financeiro, uma biblioteca, 01 sala de recurso

⁵ Atualmente esse Programa corresponde ao Novo Ensino Médio, que estabelece para essa etapa do ensino uma nova organização curricular que deverá contemplar a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, e a oferta de diferentes itinerários formativos.

multifuncional, uma cozinha dividida ao meio para abrigar os produtos da merenda escolar, uma sala para orientação educacional que divide espaço com depósito, 03 depósitos pequenos, sendo um pedagógico, um esportivo e o outro para armazenamento de materiais diversos, 01 banheiro feminino e 01 masculino para os alunos, 01 banheiro para os servidores e uma quadra esportiva coberta.

Sobre os recursos materiais disponíveis, constatamos que a instituição conta com o básico, sendo: 01 laboratório de ciências móvel ultrapassado, 13 computadores, 01 notebook, 01 lousa digital que não pode ser utilizada por falta de espaço físico, 03 impressoras e 03 data show, 10 ar condicionados, 01 câmara digital, 01 mesa de som com duas caixas grandes, 03 caixas de som pequenas e ainda contamos com um sistema de monitoramento por câmera e vídeos. Possui quantidade suficiente de mesas e carteiras para acomodação de professores e alunos. Os materiais de expediente pedagógico (folha A4, pincel, apagador, tinta para pincel, cola, EVA, TNT, etc.) para a prática docente atendem as necessidades e sempre que faltam é sugerido à aquisição. A biblioteca possui um acervo razoável, porém desorganizado.

O quadro de servidores da unidade escolar soma-se um total de 45 pessoas, sendo 26 funcionários administrativos e 19 docentes. Os professores são habilitados e qualificados, a maioria é servidores efetivos e atua em sua área de formação.

De acordo com o PPP, a unidade escolar, ao longo de sua trajetória, sempre ofertou uma educação capaz de proporcionar aos seus alunos, habilidades e competências que possibilitem condições para o livre exercício da cidadania, para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna. Sua visão de futuro é ser uma escola de referência, realizando seu trabalho de maneira eficaz, segura e responsável, respeitando os alunos, os pais, os colaboradores, a comunidade e o interesse do público e estão pautados em valores como transparência, respeito, qualidade e parceria. Em relação aos objetivos estratégicos, verificamos que a instituição busca elevar com qualidade o desempenho acadêmico dos alunos, visa aprimorar o processo de gestão escolar e melhorar a integração dos pais e comunidade escolar no processo educativo.

Do total de alunos, aproximadamente 22% residem na zona rural e utilizam o transporte escolar. Esses alunos enfrentam muitas dificuldades, tais como, longas viagens, refeições fora de hora e a falta de transporte quando os ônibus quebram; esses fatores afetam diretamente o desempenho acadêmico, além disso, o acesso a livros literários e à internet é restrito somente ao espaço escolar, sendo mais um fator que influencia no processo de aprendizagem.

Conforme a realidade de muitas escolas brasileiras, os alunos da instituição pesquisada apresentam muita dificuldade de leitura e compreensão e falta de domínio das 04 operações matemáticas, o que compromete significativamente o desempenho em todas as disciplinas. Outro fator negativo constatado é o envolvimento de um número expressivo de adolescentes com drogas lícitas e ilícitas, isso repercute negativamente aumentando a violência, principalmente verbal e os casos de indisciplina.

Diante dos problemas enfrentados, a instituição tem tentado vencer os seus desafios, desenvolvendo programas e projetos que ofertam atividades educativas aos alunos do ensino fundamental e médio.

O Programa Novo Mais Educação, criado pela portaria do MEC nº 1.144/2016 e regido pela Resolução FNDE nº 17/2017, tem o objetivo de melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental garantindo a ampliação da jornada escolar das crianças e adolescentes no turno ou contra turno escolar. Além do acompanhamento pedagógico nessas duas disciplinas críticas, há o desenvolvimento de atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer.

O programa apresenta como finalidade a contribuição para a alfabetização e a ampliação do letramento; melhoria do desempenho em Língua Portuguesa e Matemática; redução do abandono, da reprovação e distorção idade/ano; e a melhoria dos resultados de aprendizagem nos anos iniciais e finais do ensino fundamental regular. Observamos que, a finalidade do programa vai ao encontro com os desafios enfrentados pela equipe, porém, notamos que a instituição não dispõe de espaço físico para desenvolver as atividades com qualidade, outro fator observado é a baixa frequência dos alunos matriculados no programa às aulas que acontecem no contra turno, essas causas foram tão significativas para o baixo desempenho do programa, que a instituição buscou novas estratégias para que o desenvolvimento pudesse surtir melhores efeitos.

O Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), instituído pela Portaria nº 971/2009, visa à elaboração de um redesenho curricular no ensino médio a partir do desenvolvimento de um currículo mais dinâmico e flexível, que contemple os conhecimentos das diferentes áreas e a realidade dos estudantes, atendendo suas necessidades, expectativas e projetos de vida. O programa busca incorporar ações gradativamente ao currículo, ampliando o tempo do aluno na escola, na perspectiva da educação integral e a diversidade de práticas pedagógicas.

A instituição escolar inscrita neste programa recebe recurso federal através do Programa Dinheiro Direto na Escola – (PDDE) Interativo e deve construir sua proposta de

redesenho curricular, contendo ações que contemple a proposta apresentada na portaria. Vale ressaltar que, apesar das dificuldades, a unidade escolar pesquisada tem vencido desafios durante o desenvolvimento desse programa e aos poucos tem se concretizado, oportunizando aos alunos das turmas de 1ª e 2ª série diurnas, um trabalho desenvolvido no contra turno que está garantindo a promoção do protagonismo juvenil e o aperfeiçoamento da aprendizagem.

Além dos programas citados, a instituição, também, desenvolve projetos que reforçam o comprometimento da equipe com a formação integral de seus alunos. O projeto “A Vida Vale Mais” é desenvolvido por meio de parcerias com instituições religiosas e órgãos públicos municipais e tem o objetivo de debater a importância dos vínculos familiares e discutir temas, tais como: consumo de drogas, gravidez na adolescência, violência, prostituição e outros; procurando conscientizar os alunos e a comunidade sobre os perigos e consequências provenientes das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis e da violência. O projeto “Quem ama cuida” refere-se à infraestrutura com o intuito de promover a valorização e manutenção do patrimônio escolar.

O projeto “Lendo nosso mundo” tem o objetivo de desenvolver um conjunto de ações significativas de leituras de textos literários e não literários de forma interdisciplinar possibilitando aos alunos da segunda fase do ensino fundamental e do ensino médio desenvolver o prazer pela leitura e conseqüentemente tornar-se sujeitos críticos. Ressaltamos aqui, duas ações desse projeto, significativas para o processo de desenvolvimento de competências e habilidades de leitura e escrita que são: a “aula show” desenvolvida nas turmas de 6º anos e no segundo segmento da EJA; essa ação visa desenvolver no aluno a consciência leitora promovendo durante os bimestres a leitura de pequenos textos, os quais devem ser socializados através de recontos, piadas, teatros, poesia, etc. Além dessa, há também o sarau literário, ação desenvolvida ao longo do ano em todas as turmas da instituição, promovendo a leitura e produção textual relacionada à vida dos escritores e suas obras literárias, realizando uma culminância, próxima ao final do ano letivo, em que são promovidas diversas apresentações sobre os trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

Além dos projetos citados, a unidade escolar é parceira de outros projetos desenvolvidos no município, dentre eles, destacamos o “Projeto Viver”, cujo objetivo é o trabalho de prevenção e combate ao uso de drogas. Com esta finalidade busca-se ao longo do ano letivo desenvolver ações no âmbito escolar voltadas para a temática e são culminadas em evento com as demais instituições parceiras.

Ao final desta caracterização, reconhecemos que, apesar das dificuldades vivenciadas diariamente, há um comprometimento de grande parte da equipe escolar, em atuar de forma colaborativa para que a educação ofertada seja de qualidade e faça diferença na vida dos alunos.

Finalizando a caracterização da instituição pesquisada, descreveremos a turma, onde a pesquisa de fato ocorreu. Nesta investigação, nossa atenção volta-se para uma turma de 9º ano do ensino fundamental anos finais do turno matutino da instituição pesquisada. São 26 alunos participantes, sendo 15 meninas e 12 meninos. Com exceção de uma aluna de 24 anos os demais têm uma faixa etária de 14 a 17 anos de idade. É uma turma composta por alunos que residem na zona urbana, e a maioria está na faixa etária esperada para o 9º ano.

Cumpramos ressaltar, aqui, que escolhemos efetuar nosso trabalho de pesquisa com alunos nesse nível de escolaridade, devido à observação da nossa prática docente, apesar de estar cursando o último ano do ensino fundamental, a maioria deles ainda apresentam dificuldades em reconhecer e estabelecer relações sintático-semânticas usando as conjunções coordenadas nas produções textuais de “artigo de opinião”.

Os alunos participaram de todo o processo de aplicação de uma sequência didática contendo atividades de leitura, de interpretação e de análise sintático-semântica das conjunções coordenadas a partir do gênero artigo de opinião, produzindo no final da aplicação duas versões do mesmo texto, os quais serão analisados.

2.4 Descrição da sequência didática

Sabemos que desde a década de 1980, o texto tem se tornado a base do ensino aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino fundamental. Quanto a isso, os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (1998) afirmam que:

não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos - letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases - que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto. (BRASIL, 1998, p.23)

Assim, o professor deve promover o ensino da língua a partir de uma prática, que seja contextualizada a partir do texto, para promover a competência discursiva. Conforme já afirmamos no capítulo 1, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mantém filiação à

proposta de centralidade do texto como unidade de trabalho no processo de ensino aprendizagem de Língua Portuguesa.

Buscando minimizar os problemas relacionados à leitura, interpretação, análise sintático-semântica e à escrita é que escolhemos fazer uso da sequência didática para desenvolvermos em sala de aula o caminho da nossa ação pedagógica, nesta pesquisa. Essa ação parte do que Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004 p. 97) afirmam “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Dessa forma, o professor seleciona textos, a partir dos quais são elaboradas atividades sistematizadas, para serem desenvolvidas em sala de aula a fim de desenvolver competências linguísticas e conseqüentemente a produção do gênero escolhido.

Podemos observar que essa ação coordenada oportuniza aos alunos, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 96):

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas.

Com base nessas considerações é que elaboramos um caderno de atividades sistematizadas, contendo no total sete (07) atividades estruturadas nos moldes do que postulam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Vale ressaltar que, durante a aplicação, adaptamos procedimentos para desenvolver a capacidade de o aluno ler e compreender os sentidos dos textos. A seguir, descrevemos cada etapa que compõe a sequência didática.

2.4.1 Apresentação da situação: primeiro contato com o gênero artigo de opinião

A apresentação da situação é o momento destinado a apresentar a proposta de trabalho com o gênero textual para os alunos e fornecer todas as informações necessárias para que a conheçam. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 99) esse é o “momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada”. Os alunos lerão o primeiro artigo de opinião da sequência e refletirão sobre a temática observando as práticas discursivas e estrutura.

Para iniciar, selecionamos o artigo de opinião “O Brasil precisa de seus eleitores”, de Abílio Diniz, e elaboramos dez questões que exploravam a interpretação e as características do gênero.

O autor do texto traz uma reflexão em pleno processo eleitoral sobre a atual situação do eleitorado brasileiro, que diante de tantas notícias revoltantes sobre corrupção, alto índice

de desemprego e violência, falta de assistência médica e etc., não vê outra alternativa a não ser optar pelo voto branco e nulo. Ele afirma compreender toda a situação, mas tenta convencer o leitor de que “não podemos abdicar das urnas e desistir da luta”, precisamos escolher os nossos representantes e para isso é necessário usar bem o voto escolhendo candidatos sérios e comprometidos com a sociedade. Vejamos o texto:

**O Brasil precisa de seus eleitores
Nossa melhor resposta é buscar candidatos sérios**

Numa eleição tão fundamental para o destino do Brasil, pesquisas apontam que os votos brancos e nulos lideram a preferência dos eleitores. É uma posição compreensível diante de tudo o que vimos e vemos na política. Mas é também muito triste e traz alto risco.

Não podemos abdicar das urnas e desistir da luta. Mais do que nunca, o Brasil precisa dos nossos votos. Não há nada mais cruel que o desemprego, a pessoa querer trabalhar e não conseguir. É desesperador não ter acesso à assistência médica ou se sentir diariamente ameaçado pela violência. As notícias sobre a corrupção e os privilégios são revoltantes.

Compreendo tudo isso. Mas, por isso mesmo, nós precisamos lutar para que a população se engaje nas eleições nesta reta final do processo eleitoral. Não podemos abandonar a luta política e democrática por um Brasil melhor. Não podemos dar as costas ao nosso país e deixar de exercer o direito (e o dever) mais fundamental da democracia: eleger os nossos dirigentes.

As eleições daqui a dois meses são a melhor, talvez a única, forma de encontrarmos caminhos legítimos para superar essa profunda crise. Nossa melhor resposta é usar bem o voto, buscando candidatos sérios, comprometidos com a boa política.

Sim, eles existem. A crise da má política só pode ser resolvida com a boa política. E a boa política passa pelo bom voto.

Há bons políticos em diversos matizes ideológicos e partidários. Para encontrá-los, temos hoje recursos e ferramentas amplamente disponíveis, com informações sobre praticamente todos os candidatos e os seus partidos. Vale o esforço de conhecer a fundo seu candidato ou candidata a deputado, senador e presidente. Serão elas e eles que tomarão decisões fundamentais neste momento crítico da nossa história.

As novas tecnologias empoderam os eleitores. Vamos usar essa nova força para arrumar o destino do Brasil e restaurar a confiança no nosso grande país, a oitava economia do mundo, embora ainda muito distante de realizar seu potencial.

Não há espaço para aventuras, promessas populistas, estelionatos eleitorais. Os projetos dos candidatos são mais importantes do que seus nomes. Vamos cobrar dos políticos e políticas uma campanha respeitosa, focada no bom debate e em projetos para o país. O bate-boca não esclarece nada, só confunde. Ele serve apenas para esconder a verdade e camuflar os maus políticos e os maus projetos.

Esta grande crise é rica em lições. Não aproveitá-las é ser penalizado duplamente por ela e contratar uma crise ainda pior à frente.

Da perspectiva de um empresário que há décadas vive intensamente a economia do Brasil, posso assegurar que já superamos situações piores. Temos fundamentos ainda sólidos nas contas externas, grande volume de reservas, inflação controlada e o juro básico no patamar mais baixo da história.

Apesar das dificuldades, o país está pronto para uma retomada consistente num ambiente econômico global ainda favorável — desde que façamos as reformas fundamentais, a começar pelo reequilíbrio do insustentável quadro fiscal.

Vamos lembrar que a crise econômica e o descrédito da política no final dos anos 1980 levaram à eleição de um presidente populista que adotou medidas heterodoxas que aprofundaram a crise do país. Os erros oferecem lições mais importantes que os acertos.

Amo muito o Brasil. Nasci numa família rica em valores, mas pobre em recursos materiais. Sei o quanto esse país pode oferecer a quem trabalha duro e, por isso, sigo otimista.

Votar (consciente) é a solução. Não abra mão do seu direito. Não fuja do seu dever. Ponha a mão na consciência e o seu voto na urna.

Abílio Diniz - Empresário, presidente do Conselho da Península Participações e membro do Conselho de Administração do Grupo Carrefour. (Disponível em: www1.folha.uol.com.br/opinia0/2018/08). Acesso em: 03 de set. 2018.

As questões elaboradas sobre este texto buscam refletir acerca da temática trabalhada, da questão polêmica que deu origem ao texto, o ponto de vista apresentado pelo autor, os argumentos utilizados em defesa do ponto de vista, as ideias presentes na conclusão e questões de interpretação sobre alguns pontos polêmicos. Estas atividades serão desenvolvidas oralmente, após a entrega dos textos xerocopiados, os alunos deverão ler coletivamente e refletir em torno de seu conteúdo e estrutura, evidenciando as práticas discursivas do gênero, posteriormente receberão as questões que serão discutidas e explicadas pela professora pesquisadora e os alunos devem registrar as respostas por escrito em sala de aula.

Para finalizar essa atividade, será proposta uma análise oral das respostas apresentadas pelos alunos e apresentação das respostas esperadas pela professora pesquisadora. Nesse momento, analisaremos também as questões que os alunos mais demonstrarem dificuldades para aprimorarmos a sequência didática.

2.4.2 Reconhecendo as práticas discursivas do gênero artigo de opinião

Para o segundo momento da apresentação da situação, selecionamos o artigo de opinião “Educação reprovada”, de Lya Luft, com o objetivo de refletir sobre as práticas discursivas fundamentais do gênero em estudo. Apesar de o texto ter sido produzido em 2011, desenvolve uma temática atual, contextualizada pela própria realidade dos alunos.

A autora defende a tese de que a educação brasileira vive um verdadeiro caos: alunos não se esforçam mais, não há punição, não pode mais falar em reprovação, vivemos a “moda do aprender brincando”. Para isso, faz uso de vários argumentos com o intuito de convencer o leitor de que as facilidades proporcionadas aos estudantes trazem enormes consequências para o seu futuro, por fim, conclui o texto reafirmando a necessidade de ação, de mais investimentos na educação para que tenhamos um ensino de qualidade. Leiamos o texto:

‘Educação: reprovada’

Há quem diga que sou otimista demais. Há quem diga que sou pessimista. Talvez eu tente apenas ser uma pessoa observadora habitante deste planeta, deste país. Uma colunista com temas repetidos, ah, sim, os que me impactam mais, os que me preocupam mais, às vezes os que me encantam particularmente. Uma das grandes preocupações de qualquer ser pensante por aqui é a educação. Fala-se muito, grita-se muito, escreve-se, haja teorias e reclamações. Ação? Muito pouca, que eu perceba. Os males foram-se acumulando de tal jeito que é difícil reorganizar o caos.

Há coisa de trinta anos, eu ainda professora universitária, recebíamos as primeiras levas de alunos saídos de escolas enfraquecidas pelas providências negativas: tiraram um ano de estudo

da meninada, tiraram latim, tiraram francês, foram tirando a seriedade, o trabalho: era a moda do “aprender brincando”. Nada de esforço, punição nem pensar, portanto recompensas perderam o sentido. Contaram-me recentemente que em muitas escolas não se deve mais falar em “reprovação, reprovado”, pois isso pode traumatizar o aluno, marcá-lo desfavoravelmente. Então, por que estudar, por que lutar, por que tentar?

De todos os modos facilitamos a vida dos estudantes, deixando-os cada vez mais despreparados para a vida e o mercado de trabalho. Empresas reclamam da dificuldade de encontrar mão de obra qualificada, médicos e advogados quase não sabem escrever, alunos de universidades têm problemas para articular o pensamento, para argumentar, para escrever o que pensam. São, de certa forma, analfabetos. Aliás, o analfabetismo devasta este país. Não é alfabetizado quem sabe assinar o nome, mas quem o sabe assinar embaixo de um texto que leu e entendeu. Portanto, a porcentagem de alfabetizados é incrivelmente baixa.

Agora sai na imprensa um relatório alarmante. Metade das crianças brasileiras na terceira série do elementar não sabe ler nem escrever. Não entende para o que serve a pontuação num texto. Não sabe ler horas e minutos num relógio, não sabe que centímetro é uma medida de comprimento. Quase a metade dos mais adiantados escreve mal, lê mal, quase 60% têm dificuldades graves com números. Grande contingente de jovens chega às universidades sem saber redigir um texto simples, pois não sabem pensar, muito menos expressar-se por escrito. Parafraseando um especialista, estamos produzindo estudantes analfabetos.

Naturalmente, a boa ou razoável escolarização é muito maior em escolas particulares: professores menos mal pagos, instalações melhores, algum livro na biblioteca, crianças mais bem alimentadas e saudáveis – pois o estado não cumpre o seu papel de garantir a todo cidadão (especialmente a criança) a necessária condição de saúde, moradia e alimentação.

Faxinar a miséria, louvável desejo da nossa presidenta, é essencial para nossa dignidade. Faxinar a ignorância – que é uma outra forma de miséria – exigiria que nos orçamentos da União e dos estados a educação, como a saúde, tivesse uma posição privilegiada. Não há dinheiro, dizem. Mas políticos aumentam seus salários de maneira vergonhosa, a coisa pública gasta nem se sabe direito onde, enquanto preparamos gerações de ignorantes, criados sem limites, nada lhes é exigido, devem aprender brincando. Não lhes impuseram a mais elementar disciplina, como se não soubéssemos que escola, família, a vida sobretudo, se constroem em parte de erro e acerto, e esforço. Mas, se não podemos reprovar os alunos, se não temos mesas e cadeiras confortáveis e teto sólido sobre nossa cabeça nas salas de aula, como exigir aplicação, esforço, disciplina e limites, para o natural crescimento de cada um?

Cansei de falas grandiloquentes sobre educação, enquanto não se faz quase nada. Falar já gastou, já cansou, já desiludiu, já perdeu a graça. Precisamos de atos e fatos, orçamentos em que educação e saúde (para poder ir a escola, prestar atenção, estudar, render e crescer) tenham um peso considerável: fora isso, não haverá solução. A educação brasileira continuará, como agora, escandalosamente reprovada.

Luft, Lya. Disponível no site <https://veja.abril.com.br/blog/.../8216-educacao-reprovada-8217-um-artigo-de-lya-luf>). Acesso em: 03 de set. 2018.

O desenvolvimento das atividades com este texto é previsto em quatro momentos: leitura oral do texto pela professora pesquisadora, interpretação oral das ideias apresentadas pela autora, interlocução sobre as práticas discursivas do gênero artigo de opinião evidenciando-as no texto e, finalmente, a resolução de nove questões escritas que discutem aspectos relacionados à compreensão do gênero, tais como: objetivo do texto, veículo de comunicação em que foi publicado, identificação da tese e estrutura do artigo de opinião e identificação de argumentos. Ao final, todas as questões terão as respostas analisadas oralmente pela professora pesquisadora, e serão corrigidas conforme a necessidade.

2.4.3 Produção Inicial: escrevendo seu primeiro artigo de opinião

Após o contato com o gênero e o conhecimento da sua estrutura e de suas práticas discursivas, chega-se o momento dos alunos escreverem a produção inicial que segundo a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 102) “tem um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os alunos quanto ao professor”, pois permite ao pesquisador observar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e planejar as intervenções necessárias para alcançar os objetivos propostos, assim como os próprios alunos podem reconhecer as dificuldades relativas ao gênero em estudo.

Na busca por um assunto para a primeira produção, decidimos propor aos alunos o tema “A importância do voto consciente: condição para um Brasil melhor”, temática bastante discutida no 1º texto desta sequência didática. Para direcioná-los elaboramos uma proposta composta por três textos motivadores. Eis a proposta abaixo:

Após o contato com o gênero artigo de opinião e o estudo de suas características, você já pode se colocar na posição de um articulista e produzir seu primeiro artigo. Com base nos textos motivadores I, II e III, escreva um artigo de opinião defendendo seu ponto de vista sobre o tema: **A importância do voto consciente: condição para um Brasil melhor.**

TEXTO I

Você liga a TV e as mesmas palavras aparecem: desvio de dinheiro público, improbidade administrativa, caixa 2. Sem falar nos deslizes que os governos cometem mesmo quando são bem-intencionados. Diante de tanta desilusão com a política no Brasil, muita gente decide chutar o balde, recusar todos os candidatos de uma vez e votar nulo. Outros se perguntam se, afinal de contas, o ato de anular tem algum valor para melhorar o país.

[...]

O voto nulo não serve como protesto, mas como exercício de consciência: se o eleitor não conhece os candidatos bem o suficiente para votar neles, é melhor ficar quieto e não votar em ninguém. (...) O voto nulo pode ser um direito jogado fora, mas também uma escolha consciente de quem não se sente apto para tomar uma decisão.

Disponível em: <https://www.imagineie.com.br/temas/importancia-do-voto-consciente-para-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 04 de set. 2018.

TEXTO II



Disponível em <http://professoramariadalva.blogspot.com/2010/04/charge-curto-e-grosso.html>. Acesso em: 04 de set. 2018.

TEXTO III

Em países de regime *democrático* o poder político é do povo. Numa democracia representativa, como a nossa, ele participa da tomada de decisões e da condução *política* do governo por meio de seus representantes. Assim é para que o povo possa atuar politicamente na vida do país. É da nossa Constituição.

[...]

Num modelo republicano, formatado pela eletividade e temporariedade dos governantes, nada mais legítimo do que a escolha de nossos representantes ser feita com o engajamento de todos os cidadãos habilitados a votar. Vamos às urnas. Façamos acontecer. Não sejamos meros espectadores dos detentores temporários do poder. Sejamos protagonistas do processo eleitoral. #VemVotar!

DALL'AGNOL, Jorge. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/noticia/2018/08/sejamos-protagonistas-do-processo-eleitoral-cjvkxnuq01ru01qkugxowoap.html>. Acesso em: 04 de set. 2018.

Os excertos são bastante reflexivos, o primeiro analisa a questão polêmica do voto nulo; a tirinha do Angeli ironiza uma situação cotidiana em época de eleições no Brasil, a falta de conhecimento do eleitor; e o terceiro fragmento discute o valor do envolvimento político do cidadão para garantia do direito de votar.

Os textos escritos pelos alunos serão recolhidos pela professora pesquisadora para análise e direcionamento das atividades a serem trabalhadas nos módulos.

2.4.4 Módulo I - Observando a importância das conjunções como elementos articuladores entre as partes de um artigo de opinião

Para os autores Doz, Noverraz e Schenuwly (2004) nos módulos devem-se trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção com o intuito de superá-los. Os textos produzidos inicialmente serão analisados, porém a princípio, para o primeiro módulo, organizamos atividades de leitura, interpretação e, principalmente de análise sintático-semântica das conjunções coordenadas, visto que o foco da pesquisa é analisar a articulação da argumentação usando estes elementos.

Para este módulo escolhemos o texto “O que fazer com as cinzas”, escrito por Míriam Leitão, colunista do Jornal O Globo.

O que fazer com as cinzas

É tão simbólico que grita. O incêndio do Museu Nacional em momento de tanta confusão sobre quem somos nós parece deliberado. E de certa forma é. Queimamos o nosso passado, ignoramos o nosso futuro e ficamos prisioneiros do redemoinho presente. Os brasileiros choram hoje sobre as cinzas e se perguntam como recuperar o patrimônio perdido. Irrecuperável, dizem os especialistas e cada um de nós sabe que é verdade. Mas haverá um amanhã depois do incêndio.

O meteorito sobreviveu, mas não a história do Brasil. E o que fazer agora? Na manhã do dia seguinte tudo o que se sabe é que o próprio prédio pode ruir. Perdeu-se um patrimônio da riqueza natural, da história que vivemos e do que houve nos milhares de anos antes de começarmos a construir o que podemos chamar de civilização brasileira. Anda Luzia. E agora? A presidente do Iphan anunciou que “Luzia morreu”. Ela resistiu por milhares de anos, mas não sobreviveu a nós. E teremos que explicar isso aos estudantes, porque museu é parte da educação de um povo.

Neste tempo da perplexidade é inevitável pensar no simbolismo de tudo isso. De certa forma, o Brasil sempre ignorou seu passado. Durante muito tempo preferimos fazer blague sobre os personagens fundadores do que somos, preferimos jogar luz sobre os maiores defeitos de cada personagem e não seus acertos. Rimos dos exotismos, e não valorizamos as sagas. Nas viagens ao exterior, visitamos museus e reverenciamos a história alheia. Mas aqui, deixamos para ir aos museus de arte ou de história em outro momento. Afinal, eles estarão sempre ali. E quando chegam as notícias, parcas, esporádicas, de que a manutenção do patrimônio está precária, lamentamos e vamos cuidar da vida. Há tantas emergências, o passado fica para depois.

Na noite de domingo, muita gente chorou vendo chamas poderosas nos aplicando castigo irrecorrível. O fogo não deu segunda chance.

Na manhã do dia seguinte, acordamos desamparados, sem identidade, sem uma parte de nós. Mas precisaremos entender o que houve, onde foi que erramos tanto e tentar prevenir novos desastres. Há um patrimônio ainda a preservar e isso deve envolver todo mundo, cidadãos, empresas, instituições, governos.

Não adiantará culpar um governo, mas todos; uma pessoa, mas todas; os outros, mas cada um de nós. E mais do que culpar é preciso refletir e entender. Ainda é cedo, é o momento do choque da perda abrupta, total e inesperada. Só há uma forma de começar de novo: é pensar no que fazer com os outros museus e sítios históricos, com o patrimônio natural que permanece, com os fatos passados que ainda não entendemos.

Há países em que as empresas abraçam constantemente a história para a recuperação e a manutenção. Podem dizer que fazem isso porque depois descontam no imposto de renda. Pode ser. Mas aqui os governos dão cada vez mais dinheiro para as empresas, reduzindo os tributos de forma aleatória, sem que haja qualquer contrapartida. Os grupos econômicos recebem por receber, só para aumentar seus lucros, apenas porque dizem que irão embora para outro país se nada receberem, ou estão com a existência ameaçada pela concorrência externa. Quase não há mecenas e benemerentes, nem grandes, nem pequenos.

Há outros erros. Nos momentos de cortes, a Cultura é o ponto em que a tesoura vai em primeiro lugar. Nos momentos em que a austeridade é necessária, nunca escolhemos os gastos certos. O dinheiro do BNDES era pouco, alguns milhões, que bom que foi liberado, mas chegou tarde para o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Inevitável a comparação com a presteza dos bilhões que foram engordar os bois nos pastos, e as contas bancárias de alguns.

Dona Leopoldina era criticada e chamada de “imperatriz deselegante” porque, a cavalo, de camisa e calça masculinas, saía em busca de pedras e plantas raras para começar a construir o acervo científico nacional. Isso foi no princípio. No domingo vimos o fim, o que fizemos com o trabalho dela e de milhares de outros pesquisadores que buscaram nossas raízes, que conservaram relíquias, que escavaram o chão atrás do passado. O meteorito sobreviveu a nós, porque é capaz de resistir a todo tipo de desaforo na sua viagem incandescente até a terra. O país terá que procurar nas cinzas o resto do seu passado. E nesta hora do luto, precisará entender o que fazer no tempo do recomeço com o patrimônio que ainda temos.

LEITÃO, Míriam. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/o-que-fazer-com-cinzas.html>. Acesso em: 07 de set. 2018.

O artigo “*O que fazer com as cinzas*” traz uma reflexão do ponto de vista crítico sobre um acontecimento ocorrido recentemente, o incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro. São propostas (11) questões escritas, (8) buscam enfatizar o sentido, o valor semântico e a função das conjunções usadas no texto como elementos articuladores, e as outras (3) visam

identificar a tese e os argumentos. Todas as atividades após serem concluídas pelos alunos serão analisadas oralmente pela professora pesquisadora e corrigidas sempre que necessário.

2.4.5 Módulo II - Estudo das conjunções coordenadas como elementos articuladores e suas funções no texto.

Conforme afirmamos anteriormente, para elaborarmos a sequência didática, orientamo-nos, principalmente, nas abordagens teóricas de Dolz, Noverraz e Schneuwly, no entanto cabe ressaltar que durante a organização fizemos algumas adaptações em sua estruturação, uma delas observa-se neste módulo.

Com o objetivo de criar condições pedagógicas para que os alunos compreendam a função sintático-semântica das conjunções coordenadas em artigos de opiniões e que ao produzirem esse gênero sejam capazes de usá-las adequadamente, organizamos o II módulo com o objetivo de realizar um estudo sobre todas as conjunções coordenadas e seus possíveis valores semânticos dentro do texto. Para isto, elaboramos dois quadros, um com todas as conjunções coordenadas, os valores semânticos e exemplos de frases curtas em que utiliza estes conectores; e outro quadro que apresenta apenas os valores particulares das conjunções “E” e “MAS”, exemplificando - os. Vejamos os quadros a seguir:

Quadro 2 – Conjunções coordenadas / Valores semânticos

CONECTIVO	VALOR SEMÂNTICO	EXEMPLO
E, nem = [e não], mas ainda, mas também, como também (empregadas depois de não só).	Ligam dois termos ou duas orações de idêntica função.	“Leonor voltou-se e desfaleceu.” “Ele não me agradece, nem eu lhe dou tempo.”
Mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto, não obstante.	Ligam dois termos ou duas orações acrescentando-lhes uma ideia de contraste.	“Mariana revirou todas as gavetas, porém não encontrou a carta.” “Os políticos prometem grandes mudanças, mas poucos realizam.”
Ou (repetida ou não), ora, já, quer, seja, nem (quando repetidas).	Ligam dois termos ou duas orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre.	“ Ou aceita meu convite, ou irei novamente sozinha.” “A criança ora agitava-se no berço, ora adormecia febril.”

Logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.	Serve para ligar uma oração à outra que exprime conclusão, consequência.	“Não guardou nenhuma economia, logo vive de favores.” “Conheci, pois, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica.”
Que = [porque], pois (quando vem antes do verbo), porque, porquanto.	Ligam duas orações, a segunda justifica a ideia contida na primeira.	“Os hóspedes ficaram satisfeitos, pois foram bem atendidos.” “Não insista, que ele não virá ao encontro.”

Fonte: CUNHA, Celso, 2001, p. 580 – 581. (Adaptado)
SARMENTO, Leila Lauer, 2005, p. 304 – 305. (Adaptado)

Quadro 3 – Valores particulares das conjunções E/Mas

CONECTIVO	VALORES PARTICULARES	EXEMPLOS
E	adversidade	“Tanto tenho aprendido e não sei nada.
	Consequência ou conclusão	“Qualquer movimento, e será um homem morto.”
	finalidade	“No elevador, em frente ao espelho, levou um lenço aos olhos e retocou a pintura.”
	Consequência	“Estou sonhando, e não quero que me acordem.”
	Explicação enfática	“Que perdoava tudo, menos que lhe mordessem na reputação das filhas. Estavam cansadas, e muito bem cansadas.”
	Iniciar frases de intensidade afetiva, com valor próximo ao de interjeições.	“ — E os críticos! E os leitores! E a glória! Esgaravatarem tudo, raspam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixaram respirar.”
	restrição	“ — Vai, se queres, disse-me este, mas temporariamente.”
		“ — O major, hoje, parece que

mas	retificação	tem uma ideia, um pensamento muito forte. ____Tenho filho, não de hoje, mas de há muito tempo.”
	Atenuação ou compensação	“Vinha um pouco transtornado, mas dissimulava, afetando sossego e até alegria.”
	adição	“Era bela, mas principalmente rara.”
	Mudança de sequência de um assunto, geralmente para retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso.	“ Mas continua. Não te esqueças do que estavas a contar.”

Fonte: Cunha, Celso 2001, p. 582 – 585. (Adaptado)

Ancorados em Travaglia (2004), podemos dizer que o nosso objetivo com essa atividade é formar usuários capazes de usar a língua de modo adequado à situação de interação comunicativa, obtendo os efeitos de sentidos desejados para determinadas intenções comunicativas específicas. Pretendemos levar os alunos a compreenderem que as conjunções coordenadas quando inseridas em um determinado contexto geram diferentes efeitos de sentidos.

A aplicação desse módulo deve ocorrer através de aula explicativa e interlocuções sobre as possíveis dúvidas surgidas durante a explicação.

2.4.6 Módulo III – Reconhecimento do valor semântico dos elementos articuladores encontrados nos artigos de opinião

O III módulo traz dois artigos de opinião “Incêndio do Museu Nacional é vitória da intolerância e morte do conhecimento” de Felipe Milanez e “Passamos um limite perigosíssimo com a tentativa de matar Bolsonaro” de Carla Jiménez. Os textos foram selecionados com o objetivo de explorar o valor semântico das conjunções neles presente; além disso, o segundo texto também foi disposto neste módulo com o propósito de motivar a escrita do texto final, estimulando os alunos a pensarem na divergência de opiniões diante de

qualquer situação, lembrando que é possível haver conflitos entre as ideias expressas por cada indivíduo, mas precisamos ser pacíficos diante delas. Leiamos os textos:

TEXTO I

Incêndio do Museu Nacional é vitória da intolerância e morte do conhecimento

Na vigília, era terrível ver as expressões de sofrimento de quem tinha em mente exatamente o que estava sendo consumido

Na noite de domingo, 2 de setembro, na Quinta da Boa Vista, o cenário era de perplexidade diante da dimensão catastrófica do incêndio do Museu Nacional. A polícia tentava barrar pessoas indignadas que vinham oferecer seus braços para remediar a tragédia, alguns professores, estudantes e funcionários montaram vigília e estavam lá estarecidos ao verem seus trabalhos de vida ardendo em chamas.

Bombeiros chegavam impotentes. Poucos jatos de água cortavam a fumaça caindo nas brasas, numa falta evidente de planejamento para uma tragédia dessa dimensão que poderia ocorrer – descaso não dos bombeiros que estavam lá trabalhando, mas daqueles que construíram de forma objetiva a “falta de condições”.

Foi um domingo quente de sol no Rio, já uns dias sem chover, o que contribuiu para deixar todo o ar mais inflamável. Hidrantes estavam sem água. Há cada 20 minutos ou meia hora, chegava um caminhão pipa com água, apressado. Na escuridão do breu da mata da Quinta, reluzia ainda mais assustadora as chamas imensas que ganhavam um contorno mais apocalíptico nesse cenário devastador.

As chamas cresciam, e dava para ver voar pela força do vapor matérias físicas, misturadas com a fumaça: não deixava de pensar o que estava sendo destruído ali, uma tese, uma dissertação, uma flauta indígena, um cocar, uma planta rara coletada há 200 anos? Na vigília, era terrível ver as expressões de sofrimento de quem tinha em mente exatamente o que estava sendo consumido.

Cheguei no Museu pouco depois das 10 da noite, o incêndio começara por volta das 19h30 e o fogo crescia e ardia cada vez mais, e seguiu ardendo no amanhecer, fogo de mais de 12 horas, ardeu até quase o amanhecer.

Os primeiros andares estavam em brasa fumegante, a torre esquerda queimando incessantemente com chamas fortes saindo pelas janelas, quando pouco depois explodiu em chamas ainda maiores a torre direita. O fogo se alastrava rápido. A pouca água que jorrava da mangueira de um caminhão dos bombeiros era um fio inofensivo nesse cenário. E eram poucos caminhões, poucos bombeiros, poucos recursos diante de uma catástrofe gigantesca.

No ar, um misto de tristeza profunda e revolta. Raiva, indignação. Alguns estudantes e pesquisadores ali na frente do Museu, ora choravam, ora expressavam raiva pura diante desse crime premeditado: o incêndio é um crime contra a história do Brasil, contra a luta por direitos, contra a ciência que poderia produzir um conhecimento para uma vida melhor, ajudar a combater as mudanças climáticas, a mudar nosso modo de se relacionar com o planeta e a deixar o mundo habitável para as futuras gerações, e menos desigual, menos injusto. Um epistemicídio anunciado, que caminha ao lado do genocídio em marcha. Um projeto de país que se funda na destruição.

O fogo no Museu Nacional é uma das maiores tragédias da humanidade - sim, muito além do Brasil -, é como a queima da Biblioteca de Alexandria da história do Brasil, da história da fauna, da flora, da história dos povos indígenas, da colonização... É uma destruição de memórias, de livros, de peças, de artefatos, de áudios, de imagens, de fósseis que sobreviveram a milhares de anos, de vidas inteiras dedicadas à pesquisa, de conhecimento acumulado para a humanidade, um acervo imprescindível para as futuras gerações. Mataram o conhecimento e, nesse sentido, provocaram um epistemicídio.

Ainda que não exista até o momento a determinação das causas do incêndio, certamente as condições para que ele ocorresse de forma tão devastadoras é sim um crime. E ao mesmo tempo, reflexo do País que nos tornamos, um país bruto, insensível, ignorante, desigual, autoritário.

Cortes das bolsas, falta de investimentos básicos. Se foi com Temer que ruiu o Museu, assim como tantos outros espaços públicos estão sendo destruídos, é evidente que muito poderia ter sido feito antes. Mas é difícil no país que se construiu, algum ministro ou governante pensar em um projeto que deve levar mais de dez anos, como seriam necessários para realizar verdadeiras obras no Museu Nacional.

Agora, o governo anuncia postumamente que havia fechado um acordo com o BNDES de cerca de 20 milhões de reais para a infraestrutura básica — enquanto isso, ali do lado do Museu Nacional, era transtornador ver o Estádio do Maracanã que recebeu mais de um bilhão poucos anos atrás. Há um descompasso tremendo.

E não foram apenas peças do acervo do Museu Nacional que foram corroídas: havia milhares de peças de outros museus e centros de pesquisas, como, por exemplo, cabeças esculpidas pelo povo mundurucu, que pertenciam ao Museu Paraense Emílio Goeldi e haviam sido emprestadas para uma exposição há cerca de cem anos. Era um museu verdadeiramente nacional.

As primeiras notas emitidas pelo governo mancham suas próprias mãos. Era anunciado o risco, ameaças de fechamento do museu, cortes nas bolsas dos pesquisadores e o governo sabia que estava deixando o país inteiro exposto com os cortes irresponsáveis.

O estrangulamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os cortes seguidos do governo federal, o descaso, o desdém não são apenas falta de interesse, mas sim “um projeto”, como já disse Darcy Ribeiro.

Por isso, um epistemicídio, a morte do conhecimento, que caminha lado a lado, como publiquei nessa coluna há uma semana, ao genocídio em curso dos povos indígenas, da população jovem negra, e do crescente fascismo.

Destruir o Museu Nacional é uma vitória da intolerância, do Brasil escravista e colonizador, talvez esses alguns fantasmas que podem ter sido exumados pelo fogo e que estão vivendo tão junto na nossa contemporaneidade.

MILANEZ, Felipe. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/incendio-do-museu-nacional-e-vitoria-da-intolerancia-e-morte-do-conhecimento>. Acesso em: 08 de set. 2018.

TEXTO II

Passamos um limite perigosíssimo com a tentativa de matar Bolsonaro

É urgente traçar a linha divisória que nos tire da espiral deprimente, fomentada pelo ódio. Somos anjo e demônio ao mesmo tempo, e é preciso decidir qual dos dois será fortalecido

A campanha eleitoral de 2018 ultrapassou a fronteira perigosa de ver um atentado a um candidato à presidência da República. A cena de um homem atingindo o capitão da reserva Jair Bolsonaro com uma faca materializou o extremo da polarização belicosa que o Brasil vive há pelo menos quatro anos. Bolsonaro correu risco de morrer. Foi salvo pela competência da equipe médica do hospital de Juiz de Fora. Adélio de Oliveira tentou assassiná-lo e as motivações para este ato miserável são confusas. Isso não muda uma realidade que já está embaixo do nosso nariz há alguns anos. Faz tempo que o país vem flertando com essa violência, mas até agora chegávamos à beira do abismo. Na véspera de feriado de independência, esse limite foi transposto, e se não houver uma mobilização urgente dos demais presidentiáveis e de todos os que têm voz na sociedade cairemos ainda mais na escala da dignidade humana.

Não faltaram os alertas. No dia 8 de março de 2016, o ministro Marco Aurélio de Mello temia o antagonismo das ruas quando os protestos pelo impeachment estavam no ápice, e as manifestações pró-PT ganharam força, depois da condução coercitiva do ex-presidente Lula no dia 4 daquele mês. “Receio as agressões físicas. Já pensou surgir um cadáver? A história revela que quando um cadáver surge a coisa degrading”, afirmou Mello. Degringolou, e o cadáver é o esforço para civilizar o Brasil.

Já desde aquele episódio a tormenta estava em formação, e traria novas cenas degradantes ao cenário político, como foram os tiros na caravana do ex-presidente Lula em março deste ano, no Paraná. Os disparos atingiram a lataria de dois ônibus que seguiam em carreata que acompanhava o ex-presidente.

O *Fla X Flu* vergonhoso, no entanto, já passou por cenas bizarras como a do ex-vereador Maninho do PT cedendo à provocação de um manifestante, Carlos Alberto Bettoni, que xingava o senador Lindbergh Farias na porta do Instituto Lula, em São Paulo, cinco meses atrás. Bettoni foi empurrado por Maninho, e bateu a cabeça num caminhão que passava ali. Teve traumatismo craniano, e precisou ser internado. Felizmente, sobreviveu. Muito antes, no final de 2015, o cantor Chico Buarque foi xingado aos gritos, no Rio, no final de 2015, por anti-petistas. Teve também o ator José de Abreu, petista declarado, cuspidando num casal que o xingava num restaurante também no Rio. E petistas com mensagens intimidadoras contra jornalistas quando o ex-presidente ficou no sindicato dos metalúrgicos do ABC antes de se entregar em abril deste ano.

O ataque a Bolsonaro inaugura um novo político muito mais perigoso. Afeta (ou deveria afetar) a já baixa autoestima do brasileiro, numa semana em que perdemos completamente o chão com o incêndio ao Museu Nacional do Rio. O acervo de dois séculos perdido no fogo revelou o desprezo que temos como sociedade pela nossa memória. A tentativa de assassinar um candidato mostra que também desprezamos a crescente onda de ódio que cegou o Brasil a ponto de uma pessoa se sentir autorizada a tentar assassinar um homem público na frente de uma multidão. Guarda alguma semelhança com o crime contra a vereadora Marielle Franco, muito embora esta última venha ainda mais carregada de dor e impotência. Ela perdeu a vida pelas mãos de um assassino que se esconde até hoje e as respostas não são dadas à altura da gravidade daquele crime.

É urgente a necessidade de estancar essa sangria, traçar uma linha divisória que nos tire dessa espiral deprimente. E isso não será possível com mais mensagens de ódio que fomentem o revide a essa tentativa de assassinato. Todos somos o anjo e o demônio ao mesmo tempo, e é preciso decidir qual dos dois será fortalecido. Se vamos alimentar a pacificação e a empatia por um país mais sadio, ou entrar na onda de justificar o injustificável segundo a cor política.

O Brasil está numa delicada corda bamba e a facada desequilibra ainda mais o país. A tentativa de matar Bolsonaro vai alterar o rumo da campanha de todos os candidatos, que precisarão rever suas estratégias, principalmente os que tinham a comunicação calcada nos ataques à agressividade do que hoje lidera as pesquisas sem Lula na disputa. O impacto das imagens da facada, e a confirmação da gravidade do atentado, sensibiliza a população. Se por um lado cria-se empatia com o candidato, os sentidos ficam mais aguçados para as mensagens reais e oportunistas. Os próprios aliados do capitão da reserva atingido terão de ponderar muito bem suas palavras e ações neste momento de atenção plena para Bolsonaro. A primeira, e fria leitura, é que o acidente o beneficia na corrida eleitoral. Mas, para que o candidato continue competitivo na disputa, será preciso ponderar bem o eixo que se vai adotar. Ainda que a exposição deste momento o favoreça, as provocações que o candidato protagoniza não vão desaparecer da mente de quem já o rejeitava.

JIMÉNEZ, Carla Jiménez. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/07/opinion/1536277562_160382.html. Acesso em: 10 de set. 2018.

No texto I, o autor o inicia fazendo uma descrição subjetiva do cenário e em seguida uma reflexão crítica sobre a maior tragédia contra o patrimônio histórico-cultural brasileiro, o incêndio do Museu Nacional, ocorrido em setembro de 2018. Ao longo do texto deixa claro que o desastre simbolizou para as pessoas a falta de vontade de construir uma nação em que a cultura e história são importantes, questionando a falta de investimentos e projetos para o setor cultural.

O texto II tece uma crítica em relação à violência que o Brasil vem enfrentando diante da forte oposição de ideias. Evidencia como principal fato a tentativa de matar Bolsonaro, mas elencam vários outros exemplos do cenário político para mostrar a crescente onda de ódio que se dissemina no Brasil, alertando o leitor para a necessidade urgente de mudar essa realidade.

Para trabalharmos os textos, os alunos serão divididos em dois grupos com o objetivo de ler em conjunto o artigo sob responsabilidade do grupo, observando as conjunções coordenadas utilizadas para articular as ideias sintático-semânticamente e analisar a possibilidade de substituí-las por outra de valor textual próximo. Ao concluírem a atividade

em grupo, será realizada uma apresentação oral dos resultados obtidos para o restante da turma.

2.5 Produção final e reescrita

Finalizado o módulo III chegamos à última etapa da sequência didática, a produção final, etapa que permite ao aluno colocar em prática as noções adquiridas ao longo do processo e ao professor pesquisador observar o impacto das atividades trabalhadas nos módulos e nos textos produzidos individualmente. Para esta atividade de produção será proposto o tema “Opiniões divergentes: aceitar ou intolerar?”. Os alunos terão de produzir um artigo de opinião a partir desse tema. Para tanto, selecionamos três textos motivadores.

TEXTO I

O desafio de conviver com opiniões divergentes

Os conflitos começam quando há uma discordância ou oposição em termos de valores, crenças ou interesses entre duas ou mais pessoas. A divergência não é o conflito em si, mas é a sua causa. O conflito surge quando essa discordância nos leva a tomar medidas para eliminar, neutralizar ou minimizar o oponente. Afinal, como podemos conviver com opiniões divergentes?

Às vezes, o confronto ocorre em termos verbais. O objetivo é persuadir ou impor ao outro os seus próprios motivos. Em outras ocasiões, os conflitos geram ações diretas que podem ser uma violência direta ou velada. Em todos os casos, o objetivo é sempre o mesmo: que uma das opiniões ganhe e prevaleça sobre a outra.

Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/desafio-conviver-com-opinioes-divergentes/>. Acesso em: 11 de set. 2018.

TEXTO II

A intolerância nasce perto da raiva, assim como o medo. São emoções primitivas, do nosso sistema límbico, existem desde que o mundo é mundo, mas são sentimentos passageiros, domáveis. No entanto, quando a intolerância é transformada em conceito —inteligentemente manipulado—, ela vira ódio.

Elie Wiesel, sobrevivente do Holocausto e Nobel da Paz em 1986, definiu que a intolerância está localizada exatamente no início do ódio, é sua semente. Com o ódio não se transige. Simplesmente se desmascara, se denuncia, se pune, se exclui da sociedade humana. A única saída contra o ódio é impedir que ele germine, enfatiza Wiesel.

A intolerância é uma força mais sutil que o ódio; mas, se não a detivermos, será tarde demais.

COLLOR, Thereza. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2018/08/a-intolerancia-como-armadilha-para-o-brasil.shtml>. Acesso em: 11 de set. 2018.

TEXTO III



Disponível em: <https://projetoummilhar.com.br/index.php/temas/97-proposta-de-redacao-odio-e-polarizacao-na-politica-como-combater-esse-mal>. Acesso em: 11 de set. 2018.

O primeiro fragmento “O desafio de conviver com opiniões divergentes” busca esclarecer o conceito de causa e consequência de um conflito. O segundo texto apresenta um fragmento retirado do texto “A intolerância como armadilha”, e esclarece o sentido da palavra intolerância; já o último, um cartoon de Guilherme Bandeira, ilustra por meio de uma linguagem não verbal, uma situação de discussão em que as personagens não respeitam a opinião do outro.

Na produção final, espera-se que os alunos demonstrem aprendizado em relação à produção de argumentos com vista a defender o ponto de vista assumido no texto, utilizando adequadamente nessa construção as conjunções coordenadas, elementos considerados de fundamental importância na organização textual. Essas expectativas, se confirmadas, demonstrará a eficácia da aplicação desta sequência didática para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

A produção final conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) tem um caráter documental para o aluno, pois é nesse momento que irá sintetizar a aprendizagem decorrente da metodologia aplicada, pois:

- Indica-lhes os objetivos a serem atingidos e dá-lhe, portanto, um controle sobre seu próprio processo de aprendizagem (O que aprendi? O que resta a fazer?);

- Serve de instrumento para regular e controlar seu próprio comportamento de produtor de textos, durante a revisão e reescrita;
- Permite-lhe avaliar os progressos realizados no domínio trabalhado. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p.107)

Após a produção do texto final, a professora pesquisadora fará uma análise de todos, para que se necessário, sejam reescritos. É importante destacar que neste processo nosso foco será a reflexão sobre o que o aluno escreveu, observando aspectos relacionados à estrutura, à temática, os conectivos para articular as ideias apresentadas e poderá também observar a noção de parágrafo, a ortografia, os acentos gráficos e a concordância, pois, geralmente, os textos dos alunos carecem de adequação nesses aspectos.

Nesse momento é necessário orientar o aluno no sentido de compreender que a reescrita é parte integrante da escrita, o texto é um objeto a ser retrabalhado com o intuito de aprimorá-lo. Há essa necessidade porque o trabalho com a reescrita textual é muito pouco na escola.

Para o aprimoramento teórico-metodológico a respeito da reescrita, buscamos nos fundamentar em Gonçalves e Bazarim (2013, p. 22) que propõem a correção interativa, por meio de listas/constatações. Para os autores esse tipo de correção é apresentado através de uma série de itens que caracterizam /estabilizam os gêneros em processo de transposição didática. Desse modo usamos como instrumento de intervenção no texto dos alunos um quadro contendo uma lista de critérios a serem observados como instrumento regulador da aprendizagem para reescrita dos textos. Vale ressaltar que os critérios contidos na lista foram elaborados pela professora pesquisadora, porém acreditamos que contém um vocabulário já conhecido pelos alunos, pois se trata de questões que foram debatidas durante a aplicação dos módulos. Observe a seguir o quadro para análise e reescrita do texto.

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados: Avaliação de produção do gênero artigo de opinião.

Quadro 4 - Avaliação de produção do gênero artigo de opinião

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		
O texto está bem organizado		

em parágrafos?		
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		
Assumi uma posição diante da questão discutida?		
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		
Concluiu o texto reforçando sua posição?		
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

A partir das questões pontuadas espera-se que o aluno ajuste o que escreveu, reescrevendo o seu próprio texto.

2.6 Descrição das aulas

As atividades elaboradas na sequência didática foram aplicadas em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental do colégio pesquisado, onde a professora pesquisadora é lotada como regente em sala de aula, porém não ministra nenhuma disciplina nesta turma. Para desenvolver as atividades da sequência, fez-se uma parceria com as professoras de língua portuguesa e redação da turma.

Na primeira aula, a diretora do colégio se disponibilizou a ir até a sala de aula, já que a professora titular da disciplina estava ausente no dia. No momento fez-se a apresentação da professora pesquisadora, explicou os objetivos do trabalho e das aulas que seriam desenvolvidas e pediu a colaboração e o empenho dos alunos nas atividades propostas.

A professora pesquisadora, também aproveitou o momento para esclarecer, ou melhor, explicar o que era uma pesquisa científica; o tema de sua pesquisa “Leitura, interpretação e análise sintático-semântica das conjunções coordenadas por meio de uma sequência didática”, conteúdos previstos para o 1º, 3º e 4º bimestres do 9º ano no Referencial Curricular do Ensino Fundamental do Estado do Tocantins; o motivo de ter escolhido o 9º ano do E.F.; o período em que estaríamos desenvolvendo este trabalho e a metodologia que seria utilizada.

A professora foi bem acolhida pela turma e um dos alunos perguntou se após a conclusão do trabalho teriam oportunidade de saber qual foi a evolução deles nas atividades. A professora pesquisadora esclareceu que todas as atividades aplicadas seriam corrigidas em sala, portanto, esse já seria o primeiro momento para se auto avaliarem e após a finalização e defesa da dissertação poderia pensar em apresentar o trabalho para os próprios alunos que estariam provavelmente, na 2ª série do ensino médio.

A execução da sequência didática iniciou com a distribuição das cópias do primeiro texto, cujo objetivo era oportunizar o primeiro contato do aluno, nesta sequência didática com o gênero artigo de opinião. A professora pesquisadora iniciou a leitura do artigo “O Brasil precisa de seus eleitores”, de Abílio Diniz tentando estimulá-los a analisarem o título e o subtítulo com o intuito de motivá-los e criar expectativas para a leitura. Embora tímidos um aluno disse que o texto, provavelmente, anunciaria que os eleitores precisavam fazer uma escolha certa e não votarem em branco, a professora fez uma contextualização do atual cenário político que o Brasil vivencia atualmente e logo após outro aluno disse que o texto evidenciaria que necessitamos de governantes honestos.

Durante a leitura dos parágrafos, a professora pesquisadora foi questionando-os sobre o que entenderam. Inicialmente identificaram que o 1º parágrafo apresentava dados de uma pesquisa que apontava que os votos brancos e nulos lideravam a preferência dos eleitores devido ao descrédito com o político. Esse momento foi oportuno para explicar a invalidade do voto branco e/ou nulo que muitos desconheciam, até mesmo por ainda não serem eleitores. Outro ponto que a pesquisadora tentou chamar a atenção dos alunos foi evidenciar que, apesar do autor compreender o resultado da pesquisa, ele se mostrava contrário à situação, pois acreditava que isso trazia alto risco ao país, e essa ideia era apontada no texto através do conector “mas”.

Em relação ao 2º parágrafo, três alunos disseram que o mesmo apontava os motivos pelos quais as pessoas estavam indignadas, pois tentava conscientizar os eleitores mostrando exemplos de problemas que a sociedade brasileira vivencia atualmente. Verifica-se que alguns

alunos conseguem perceber que o autor tenta persuadir o leitor apresentando argumentos que justificam o seu ponto de vista.

No 3º parágrafo um aluno disse que em meio a toda “podridão” do país não podemos desistir e votar em branco tem que continuar tentando escolher o melhor governante para o país. Também discutiram-se o voto como direito fundamental da democracia e como dever que resulta em multas e até mesmo penalidades, uma vez que o cidadão deixa de cumprir com esta obrigação.

No 4º parágrafo os alunos foram questionados sobre a profunda crise a que o autor se referia, menos inibidos, dessa vez, muitos disseram que era a crise eleitoral, financeira, educacional, crise do sistema de segurança e da falta de assistência à saúde. A pesquisadora chamou a atenção dos alunos para refletirem sobre as campanhas e propostas apresentadas pelos candidatos em nível de estado e país, para que de fato fizessem a escolha certa. Um dos alunos comentou sobre os pequenos atos corruptos cometidos pelos cidadãos cotidianamente e que simplesmente ignoram e só querem culpar os políticos, outro comentou sobre a falta de consciência de muitos eleitores que vendem ou trocam o voto por pequenos favores e que mesmo diante dos maus exemplos de alguns que já governaram o país, ainda insistem em reelegê-los. Mais uma vez discutimos sobre a análise crítica que todos, principalmente os estudantes devem fazer antes da escolha de qualquer candidato e observaram que este era o primeiro passo para resolver a crise da má política.

Dando continuidade à discussão do texto, os alunos foram questionados sobre o uso dos recursos e ferramentas disponíveis com informações sobre partidos e candidatos, se o eleitor realmente faz uso do empoderamento em relação às tecnologias na hora de votar. Nesse momento, a pesquisadora indagou principalmente, os alunos que já eram eleitores, a maioria disse que não costumam pesquisar, às vezes, observam o que os outros falam ou o que a mídia mais divulga. Alguns alunos falaram que, apesar de não serem eleitores, já pesquisaram as propostas de alguns candidatos e analisaram os pontos positivos e negativos; outros ainda alertaram quanto ao cuidado com as “fake news”⁶ que circulam na internet.

Outro ponto que a turma discutiu bastante foi em relação à opinião do autor ao afirmar que o bate-boca não esclarece, apenas, camufla e escondem os maus políticos, alguns alunos confundiam bate-boca com debate, foi necessário esclarecer e exemplificar para melhor compreensão. Já quase finalizando o texto, a professora pesquisadora procurou mostrar aos

⁶ Informações noticiosas que não representam a realidade, mas que são compartilhadas na internet como se fossem verdadeiras, principalmente através das redes sociais.

alunos que o autor reforçava sua argumentação comparando o cenário econômico atual com o de outrora e apontava ações que poderiam reequilibrar a economia. A retomada histórica aos anos de 1980 também foi destacada, mostrando o contra argumento usado pelo autor. Questionados sobre os acontecimentos históricos ocorridos nessa década, alguns se lembraram da ditadura militar e suas consequências. Nesse momento, a professora titular da disciplina fez uso da palavra para relatar fatos que ouvira de um professor de faculdade que presenciou o período dramático da ditadura; citou nomes de artistas e políticos conhecidos pelos alunos e as retaliações sofridas por eles. A pesquisadora tentou deixar bem claro que o autor usou um fato em que a população, devido ao descrédito da política, elegeu um político populista e isso aprofundou a crise do país, este exemplo foi consistente para reforçar a tese apresentada no início do texto.

Na conclusão observaram que o autor retomou o ponto de vista, apresentando-se otimista, convocando o eleitor a não abrir mão do seu direito, mas exercê-lo de forma consciente. O processo de leitura e interpretação oral do texto ocorreu durante duas aulas, os alunos se envolveram nas discussões e foi possível perceber que a temática e o contexto foram fatores importantes para atrair a atenção deles.

A quarta e a quinta aula foram destinadas à resolução das questões referentes ao texto trabalhado na situação inicial, inicialmente foi explicado o propósito de todas as perguntas da atividade. No decorrer, alguns alunos solicitaram a mediação da professora para esclarecer algumas das questões propostas; principalmente as que exigiam uma resposta elaborada a partir da compreensão geral do texto.

Na sexta aula, fizemos a correção oral das atividades e evidenciamos que as respostas dos alunos em sua maioria não são autônomas, apresentando meras transcrições do texto, evidenciando falta de domínio da escrita na elaboração das respostas.

Ainda na apresentação da situação, ou seja, destacando as práticas discursivas do gênero, exploramos o texto “Educação reprovada”, de Lya Luft. Nessa aula, a leitura do texto foi, novamente, proferida pela pesquisadora que tentava ao máximo explorar a interpretação oral dos alunos. Ao longo do texto tentamos evidenciar a estrutura do gênero, identificar a tese, as estratégias usadas pela autora para argumentar e a forma como concluiu o texto.

O artigo de opinião em discussão foi publicado em 2011, porém abordava uma temática atual e que estava diretamente ligada a realidade dos alunos, ao lermos o título e tentar identificar o assunto, alguns disseram que provavelmente falaria que não temos uma boa educação e que os índices de conhecimento dos alunos estão abaixo da média. A partir da

leitura do primeiro parágrafo conseguiram identificar o tema, discutimos a relevância da educação, a atenção que esta área recebe dos governantes e o atual cenário educacional brasileiro.

Em relação às estratégias de argumentação enfatizamos a exemplificação apresentada pela autora no segundo parágrafo, “a moda do aprender brincando”, realidade evidente em muitas escolas brasileiras, que aos poucos estão perdendo a seriedade e o sentido. Ao concluir a leitura desse parágrafo que finalizava com uma pergunta retórica “Então, por que estudar, por que lutar, por que tentar?”, a fala de um aluno que disse “É mesmo professora, por quê?” nos chamou a atenção. Questionado sobre o porquê da reflexão afirmou que sabe que estudar é necessário, mas frequenta a escola porque é obrigado. O momento oportunizou uma reflexão sobre a importância e o valor da educação na vida de cada indivíduo, o dever do estudante e o reconhecimento e valorização do trabalho dos pais que esforçam para garantir a educação dos filhos. Também chamamos a atenção para a presença dos conectivos encontrados ao longo do parágrafo enfatizando o valor semântico expresso por eles.

No terceiro parágrafo ressaltamos o argumento de causa e consequência usado pela autora, o qual aponta que, o analfabetismo está destruindo o nosso país, pois facilitamos tanto a vida dos estudantes que estão cada vez mais despreparados para a vida e o mercado de trabalho. Foi interessante observar, que os alunos reconhecem que os professores realmente facilitam, mas também sabem que ao serem testados através de provas externas constata os prejuízos da facilidade. Discutimos muito sobre as consequências da má formação profissional no mercado de trabalho e o analfabetismo funcional resultado da ausência de políticas públicas contínuas que de fato afetam o ensino e a escolarização dos alunos.

No quarto parágrafo, diante de um argumento de provas concretas com a apresentação de dados estatísticos, a professora pesquisadora tentou relacionar os aspectos citados no texto com a realidade dos alunos, destacando a aprovação automática até o 3º ano do ensino fundamental. Questionados se concordavam com fala final da autora no parágrafo “Parafaseando um especialista, estamos produzindo estudantes analfabetos”, observamos alunos que concordaram em parte, citaram exemplos, mas lembraram que há exceções, pois ainda há uma pequena quantidade que ainda se dedicam a aprendizagem.

Na sequência, a professora pesquisadora chamou a atenção para o exemplo de argumento de comparação que apresenta uma analogia da educação ofertada pelas escolas particulares com a estadual, destacamos alguns pontos falhos do estado, mas reconhecemos o que já progrediu. Também observaram um exemplo de contra argumento presente no texto, no

qual se destaca a necessidade de faxinar a miséria e ignorância para garantir a dignidade humana, porém há pouco interesse dos políticos. Na conclusão, a pesquisadora enfatizou a retomada da tese apresentada no início do texto e as sugestões para solucionar o problema da educação brasileira.

Após a leitura e interpretação oral, a professora pesquisadora explicou de maneira geral a estrutura e as práticas discursivas mais recorrentes no gênero artigo de opinião apresentando na lousa e identificando-as no texto “Educação reprovada”, em seguida propomos a realização de atividades escritas a respeito do artigo analisado. Durante a resolução os alunos não apresentaram muita dificuldade, no sentido de solicitar esclarecimentos por parte da pesquisadora, porém durante a correção oral, percebemos que muitos ainda não se apropriaram da estrutura do gênero textual em estudo e de suas práticas discursivas, mesmo já tendo sido estudado com as professoras das disciplinas de Língua Portuguesa e Redação.

Concluída a 2ª atividade da apresentação da situação, chegou o momento de os alunos realizarem a produção inicial para revelarem a si mesmos e à professora pesquisadora as habilidades já apropriadas em relação ao gênero. A proposta de produção era escrever um artigo sobre “a importância do voto consciente: condição para um Brasil melhor”, tema bastante relacionado ao 1º texto trabalhado no início da apresentação da situação.

Na proposta, havia três textos motivadores, para que os alunos refletissem sobre o assunto e mobilizassem ideias para o desenvolvimento do tema. Após a leitura dos textos e a socialização para melhor compreensão, os alunos começaram a produzir, alguns aparentemente, sem dificuldades; outros resistiam, demorando a iniciar, mas, aos poucos, concentraram na produção dos seus textos.

No decorrer da aula, foram surgindo algumas dúvidas por parte dos alunos, principalmente, questionamentos em relação ao número mínimo de linhas, de parágrafos e, também, em relação à estrutura do artigo de opinião. Ao longo da realização da atividade, as dúvidas foram sendo esclarecidas. Apesar de a maioria dos alunos ainda não ser eleitores, notamos que o tema proposto gerou uma boa participação e interesse.

Durante a leitura e a análise dessas produções, observamos que, de modo geral, houve uma boa frequência em relação ao uso das conjunções coordenadas, porém algumas foram usadas, indevidamente, em termos do que se espera para a escrita institucionalizada pela escola; e outras foram usadas sem necessidade. A tabela 1, a seguir, apresenta a quantidade de

conjunções coordenadas, a quantidade de formas e, também, as conjunções usadas por cada aluno na produção do artigo de opinião inicial.

Tabela 2 – Uso das conjunções na produção inicial dos artigos de opinião

Número de conjunções e formas			
Produção inicial (Apresentação da situação)			
Alunos	Quantidade de conjunções	Quantidade de formas	Formas (conjunções) utilizadas
A1 ⁷	19	8	Ora...ora, e, ou, porém, também, não só, mas, pois
A2	13	6	E, mas, pois, porque, ou, portanto
A3	21	6	Mas também, e, mas, ou, porque, por isso
A4	12	5	E, nem, ou, por isso, pois
A5	7	4	Nem, por isso, porque, e
A6	14	2	E, pois
A7	11	2	E, ou
A8	13	3	E, pois, ou
A9	10	3	E, pois, por isso
A10	4	3	E, porque, pois
A11	18	5	E, porque, ou, mas, nem
A12	11	3	E, ou, que
A13	9	2	E, mas
A14	25	3	Mas, e, ou
A15	16	4	E, porém, também, por isso
A16	16	4	E, mas, ou, porque
A17	13	6	Pois, e, porque, também, por isso, mas
A18	8	4	Pois, e, mas também, que
A19	6	3	Porque, também, e

⁷ Os alunos foram identificados por A1, A2... A25, de forma não alfabética como forma de preservar suas identidades.

A20	10	3	ou, e, mas
A21	7	4	E, ou, porque, pois
A22	15	4	E, portanto, ou, mas
A23	6	2	E, porque
A24	15	4	E, porque, também, ou
A25	17	3	E, porque, ou
TOTAL	315	14	

Fonte: Elaboração da autora.

Ao analisarmos os dados da tabela, verificamos que a frequência do uso das conjunções foi relativamente satisfatório, já que (13) treze alunos conseguiram utilizar (13) treze ou mais conectores ao longo do seu texto. Porém, em relação à quantidade de formas, notamos uma reduzida variação, pois, do total de (315) trezentos e quinze ocorrências, os alunos utilizaram apenas (14) quatorze formas. O que mais nos chamou a atenção foi que apenas (7) alunos conseguiram usar mais de (5) cinco formas em seus textos. Esse uso nos mostra que muitos têm, provavelmente, um conhecimento restrito sobre as conjunções coordenadas e, principalmente, sobre a importância desses termos para estabelecer a coesão no texto.

Durante a análise, também, foi possível observarmos que alguns alunos, além de usarem somente as conjunções coordenadas mais recorrentes, ainda, têm dificuldades de utilizá-las, como podemos observar no fragmento abaixo:

“Não iria querer isso pra mim e é isso que acontece quando não escolhemos, **mais** deixamos os outros escolherem por nós.” (produção inicial do aluno A1)

Nessa passagem, verificamos que o uso da conjunção “mas” ocorreu de forma correta, no entanto observamos uma inadequação ortográfica que não compromete tanto a função sintática desempenhada por esse elemento. Trata-se de uma variação da ocorrência do “mas”, que é peculiar na oralidade. No entanto, por ser um texto escrito, essa variação se apresenta como problemática. O mesmo não acontece com a conjunção “e” utilizada no fragmento, a seguir:

“... no meu ponto de vista acho que e muito importante saber em quem vamos votar.” (produção inicial do aluno A12)

Ao lermos, notamos que o aluno pretendia utilizar a forma verbal “é” em vez de “e”, um desvio muito recorrente nas produções dos alunos, em que a ausência do acento gráfico compromete o sentido do texto. Vejamos o próximo fragmento:

“... Mas se todos pença assim a nossa democracia vai cada vez **mas** fica reprovada.”
(produção inicial do aluno A14)

Nessa passagem, observamos que o aluno utilizou a conjunção “mas”, indevidamente, comprometendo o sentido do texto, pois notamos que o aluno pretendia intensificar o sentido do adjetivo reprovada.

“Você ver em rádios, televisões aparecem as mesmas palavras, as mesma proposta é muito desvio de dinheiro, a má politica, **pois** isso faz o eleitor deixar de votar consciente e votar nulo”. (produção inicial do aluno A17)

Nesta passagem, além dos desvios da norma culta da língua portuguesa que compromete bastante o desenvolvimento do texto, notamos que a utilização do “pois”, como elemento explicativo, foi empregado sem necessidade.

“Os governos so querem dinheiro, **portanto** a pessoa não sabe em quem votar fique quieto, se não votar na pessoa errada não tem volta.” (produção inicial do aluno A22)

Observamos que o uso da conjunção “portanto”, na referida passagem, não está adequado; seria conveniente utilizar em vez de “portanto” a conjunção “se”.

Em relação ao estilo, notamos que houve alguns textos em que os alunos apresentaram-se, explicitamente, como autores dos textos, expondo o próprio nome e o uso de expressões do tipo “no meu ponto de vista”, “na minha opinião”, como podemos observar nos trechos, a seguir:

“Meu nome é Pedro⁸ e hoje vamos falar um pouco sobre o voto consciente, na minha opinião não devemos abdicar das urnas...” (Produção inicial do aluno A7)

“Meu nome é Davi vou falar um pouco sobre a importância do voto consciente para um Brasil melhor, no meu ponto de vista acho que é muito importante saber em quem vamos vota.” (Produção inicial do aluno A12)

⁸ Os alunos foram identificados por nomes fictícios como forma de preservar suas identidades.

“Hoje iremos falar sobre a importância de votar. Meu nome é Beatriz Almeida da Silva , e ainda não tenho idade para votar. Mas sei o quanto é importante.” (Produção inicial do aluno A2)

Em relação ao conteúdo dos textos, observamos que alguns alunos tiveram dificuldades de expressar as suas próprias ideias e, para produzir o texto, principalmente a argumentação, acabaram copiando informações dos artigos de opinião trabalhados antes dessa atividade. Vejamos, a seguir, alguns exemplos:

“Há empresas que reclamam da dificuldade de encontrar mão de obra qualificada, médicos e advogados quase não sabem ler e escrever, alunos de escolas pública e de universidade tem problema para articular o pensamento.” (produção inicial do aluno A11)

“... uma má política pode ser resolvida com uma boa política e um bom voto...” (produção inicial do aluno A17)

“Por isso que o Brasil está assim com uma má educação, ou melhor uma educação reprovada um Brasil com alto índice de desemprego, as pessoas querem trabalhar e não conseguir. É desesperador não ter acesso á assistência médica...” (Produção inicial do aluno A4)

Em relação à estrutura do texto, notamos que muitos alunos tiveram dificuldades de definir de forma precisa a sua tese, de usar uma argumentação consistente e de produzir uma conclusão que resumisse as ideias apresentadas ao longo do texto ou apresentasse uma proposta para o problema discutido. Observamos o recorte discursivo, a seguir, representando diversos outros textos produzidos pela turma, em que o aluno apresenta as dificuldades citadas anteriormente. Vamos mobilizar apenas um recorte, pois há um ponto de saturação, nas ocorrências. Essa saturação aponta para uma repetibilidade dos fatos linguísticos e textuais que estamos considerando nesta dissertação. Eis o RD1:

RD1

Figura 01 – Produção inicial do artigo de opinião do aluno A23

O povo precisa de um Brasil melhor

Ultimamente nos dias de hoje, nessas eleições de hoje em dia as pessoas andão muito descrentes com os candidatos, são muitas corrupção.

Diante de tantas mentiras, corrupção, e outras coisas as pessoas ficam desanimadas, ficam tristes com tantas coisas que acontecem, as pessoas ficam sem querer votar.

Com tudo isso a pessoa coloca na sua cabeça "há o meu país nunca vai mudar vai continuar essa sujeira, de rios de dinheiro" e é através do seu voto que tudo isso vai mudar, votar de forma correta voto e fala voto na pessoa correta ~~de~~ ainda há esperança voto consciente.

Porque no meu ponto de vista votar muito não vai adiantar nada, o Brasil não vai ficar melhor, o que eu acho é que a pessoa tem que procurar saber mais sobre os candidatos, olhar as propostas dos candidatos procurar saber mais dos candidatos e através disso escolher um candidato e votar certo, votar consciente então vamos votar, vamos a votar certo, votar consciente, vamos escolher um Brasil melhor, acabar mais com a violência, corrupção e ficar do lado do bem.

(Fonte: Produção inicial do aluno - A23)

A princípio, observamos que o aluno não consegue organizar a introdução do seu texto em um único parágrafo, além disso, notamos que no primeiro parágrafo, usa as seguintes expressões “ultimamente”, “nos dias de hoje” “hoje em dia” para se referir ao tempo, tornando o texto repetitivo, também afirma que as pessoas andam descrentes com tanta corrupção, no segundo parágrafo reafirma que diante da corrupção as pessoas estão desanimadas; por essa razão, não querem votar. Observamos que essa informação também se encontra repetida. Nos parágrafos do desenvolvimento, não há uma argumentação consistente, o aluno não aprofunda a discussão, e, na conclusão, simplesmente convida o eleitor a ir às urnas votarem de forma consciente.

A partir do que identificamos durante a análise das produções iniciais, norteamos a elaboração dos módulos da sequência didática. Na aula seguinte iniciamos o módulo I explicando que nesta atividade o propósito era observar a importância das conjunções como elementos articuladores entre as partes de um artigo de opinião, em seguida realizamos uma leitura coletiva do texto “O que fazer com as cinzas” de Míriam Leitão, os alunos que

desejavam ler iam se manifestando. A cada parágrafo tentávamos ouvir a compreensão do que haviam entendido a partir da leitura, mas apesar do texto relatar um fato recente, ocorrido no Rio de Janeiro, bastante divulgado na mídia, os alunos pouco participavam, parecia falar de algo distante deles, ou talvez porque a temática não lhes despertavam a atenção.

Ao longo dos parágrafos tentávamos esclarecer o significado de palavras desconhecidas, buscávamos exemplificar a fim de atrairmos a atenção e levá-los a observar as críticas sutis apresentadas pela autora. Também tentamos evidenciar o valor semântico das conjunções encontradas ao longo do texto. As questões de análise e interpretação foram lidas e explicadas pela professora pesquisadora antes do registro das respostas, mas durante a resolução observamos que os alunos sentiram bastante dificuldade para respondê-las.

Durante a correção oral, foi possível identificar que as questões que solicitavam a análise das conjunções presentes no texto foram as que os alunos mais tiveram dificuldades, confirmamos o que percebíamos no decorrer da resolução das atividades, apesar deles confirmarem que já haviam estudado os conectivos durante o ano letivo de 2018, as dificuldades, principalmente de reconhecer o valor semântico foram evidentes na atividade deste módulo.

Durante a correção dessas atividades, fizemos uma explicação geral sobre período, orações coordenadas assindéticas e sindéticas exemplificando no quadro branco a classificação de todas as sindéticas, explicando a função de cada conjunção para manter a coesão textual. Os alunos participaram da correção solicitando explicações sobre termos que tinham dúvidas, como por exemplo, a diferença entre coesão e coerência textual entre orações coordenadas e subordinadas.

No módulo II da sequência didática fizemos um estudo de todas as conjunções coordenadas e suas funções como elementos articuladores no texto, para isto cada um dos alunos receberam xerox do material elaborado e fomos fazendo a leitura e apresentando os exemplos no quadro branco. Ao explicar os valores particulares dos conectivos “e” e “mas”, alguns alunos questionaram, pediram que citasse mais exemplos a fim de esclarecer melhor, ainda disseram que só os conheciam com o valor de adição e adversidade.

Após esta aula destinada a conhecer os valores das conjunções, aplicamos o módulo III, cujo objetivo era reconhecer os valores semânticos dos elementos articuladores encontrados em dois artigos de opinião, cujos títulos eram: texto I “Incêndio do Museu Nacional é vitória da intolerância e morte do conhecimento” de Felipe Milanez e o texto II “Passamos um limite perigosíssimo com a tentativa de matar Bolsonaro” de Carla Jiménez.

Para realizarmos essa atividade utilizamos uma dinâmica para dividir os alunos em dois grupos, após a divisão foram orientados a realizarem uma leitura silenciosa, em seguida a professora pesquisadora explicou como deveriam responder as questões e como seria a socialização posteriormente.

Durante a resolução muitos alunos tiveram dificuldades, a professora pesquisadora era solicitada a todo o momento para esclarecer e ajudar a solucionar as dúvidas. Em dupla, tentaram identificar as conjunções coordenadas usadas, para articular as ideias em cada parágrafo do texto e seu valor semântico, procedendo à substituição por outra de valor próximo. Apesar de dividir os parágrafos por duplas para facilitar a análise, os alunos só concluíram a atividade após duas aulas. Para socializar as análises, um aluno da dupla lia o parágrafo, fazíamos uma compreensão oral e a dupla apresentava suas conclusões.

Ao analisar as respostas, observamos que os alunos tiveram dificuldade em analisar a função do “que”, pois na maioria das vezes que o identificava justificavam a presença como elemento conector afirmando que ligava orações justificando a ideia contida na oração anterior. A professora pesquisadora já esperava essa dificuldade de análise desse termo, pois durante a resolução observou que não sabiam distinguir a função de conjunção coordenada explicativa de pronome relativo ou de conjunção integrante, embora já haviam estudado. Outro conectivo que tiveram dificuldade de identificar o valor semântico foi o “e”, confundiram o valor de adição com explicação enfática, intensidade afetiva, próximo de interjeição. Muitos também apresentaram dificuldade no momento de substituir as conjunções por outra (s) de mesmo sentido.

Durante a aplicação deste módulo, tentamos destacar a temática da intolerância trabalhada nos textos, para que os alunos despertassem ou compreendessem mais sobre o assunto e se preparassem para a produção final, pois os textos apresentavam exemplos bem recentes sobre a questão. Finalizado o módulo III, apresentamos a proposta de produção final, com o tema “Opiniões divergentes: aceitar ou intolerar?”, inicialmente os alunos pareciam não entender porque esse tema. Por isso, a professora pesquisadora retomou a temática do texto II trabalhado no módulo III, que discutia a tentativa de matar Bolsonaro, mostrando este exemplo como um caso de intolerância, pois o ódio cegou o ser humano a ponto de se sentir autorizado a assassinar um homem público na frente de uma multidão e lembrou também o crime contra a vereadora Marielle Franco.

A professora pesquisadora leu os textos motivadores apresentados na proposta a fim de esclarecer melhor à temática. O fragmento do texto “O desafio de conviver com opiniões

divergentes” foi relevante para a discussão, pois numa linguagem simples apresentava o conceito de causas e consequências de conflito. A professora usou o próprio contexto dos alunos como exemplo, a fim de que eles se posicionassem, pois ao final das aulas era comum presenciá-los discutindo sobre política, mesmo não sendo eleitores se posicionavam como admiradores de determinado candidato. O segundo texto motivador esclareceu o sentido da palavra intolerância, e o terceiro era um cartoon que através da linguagem não verbal apresentava dois grupos que não respeitavam a opinião do outro.

Além de toda a discussão sobre a temática a professora pesquisadora lembrou a estrutura do artigo de opinião, suas práticas discursivas e o cuidado durante a escrita para manter a coesão textual. Inicialmente alguns alunos resistiam, pareciam não muito interessados, mas aos poucos se concentraram e produziram seus textos.

A segunda parte deste módulo consistia em analisar os textos produzidos e foi realizada em casa, pela professora pesquisadora. Fez-se uma avaliação das produções a partir da perspectiva da correção interativa teorizada por Gonçalves e Bazarim (2013) observando vários aspectos como o título, paragrafação, tese, argumentação, elementos coesivos, adequação às normas gramaticais e a conclusão. A terceira parte, a reescrita dos textos foi realizada na sala de aula. Devolvemos os textos e a ficha da avaliação da produção aos alunos, ao receberem pareciam assustados, imaginamos que nunca haviam recebido uma produção para ser reescrita de acordo com a análise que apresentamos. Explicamos cada critério contido na ficha e em seguida iniciaram a reescrita, alguns tiveram muita dificuldade, a ajuda da professora pesquisadora foi bastante solicitada nessas aulas, ao final percebemos que a maioria conseguiu refazer, embora a minoria se propôs, de fato, pensar para alcançar um bom resultado. No final das aulas, a professora pesquisadora agradeceu a participação e colaboração dos alunos durante a aplicação da pesquisa.

Antes de finalizar, é importante ressaltar que ao elaborar a sequência didática foi pensada uma sequência de atividades apropriadas ao contexto da sala de aula em que desenvolveríamos a pesquisa, para isso fizemos uma seleção de textos do gênero artigo de opinião, todos sobre temáticas atuais a fim de atrair ainda mais a atenção dos alunos, inicialmente foi programada para ser desenvolvida em (15) aulas de 50 minutos, contudo houve alterações durante o percurso, pois sentimos necessidade de reforçar o processo de leitura e compreensão oral dos textos trabalhados e para isso necessitaríamos de mais tempo, por isso a sequência didática finalizou com (30) aulas, sendo (27) de 50 minutos e (3) aulas de 30 minutos. Também ocorreram duas falhas relativas ao uso de recursos tecnológicos para a

gravação das aulas, porém não vão interferir nas análises, pois todas as aulas foram ministradas pela pesquisadora e relatadas posteriormente.

2.7 Caracterização das aulas foco da pesquisa

Nesta seção, abordaremos apenas o acontecimento das cinco últimas aulas dessa sequência didática. É que o *corpus* desta pesquisa está circunscrito aos textos produzidos e reescritos na última seção da sequência didática. Na aula (26), ocorrida no dia 03 de dezembro apresentamos a temática da produção aos alunos motivando-os a partir da discussão e compreensão dos textos motivadores. Concluído esse momento de orientação e compreensão da temática, na aula (27) os alunos produziram individualmente o artigo de opinião. Na aula 28, após avaliação das produções pela professora pesquisadora, realizamos uma reflexão em torno dos textos produzidos, com o intuito de mostrar ao aluno o que ele aprendeu e o que faltou ser aprendido durante a aplicação dos módulos.

De acordo com a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.106), “a sequência é finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de por em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos”. Sendo assim, iniciamos a aula 26 apresentando os objetivos da atividade, que em resumo era produzir um artigo de opinião. Para instruir os alunos lemos a proposta que apresentava o tema “opiniões divergentes: aceitar ou intolerar” e em seguida cada texto motivador, fazendo pausas, estimulando-os a produzir inferências sobre o texto lido.

Durante a interlocução, buscávamos relacionar o conteúdo dos textos motivadores a textos analisados anteriormente na aplicação da sequência didática e a situações cotidianas e fatos apresentados na mídia, buscando a compreensão dos sentidos propostos pelo tema. Consideramos, a seguir, um trecho do áudio gravado nesta aula:

... eu me lembro nesse mesmo texto falava sobre a facada em Bolsonaro..., citava vários episódios que aconteceram no Brasil para mostrar essa situação de intolerância... um dos episódios bem recente que foi citado no texto... foi o caso da morte da vereadora Marielle lá no Rio de Janeiro... que vocês devem ter visto... passando nos telejornais várias vezes... aquele caso ali? foi de extrema intolerância... extremo porquê? não só a aceitou né? porque até hoje ninguém sabe os motivos reais desse crime e muito menos quem foi que a matou... toda a investigação que tem sido feita ainda não descobriu quem foi que praticou esse ato tão brutal... citaram vários outros casos além do ataque a Bolsonaro... como o ataque a Chico Buarque... de pessoas que eram contra o PT... como o ataque ao ex-presidente Lula... quando estava sendo encaminhado para o presídio... que tinha alguns petistas acompanhando e lançaram pedras sobre os ônibus... (transcrição de áudio gravado no dia 03 de dezembro de 2018)

O fragmento transcrito nos permite evidenciar os exemplos citados pela professora pesquisadora para que os alunos compreendessem melhor a proposta apresentada.

Ao lermos o segundo texto motivador, destacamos o conceito apresentado por Elie Wiesel de que a “intolerância está localizada exatamente no início do ódio, é sua semente”, tentamos mostrar aos alunos que a relação estabelecida fazia sentido, pois a intolerância é uma indisposição do outro, ocorre quando o indivíduo não aceita a convivência, desprezando-o. O ódio de acordo com o texto vem depois, seria uma disposição favorável à destruição do outro. Durante as discussões, os alunos estavam bastante atentos, mais ouviam do que comentavam. Para exemplificar a relação estabelecida entre intolerância e ódio citamos o fato ocorrido com o candidato Bolsonaro durante a campanha eleitoral.

O último texto apresentado na proposta, um cartoon, descontraíu os alunos que no momento estavam apáticos. Fizemos a leitura visual e eles relacionaram a interpretação ao que já havíamos discutido, ao indispor-mos à opinião do outro, desconsideramos ou não analisamos as consequências.

Finalizada a abordagem sobre os textos motivadores, relembramos a estrutura do artigo de opinião e os alunos procederam à escrita do artigo. Inicialmente, alguns resistiam, após chamá-los à atenção, concentraram e produziram os textos. No decorrer das aulas alguns nos solicitaram esclarecimentos, principalmente sobre a introdução e a argumentação. Ao final das duas aulas recolhemos as produções para avaliarmos o processo de escrita.

Nas três aulas seguintes, que aconteceram no dia 11 de dezembro, realizamos o processo de reescrita dos textos, esse momento permitiu aos alunos avaliar o seu aprendizado compreendendo que o texto é um processo inacabado de construção. Com os textos em mãos, explicamos que todos tinham uma folha anexada, na qual havia uma tabela com os critérios usados para avaliar o texto, na sequência procedemos à explicação de cada critério reportando alguns aspectos marcantes nas produções.

Após a explicação da ficha de avaliação dos textos, os alunos os reescreveram, muitos tiveram dificuldades nos solicitaram ajuda e reclamaram da tabela usada para avaliar, acreditamos que a reclamação foi motivada devido à carência de trabalho com a reescrita, na verdade, é uma prática pouco desenvolvida pelos professores. No final das três aulas, recolhemos as produções e agradecemos a colaboração de todos por aceitar ser participantes desta pesquisa.

2.8 Constituição do corpus e os procedimentos de análise

A coleta de material da pesquisa baseou-se na aplicação da sequência didática, descrita anteriormente, que oportunizou a produção de textos (artigo de opinião) que constituem o *corpus* desta pesquisa. Na execução da sequência, houve dois momentos em que os alunos se dedicaram à escrita de textos. O primeiro, denominado produção inicial e o segundo produção final, que contemplou a reescrita dos artigos de opinião. Os textos produzidos no segundo momento são foco da análise desta investigação.

Para a seleção dos textos, procuramos observar os alunos que haviam participado de todas as etapas da aplicação da sequência didática. Queremos esclarecer que, no início da pesquisa, a turma tinha um total de vinte e sete (27) alunos, durante a aplicação um (01) foi transferido e seis (06) por diversas razões faltaram em algumas aulas, restando vinte (20) que participaram de todas as etapas; desse total, elegemos onze (11) textos das duas versões para compor o nosso *corpus*. Ressaltamos que, para a escolha dos onze (11) textos, procuramos selecioná-los observando o nível de aprendizagem dos alunos, dessa forma escolhemos textos de alunos que não conseguiram bons resultados, textos com um nível intermediário e também os que foram considerados bons.

Damos início à análise fazendo uma leitura atenta das duas versões dos onze artigos de opinião selecionados, buscando identificar as conjunções coordenadas e formas utilizadas pelos alunos, observando as mais recorrentes em cada versão. Feito isso, partimos para o 2º momento do 1º tempo de análise, em que verificamos se o uso das conjunções atende ao propósito comunicativo almejado, e se estas colaboram para o processo de construção da argumentatividade, em que analisamos se o aluno demonstra domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, a capacidade de exposição do ponto de vista, apresentação de argumentos para defendê-lo e de uma conclusão que retomem as ideias expostas ou apresente uma proposta de intervenção.

Depois de analisar a 1ª versão dos artigos, realizamos o 2º tempo de análise em que apresentamos uma tabela comparativa com o número de conjunções e formas utilizadas nas duas versões, em seguida analisamos as versões reescritas pelos alunos frente às intervenções apresentadas pela professora pesquisadora.

A apresentação das análises dos artigos foi realizada a partir de Recortes Discursivos (RD), considerando o movimento de descrição da materialidade, de interpretação e da relação com os aspectos observados na avaliação proposta pela professora pesquisadora. Para manter o sigilo de identidade dos participantes da pesquisa, adotamos a letra (A) seguido de um número para identificarmos os textos que compõem o *corpus*.

Ressaltamos que, durante a execução da sequência, também, recorreremos à gravação de áudios das enunciações de quase todas as aulas, com prévia autorização dos participantes da pesquisa. Salientamos que as aulas referentes à produção e reescrita dos artigos foram transcritas, e se encontram em anexo para eventual necessidade de comprovação.

CAPÍTULO 3 – AS CONJUNÇÕES COORDENADAS NO PROCESSO DE ESCRITA E REESCRITA DE ARTIGOS DE OPINIÃO

3.1 Considerações iniciais

Este capítulo destina-se à apresentação das análises que construímos em relação ao uso das conjunções coordenadas nas diferentes versões de um mesmo artigo de opinião produzidas por alunos participantes da pesquisa. Para procedermos às análises, estruturamos o capítulo em dois tempos. No primeiro, vamos nos concentrar nas análises referentes às primeiras versões e, no segundo, às versões reescritas.

Esses tempos nos permitiram mostrar e analisar se os alunos são capazes de produzir um artigo de opinião, expondo o seu ponto de vista e defendendo-o com argumentos consistentes, observando como é realizada a articulação textual e se, para essa articulação, eles fazem uso das conjunções coordenadas.

3.2 Tempo de análise 1 – O uso das conjunções na 1ª versão do artigo de opinião.

Nesta seção detemo-nos na análise das conjunções utilizadas pelos alunos na produção final (1ª versão) dos artigos de opinião, produzidos a partir da execução da sequência didática elaborada por nós, conforme já circunstanciamos neste trabalho. No primeiro momento, identificamos a ocorrência destas conjunções nas produções, observando as mais recorrentes. Em um segundo momento, a análise concentra-se no uso destas conjunções, visando observar se as ocorrências atendem ao propósito comunicativo almejado.

Dessa forma, será possível verificar se há uma adequada articulação textual, no sentido da apropriação destes termos e seu efetivo emprego, assim como também se as relações discursivas estabelecidas são construídas para um melhor encaminhamento da argumentatividade do texto, observando se os alunos demonstram domínio da modalidade formal da Língua Portuguesa, se conseguem mobilizar uma tese, produzir e defender argumentos para a defesa do ponto de vista e apresentar uma conclusão que de fato esteja relacionada com as ideias expostas no texto.

Na tabela, a seguir, apresentamos os dados relativos à quantidade de conjunções, à quantidade de formas utilizadas e às conjunções escolhidas. Ancorados nos pressupostos teóricos apresentados por Koch (2018), selecionamos apenas as conjunções que nos interessam nesta pesquisa: os operadores que somam argumentos para uma mesma conclusão,

os que determinam uma orientação argumentativa alternativa, os que contrapõem a orientação argumentativa, os que introduzem uma explicação ou justificativa e os operadores que introduzem uma conclusão.

Tabela 2 – Uso das conjunções na produção final (1ª versão) dos artigos de opinião

Número de conjunções e formas			
Produção final (1ª versão)			
Alunos	Quantidade de conjunções	Quantidade de formas	Formas (conjunções) utilizadas
A1	26	8	ou, e, mas, pois, também, não só, mas também, porque
A2	16	5	porque, pois, e, ou, mas
A3	10	3	e, mas, que
A4	8	4	e, não só, mas também, porque
A5	7	4	e, pois, também, porque
A6	15	6	ou, pois, também, e, no entanto, mas
A7	10	4	ou, e, mas, que
A8	20	2	ou, e
A9	9	7	pois, não só, mas também, e, porque, ou, por isso
A10	6	5	mas, por isso, no entanto, e, porque
A11	11	4	e, ou, também, no entanto
TOTAL	138	11	

Fonte: Elaboração da autora.

Ao nos determos na tabela 1, no que se refere ao uso das conjunções coordenadas e das formas utilizadas, verificamos que houve uma frequência relativamente aceitável em relação ao uso, mas, com relação às formas, há uma reduzida variação, pois observamos que, de um total de 138 ocorrências, foram utilizadas apenas 11 formas. Outro fato perceptível é a

ocorrência dos conectores mais habituais, amplamente conhecidos (e, ou, mas, porque), não se arriscando a utilizar outros que não dominam, mesmo tendo sentido semelhante. Das (11) produções, a conjunção “e” aparece em todos os textos com grande frequência, o “ou” em (7) textos; o “porque” e o “mas” apresentam-se em (6) textos. Observamos também que os conectores que introduzem uma conclusão foram os menos utilizados, registramos apenas a forma “por isso” em dois textos dos que foram analisados.

De maneira geral, constatamos que quatro alunos (A1, A2, A6 e A8) apresentaram em seus textos uma frequência de 15 ou mais conectores, quando comparados aos demais, no entanto, o número de formas é reduzido. De acordo com os dados obtidos, percebemos que a existência das conjunções coordenadas não foge ao conhecimento dos alunos, mas, ao analisarmos a sua aplicabilidade na construção textual, constatamos que não há uma proficiência por parte de alguns alunos, visto que as ideias apresentadas não são corretamente articuladas. Esse fato nos faz acreditarmos que há um desconhecimento sobre a importância da utilização desses elementos para estabelecer a coesão textual e instituir a força argumentativa nos enunciados tanto orais quanto escritos.

Para melhor visualização da aplicabilidade das conjunções nas produções dos artigos de opinião, vejamos, a seguir, os recortes discursivos (RD) que fazem parte da nossa análise. Apresentamos a versão manuscrita da produção final do aluno e a versão que transcrevemos, acompanhada da avaliação de produção, proposta pela professora pesquisadora, conforme foi apresentado no capítulo metodológico. Eis o recorte discursivo (RD2) que se refere à produção do aluno (A11).

RD2

Figura 2 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A11

Opiniões divergentes

A intolerância é a discordância de opiniões contrária um conflito de intolerância começa quando duas ou mais pessoas tem opiniões diferentes e começam a discutir, vou citar um exemplo de intolerância a censura do presidente Jair Bolsonaro sendo atingido com uma faca materializou a extrema da intolerância no Brasil.

isso não muda a realidade do nosso país que não tem com o ato de intolerância já faz muitas vezes a tentativa de assassinar o presidente mortos também que despregamos a crescente onda de intolerância que chegou o Brasil.

O Brasil está abertos do abismo, um ato de intolerância empurra o cada vez mais para a beira do abismo, eu acredito que devemos aceitar as opiniões das outras pessoas, não intolerar.

As vezes um ato de intolerância pode levar a uma briga, pode levar até a morte, em todas as casos de intolerância o objetivo sempre é o mesmo que um das opiniões ganhe a disputa sobre a outra, a intolerância é extraída da raiva e às vezes até do medo, uma tentativa quando a intolerância, observe o uso de conectivo

Fonte: produção do aluno – A11.

Figura 3 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A11

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		faltou - se que o título do precisa atrair a atenção do leitor.
O texto está bem organizado em parágrafos?		Veja a possibilidade de unir parágrafos que aborda o mesmo assunto.
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		Você precisa deixar o leitor informado de bre o assunto que discute, não no 1º parágrafo. Veja a possibilidade de reescrevê-lo.
Assumi uma posição diante da questão discutida?		ao reescrever o 1º parágrafo assumo o seu ponto de vista.
Uso argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Reforce sua argumentação para convencer o leitor.
Concluiu o texto reforçando sua posição?		O texto precisa de conclusão. Nesse parágrafo retome as ideias discutidas e reafirme o seu posicionamento.
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		observe os casos destacados no texto.
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Observe os códigos e faça a correção: 1 - ortografia 2 - acentuação # - pontuação

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 5 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A11

Opiniões divergentes

A intolerância e a discordância de opiniões contraria um conflito de intolerância começa quando duas **ou** mais pessoas tem opiniões diferentes e começam a discutir, vou citar um exemplo de intolerância.

A cena do Presidente Jair Bolsonaro sendo atingido com uma faca materializou o extremo da intolerância no Brasil.

Isso não muda a realidade do nosso país que vêm com o ato de intolerância já faz muitos anos, a tentativa de assassinar o Presidente mostra **tambem** que desprezamos a crescente onda de intolerância que chegou ao Brasil.

O Brasil está abeira do abismo, e um ato de intolerância empurra-o cada vez mais para a beira do abismo, eu acredito que devemos aceitar as opiniões das outras pessoas, e não intolerar.

Às vezes um ato de intolerância pode levar a uma briga, pode levar até a morte, em todos os casos de intolerância o objetivo sempre e o mesmo que um das opiniões ganhe e prevaleça sobre a outro, se intolerância e extraída da raiva e às vezes até do medo **no entanto** quando a intolerância

Fonte: produção do aluno – A11.

Neste primeiro recorte, observamos que o aluno apresenta algumas inadequações em relação ao uso da língua padrão escrita, notamos desvios ortográficos em: “intolerância” / intolerância; “abeira” / a beira; ausência ou acentuação indevida em: “e” / é; “vêm” / vem; “esta” / está; falta de concordância nominal em “um das opiniões” / uma das opiniões.

Também notamos dificuldades de organizar a paragrafação, uma vez que as informações que compõem os dois primeiros parágrafos deveriam ser estruturadas formando apenas um; além disso, apresenta dificuldades de expor o seu ponto de vista e de argumentar. Mesmo apontando uma definição para a expressão intolerância e concretizando a sua definição citando um exemplo, percebemos que o aluno não progride na abordagem do tema.

No terceiro parágrafo, o aluno retoma as informações expostas no segundo, reafirmando, por meio do exemplo já citado, o aumento progressivo de atos intolerantes no Brasil. No final do quarto parágrafo, ao citar “eu acredito que devemos aceitar as opiniões das outras pessoas, e não intolerar.”, notamos que tenta expor explicitamente o seu ponto de vista, porém, de acordo com a sequência argumentativa, o momento era oportuno para a apresentação de argumentos.

No último parágrafo, que deveria apresentar uma conclusão com uma possível solução para o problema em foco, evidenciamos uma repetição de ideias, uma vez que retoma a temática citando as consequências de atos intolerantes, e no final não consegue articular as ideias para finalizar o texto.

Se nos detivermos nos usos das conjunções destacadas, notamos que em algumas ocorrências da conjunção “e”, como nos fragmentos a seguir, “A intolerância e a

discordância”, “em todos os casos de intolerância o objetivo sempre e o mesmo”, “se intolerância e extraída da raiva”, o aluno pretendia utilizar a forma verbal “é” em vez da conjunção “e”. Na passagem “se intolerância e extraída da raiva e às vezes até do medo **no entanto** quando a intolerância”, o uso do conector “no entanto” foi utilizado com a função de contrapor argumentos, porém percebemos que o seu uso fica comprometido, pois a organização textual não apresenta um encadeamento lógico de ideias que possibilita uma progressão temática do texto.

Na avaliação, apontamos a possibilidade de o aluno refazer o 1º parágrafo com o intuito de deixar o leitor informado sobre o assunto que discutirá. Em relação ao desenvolvimento, solicitamos que reforçasse a sua argumentação. Para o último parágrafo, determinamos que fosse necessário retomar as ideias e reafirmar o ponto de vista produzindo uma conclusão. As inadequações gramaticais foram orientadas a partir de códigos para que o aluno faça as alterações necessárias.

Apesar de discutirmos a temática proposta aos alunos na produção final em aulas anteriores, notamos que a maioria teve dificuldades de mobilizar argumentos para defender o ponto de vista. Verifiquemos o recorte discursivo (RD3) no qual é possível identificarmos tal situação:

RD3

Figura 4 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A5

Desde que o mundo se criou, tivemos opiniões divergentes e com as opiniões divergentes temos a intolerância, mas ^{conect} pessoas sempre lutam em conflitos, sempre um quer estar mais certo que o outro, só que o problema não é a discussão e sim quando a intolerância que é algo que não pode existir.

A intolerância acontece quando não dá respeito, exemplo disso foi quando ilian Wiliz cuspiu na cara do futuro presidente Jair Bolsonaro, pois não aceitou a posição dele.

Outro ~~ex~~ exemplo de intolerância foi quando torcedores atacam ônibus de time rival e acabam ferindo jogadores.

Temos também outro caso de intolerância com Bolsonaro que foi quando ele não apoiava ele e várias pessoas ficaram desobedecendo a ordem dele.

Então nos exemplos que citei nenhum apresenta algo bom quando a intolerância, devemos ter um pensamento crítico e rejeitar opiniões alheias.

Fonte: produção textual do aluno A5.

Figura 5 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A5

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		O texto precisa apresentar um título
O texto está bem organizado em parágrafos?		Observe a margem da folha e respeite a hierarquia da possibilidade de usar os parágrafos que abordam o mesmo assunto
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		lembra-se que o leitor precisa ficar informado sobre o assunto no 1º parágrafo.
Assumi uma posição diante da questão discutida?	Sim.	
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Reforce sua argumentação.
Concluiu o texto reforçando sua posição?		Sua conclusão está vaga, veja a possibilidade de refazê-la.
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?	Sim	
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Observe os códigos e faça as correções: 1 - ortografia 2 - acentuações 4 - concordância.

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 6 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A5

Desde que o mundo é mundo, temos opiniões divergentes e com as opiniões divergentes temos a intolerância, as pessoas sempre entram em conflitos, sempre um quer está mais certo que o outro, so que o problema não é a discursão e sim quando à intolerância que é algo que não pode existir.

A intolerancia acontece quando não a respeito, exemplo disso foi quando Jean Wilis cuspiu na cara do futuro presidente Jair Bolsonaro, **pois** não aceitou a posição dele.

Outro exemplo de intolerancia foi quando torcedores atacam ônibus de time rival e acabam ferindo jogador.

Temos **também** outro caso de intolerância com Bolsonaro que foi quando deram uma facada nele **porque** não apoiava ele é várias pessoas ficaram desejando o mal dele.

Então dos exemplos que citei nenhum apresenta algo bom quando à intolerância, devemos ter um pensamento crítico e respeitar opiniões alheias.

Fonte: produção textual do aluno A5.

Quanto à adequação à norma culta, o aluno apresenta alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita, tais como desvios ortográficos em “quando à intolerância / quando há intolerância; “A intolerância quando não a respeito” / A intolerância acontece quando não há respeito; ausência de acentuação em: “so” / só; falta de concordância verbal em “quando

torcedores atacam ônibus de time rival” / quando torcedores atacaram ônibus de time rival; uso indevido ou ausência de pontuação em: “Desde que o mundo é mundo, temos opiniões divergentes” / Desde que o mundo é mundo temos opiniões divergentes; “Então dos exemplos que citei” / Então (,) dos exemplos que citei.

Inicialmente, notamos que o aluno não apresenta título em seu texto. Continuando a análise, observamos que tenta definir o seu ponto de vista no primeiro parágrafo, apresentando-se contra a intolerância, porém os desvios ortográficos comprometem a clareza do texto. Para mobilizar argumentos em favor da sua tese, são apresentados, nos parágrafos seguintes, exemplos que apontam sinal de desrespeito às opiniões contrárias. O aluno até consegue mobilizar fatos que exemplificam o seu ponto de vista, porém não há uma discussão, uma análise em torno desses exemplos, para que de fato se possa ter uma adesão do interlocutor à tese apresentada. A ausência de uma capacidade argumentativa consistente, também, é visível na conclusão, quando simplesmente ele retoma os exemplos e afirma que “devemos ter um pensamento crítico e respeitar opiniões alheias”.

Com relação ao uso das conjunções, notamos que o aluno utiliza poucas formas e com pouca frequência, e as emprega corretamente; a maioria concentra-se no uso de conjunções que somam ideias e duas ocorrências em que os conectores têm valor explicativo.

Na avaliação que propomos, sugerimos que o aluno, inicialmente, apresentasse um título ao artigo a fim de despertar o interesse e a curiosidade do leitor para ler o texto. Sobre os problemas identificados no desenvolvimento, o orientamos a reforçar a argumentação analisando os fatos apresentados. Com relação à conclusão, sugerimos rever a possibilidade de refazer a conclusão. Os desvios ortográficos foram identificados por meio de códigos para o aluno analisar a possibilidade de corrigi-los.

No recorte discursivo a seguir, (RD4) também notamos problemas na argumentação. Vejamos o recorte:

RD4

Figura 6 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A9

Exemplos de pessoas que não ouvem os outros.

Em algumas situações acontece de ter algumas diferenças entre as pessoas, pois muitas não sabem ouvir a opinião dos outros.

Muitas vezes acontece a diferença pela simples falta de algumas pessoas não saberem se expressar de forma correta.

Quando falamos de política muitas das vezes as pessoas chegam até a se agredir por não quererem ouvir a opinião de outro eleitor adversário de seu candidato. Um exemplo disso foi o plebiscito de Jair Bolsonaro sem eleitor não quis ouvir o posicionamento dele na política, por não quererem ouvir isso e elegeram o candidato a presidência.

Isso acontece não só na política, mas também em outros assuntos. *Observe o sentido dessa palavra.*

Um exemplo disso é as pessoas não ouvirem a relação de mulher com mulher e homem com homem. Muitas não ouvem elas pela falta delas se relacionarem com pessoas do mesmo sexo que elas. Tem pessoas que dizem de frequentar certos tipos de lugares, por que nesse lugar tem um casal de mulher ou de homem, não querem se aproximar de pessoas como elas, isso não para por aí, tem muito mais. E se algum da família dessas pessoas se relacionarem com pessoas do mesmo sexo, elas iriam ouvir ou desprezar assim como fazem com os outros?

Então por isso devemos aprender a ouvir a opinião dos outros.

Fonte: produção textual do aluno A9.

Figura 7 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A9

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AValiação DE PRODUÇÃO DO GêNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		O título precisa ser objetivo e atrair a atenção do leitor.
O texto está bem organizado em parágrafos?		Veja se é possível unir alguns parágrafos que tratam do mesmo assunto.
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		Deixe o leitor informado do tema e assunto que você discute no 1º parágrafo.
Assumi uma posição diante da questão discutida?		Assuma o seu ponto de vista, se possível no 1º parágrafo.
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Reforce sua argumentação.
Concluiu o texto reforçando sua posição?		Sua conclusão está vaga, retome as ideias apresentadas anteriormente.
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?	Sim	
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Observe os códigos e faça as correções: 1 - ortografia 2 - acentuação 4 - concordância 5 - pontuação

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 7 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A9

Exemplos de pessoas que não aceita as outras

Em algumas situações acontece de ter algumas diferenças entre as pessoas, **pois** muitos não sabem aceitar a opinião dos outros.

Muitas vezes acontece a difegência pelo simples fato de algumas pessoas não saberem se espreçar de forma correta.

Quando falamos de política muitas das vezes as pessoas chegam até a se agredir por não quererem aceitar a opinião de outro eleitor adversario do seu candidato. Um exemplo disso foi a facada de Jair Bolsonaro, um eleitor não quis aceitar o posicionamento dele na política por não querer aceitar isso esfaqueou o candidato a presidencia.

Isso acontece **não só** na política **mas também** em outros assuntos.

Um exemplo disso é as pessoas não aceitarem a relação de mulher com mulher e homem com homem. Muitos não aceitam elas pelo fato delas se relacionarem com pessoas do mesmo sexo que elas. Tem pessoas que deixam de frequenta certos tipos de lugares, **por que** nesse lugar tem um casal de mulher **ou** de homem, não querem se aproximar de pessoas como elas, isso não para por aí, tem muito mais.

E se alguém da família dessas pessoas se relacionem com pessoas do mesmo sexo, elas iriam aceitar **ou** desprezar assim como fazem com os outros?

Então **por isso** devemos aprender a aceitar a opinião dos outros.

Fonte: produção textual do aluno A9.

Neste recorte, evidenciamos algumas dificuldades com relação ao uso de elementos gramaticais apresentando desvios ortográficos, problemas de pontuação, além da dificuldade do aluno em produzir um texto que atenda a uma sequência argumentativa.

Quanto à adequação à norma culta, notamos alguns desvios de concordância verbal, como no excerto “pessoas que não aceita as outras” / pessoas que não aceitam as outras; de ortografia em “difigência” / divergência; “espreçar” / expressar; “frequenta” / frequentar; “desprezar” / desprezar; “não querem se aproxima” / não querem se aproximar; ausência de acentuação em “adiversario” / adversário; “presidencia” / presidência; e ausência de pontuação em “Então por isso devemos aprender” / Então (,) por isso devemos aprender.

O título “Exemplos de pessoas que não aceita as outras” denota que o texto foge parcialmente à tipologia solicitada. O aluno apresenta um relato expositivo em que a descrição de exemplos predomina sobre a argumentação. Na introdução, tenta formular uma tese, mas sem sucesso; há fatos, mas não há uma tomada de posição do autor. No desenvolvimento, notamos uma tentativa de defender um ponto de vista a partir de uma exposição de exemplos, tentando justificar a informação apresentada na introdução, porém por não apresentar uma tese definida, as informações não apresentam consistência.

Notamos que, no quarto parágrafo, o aluno retoma a informação do parágrafo anterior, ao utilizar o pronome “isso”, com o intuito de acrescentar um novo argumento em que é

possível verificar o uso correto dos conectores “não só” e “mas também”; eles estabelecem uma relação discursiva de soma, cujos argumentos apontam para uma mesma conclusão, porém a informação fica vaga, quando se refere a “outros assuntos” não os especificando. Na sequência, há novamente uma exposição de exemplos que tenta justificar o que não foi contextualizado anteriormente. Evidenciamos neste parágrafo a ocorrência de dois conectivos, o “porque” com valor explicativo, porém foi registrado incorretamente e o “ou” indicando distinção entre os termos que estão sendo ligados.

No último parágrafo, o aluno introduz a conclusão utilizando o conector “por isso”, retomando o que foi exposto, apresentando uma proposta de intervenção que não é clara o suficiente para conferir força argumentativa e persuadir o leitor.

A nossa avaliação para esta produção sugeriu que o aluno revisasse o título com o intuito de torná-lo objetivo e que pudesse despertar a atenção do leitor. Em relação à estrutura da tipologia e da paragrafação, chamamos a atenção para que ele pudesse analisar os parágrafos que tratavam do mesmo assunto revendo a possibilidade de uni-los. Reforçamos a necessidade de assumir um ponto de vista na introdução, usar argumentos consistentes e apresentar uma conclusão que estivesse relacionada com as ideias apresentadas ao longo do texto. Quanto aos desvios observados, o orientamo a corrigi-los a partir de códigos.

O recorte discurso (RD5), além de apresentar sérios problemas na argumentação, os desvios gramaticais comprometem a clareza do texto. Vejamos o recorte:

RD5

Figura 8 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A8

aceitam ou intolerância?

Intolerância, aceitam ou intolerância? O que é intolerância, essa palavra é a que mais faz discordância entre amigos ou até mesmo parentes, com opiniões diferentes da sua. Pôem que (se) não aceitam e evitam uma briga. Hoje em dia quando você discorda de uma pessoa sobre um político, ou um filme ou qualquer coisa assim, mesmo que por uma besteirinha a pessoa a qual você discorda no mesmo momento já se enche de ódio e não dá a ponto de fazer uma besteira por causa de uma coisa insignificante.

Há vários exemplos de intolerância como Religiosa e Política. As pessoas ficam com ódio e raiva que perdem a razão e acabam machucando os familiares e os amigos, e ficam cada vez mais sazinhas porque falam por causa de opiniões diferentes.

Um exemplo de intolerância é a mais famosa foi o ataque ao candidato à Presidência Bolsonaro, que foi atacado em público por um homem que discordava e era de partido diferente de Bolsonaro que foi espancado. *Observe se é necessário esse trecho?*

Então vale a pena tirar a vida de uma pessoa que discorda de você, não é mais fácil aceitar e respeitar? *Observe se é necessário esse trecho?*

→ Você quis fazer uma pergunta?

Fonte: produção textual do aluno A8.

Figura 9 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A8

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado, verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção já estudadas. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva o seu artigo, alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		Reveja, talvez seja melhor criar um título que expresse o seu posicionamento.
O texto está bem organizado em parágrafos?		Observe a margem da folha, procure escrever até o final da margem.
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		Veja se é necessário os dois questionamentos no início do 1º parágrafo, já que o próprio título já tem o questionamento.
Assumi uma posição diante da questão discutida?		Procure se posicionar diante da questão discutida.
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Veja se é possível reforçar a sua argumentação.
Concluiu o texto reforçando sua posição?		Nesse momento não é oportuno está questionando, aproveite para reforçar o seu ponto de vista.
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		Observe os casos destacados no texto.
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, acentuação, concordância, etc.)		Corrija de acordo com o código: 1 - ortografia 2 - acentuação 3 - grafia = pontuação

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 8 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A8

Aceitar **ou** intolera!?

Intolerancia, aceitar **ou** intolera? O que **e** intolerancia?. Essa palavra **e** a que mais faz discordia entre amigos **ou** até mesmo parentes, com opiniões diferentes da sua. Por que só não aceitar **e** evitar uma briga. Hoje em dia quando você discorda de uma pessoa sobre um político, **ou** um time **ou** qualquer coisa assim, mesmo que for uma besteirinha a pessoa a qual você discordou no mesmo momento já se enche de ódio **e** raiva a ponto de fazer uma besteira por causa de uma coisa insignificante.

E tem varios exemplos de intolerancia como: Religiosa **e** Política. As pessoas ficam tanto odio **e** raiva que perdem a noção **e** acabam afastando os familiares **e** os amigos, **e** ficam cada vez mais sozinhos **e** porque? tudo por causa de opiniões diferentes.

Um exemplo de Intolerancia **e** a mais famosa foi o ataque ao candidato a Presidente Bolsonaro, que foi atacado em público por um homem que discordava **e** era de partido diferente do Bolsonaro que foi esfaquiado.

Então vale apenas tira a vida de uma pessoa que discorda de você, não **e** mais fácil aceitar **e** respeitar.

Fonte: produção textual do aluno A8.

Ao analisarmos o texto, notamos que a variedade padrão não é usada com domínio da gramática da Língua Portuguesa. Os exemplos que seguem confirmam essas constatações. Há desvios ortográficos nas expressões: “intolera” / intolar; “esfaquiado” / esfaqueado; “apena” / a pena; “tira” / tirar; ausência de acentuação em: “intolerancia” / intolerância; “e” / é; “ódio” / ódio; “discordia” / discórdia; “varios” / vários; uso de letra maiúscula indevida em: “Religiosa e Política” / religiosa e política; “Presidente” / presidente; pontuação inadequada em: “Aceitar ou intolera!?” / Aceitar ou intolar (?); “O que e intolerância?.” / O que é intolerância (?); “Por que não só aceitar e evitar uma briga.” / Por que não só aceitar e evitar uma briga (?); “Então vale apenas tira a vida de uma pessoa que discorda de você, não **e** mais fácil aceitar **e** respeitar.” / Então, vale a pena tirar a vida de uma pessoa que discorda de você, não é mais fácil aceitar **e** respeitar (?)”

Na introdução, observamos que o aluno tenta formular uma tese, mas não consegue expô-la explicitamente. Há questionamentos, definição, fatos, consequências, mas não há uma tomada de posição do autor do texto. O desenvolvimento do tema segue com a apresentação de exemplos, apresentando causas e consequências, porém por não ter uma tese bem definida, as informações não apresentam consistência. Na conclusão, em vez de apresentar uma proposta de intervenção, já que desenvolve o texto expondo exemplos de atos intolerantes, finaliza-o questionando o interlocutor.

Sobre o uso das conjunções, o aluno utiliza o conector “ou” no título e no primeiro parágrafo, indicando uma orientação alternativa. O conector “e” é utilizado com mais

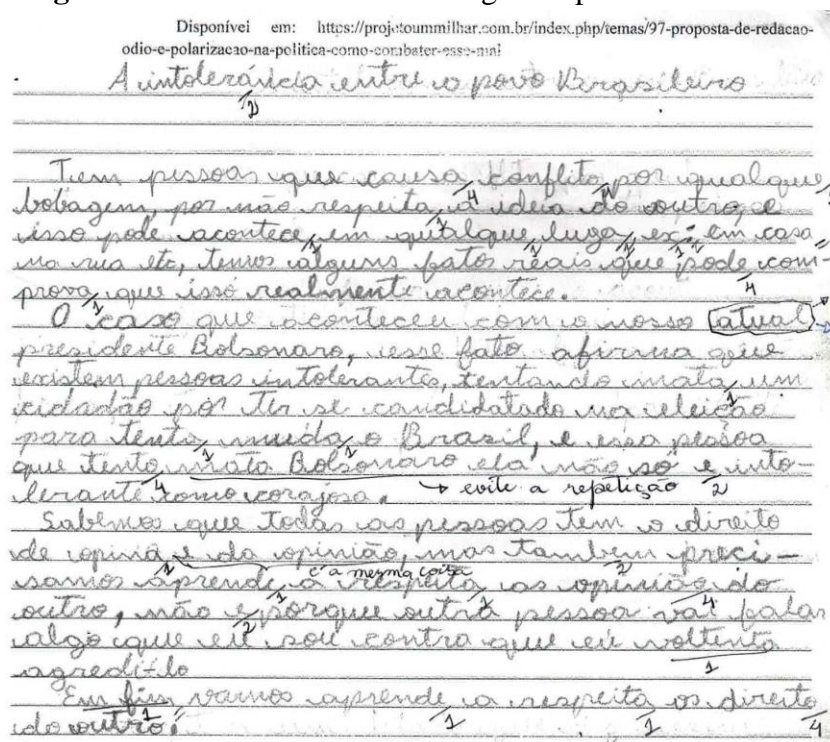
frequência no texto, em alguns casos uniu palavras, em outros introduziu argumentos e em outros foi utilizado de forma inadequada ou sem necessidade. No primeiro parágrafo, notamos a ocorrência da expressão “só não” que deveria corresponder ao conector “não só”.

Nossa avaliação orientou o aluno a rever o título, pois o apresenta em forma de questionamento e não o responde ao longo do texto. Em relação à introdução, pedimos para observar a repetição de ideias e apresentar o ponto de vista em relação à temática discutida; no desenvolvimento, o orientamos a apresentar argumentos consistentes com o intuito de persuadir o interlocutor e, na conclusão, ressaltamos que o momento não era oportuno para questionamento, mas sim para reforçar o ponto ou até mesmo apresentar uma proposta de intervenção. Sobre os elementos coesivos e as inadequações gramaticais, destacamos no texto os casos que necessitariam ser revistos.

No recorte discursivo (RD6), a seguir, observamos que o aluno consegue utilizar com proficiência as conjunções coordenadas ao longo do texto, porém apresenta sérios desvios gramaticais que comprometem a clareza do texto. Eis o recorte:

RD6

Figura 10 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A4



Fonte: produção textual do aluno A4

Figura 11 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A4

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		<i>bermbe - se que o título deve ser objetivo e atrair a atenção do leitor.</i>
O texto está bem organizado em parágrafos?		<i>Sim, mas precisa seguir as orientações para organização e discussões.</i>
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		<i>Deixe o leitor informado sobre o assunto que discutirá no 1º parágrafo.</i>
Assumiu uma posição diante da questão discutida?		<i>Tente se posicionar no 1º parágrafo.</i>
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		<i>Reforce sua argumentação.</i>
Concluiu o texto reforçando sua posição?		<i>Sua conclusão está vaga, retome as ideias apresentadas e reforce seu posicionamento.</i>
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?	<i>sim</i>	
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		<i>Observe os códigos a fazer as alterações: 1 - ortografia 2 - acentuação 4 - concordância 5 - pontuação</i>

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 9 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A4

<p>A intolerância entre o povo Brasileiro</p> <p>Tem pessoas que causa conflito por qualche bobagem, por não respeita a ideia do outro, e isso pode acontece em qualche luga, ex: em casa na rua etc, temos alguns fatos reais que pode comprova que isso realmente acontece.</p> <p>O caso que aconteceu com o nosso atual presidente Bolsonaro, esse fato afirma que existem pessoas intolerantes, tentando mata um cidadão por ter se candidatado na eleição para tenta muda o Brasil, e essa pessoa que tento mata Bolsonaro ela não só e intolerante como corajosa.</p> <p>Sabemos que todas as pessoas tem o direito de opina e da opinião, mas tambem precisamos aprende a respeita as opinião do outro, não e porque outra pessoa vai falar algo que eu sou contra que eu voltenta agredilo.</p> <p>Em fim vamos aprende a respeita os direito do outro.</p>
--

Fonte: produção textual do aluno A4

Ao analisarmos o texto, verificamos que o aluno não utiliza a variedade formal da língua com domínio. Notamos ausência ou acentuações inadequadas em: “intolerância” / intolerância; “e” / é; “tambem” / também. Desvios gramaticais em: “qualque” / qualquer; “respeita” / respeitar; “acontece” / acontecer; “luga” / lugar; “comprova” / comprovar; “mata” / matar; “tenta” / tentar; “muda” / mudar; “tento” / tentou; “opina” / opinar; “da” / dar; “aprende” / aprender; “respeita” / respeitar; “voltenta” / vou tentar; “em fim” / enfim. Falta de concordância verbal em: “pessoas que causa” / pessoas que causam; “temos alguns fatos reais

que pode / temos alguns fatos reais que podem; “todas as pessoas tem o direito” / todas as pessoas têm o direito. Falta de concordância nominal em: “Tem pessoas que causa conflito” / tem pessoas que causam conflitos; “as opinião” / as opiniões; “os direito” / os direitos.

Esses desvios revelam que o aluno não tem domínio suficiente do uso da Língua Portuguesa, na modalidade escrita. Com relação à coesão, notamos alguns recursos de referenciação, como, por exemplo, em: “isso”, que faz referência a “não respeita a ideia do outro”; “isso”, que faz referência a “alguns fatos”; “esse fato”, que faz menção a “o caso que aconteceu com nosso atual presidente Bolsonaro”. A coesão sequencial pode ser observada a partir do uso das conjunções coordenadas, ora utilizadas como operadores argumentativos, ora como elementos conectores.

Em relação à estrutura do artigo, observamos que o aluno apresenta um título que pode provocar a atenção do leitor. Na introdução, ele mostra dificuldade de formular a sua tese, apresenta um fato “Tem pessoas que causa conflito por qualche bobagem, por não respeita a ideia do outro...”; na sequência, ele cita lugares onde isso pode acontecer e afirma que há fatos que os comprovam, mas não há um posicionamento do aluno em relação à temática. No primeiro parágrafo, percebemos uma ocorrência da conjunção “e” unindo palavras.

No desenvolvimento, encontramos um exemplo que vai justificar a afirmação exposta na introdução. Neste parágrafo percebemos duas ocorrências da conjunção “e”; na primeira, soma argumentos em favor de uma mesma conclusão, na segunda, é utilizado de forma incorreta, pois percebemos que foi substituído pela forma verbal “é”. Notamos, também, a ocorrência da conjunção “não só”, somando e reforçando a argumentação.

No parágrafo seguinte, ele tenta fazer um fechamento do seu texto, manifestando, na primeira pessoa do plural, seu ponto de vista sobre o tema, na sequência afirma que devemos respeitar o direito dos outros. Nesse parágrafo, foram utilizadas duas conjunções com o objetivo de somar argumentos, o “e” e “mas também”. Uma das ocorrências do “e” foi utilizada de forma incorreta. Evidenciamos também o uso do “porque”, utilizado para justificar o motivo de se respeitar a opinião do outro.

Do modo como o sentido do texto é construído, podemos dizer que o ponto de vista a ser argumentado fica no nível superficial das informações, não há apresentação de argumentos consistentes para a sua defesa. Por fim, observamos que os desvios gramaticais prejudicam o sentido e a progressão do texto.

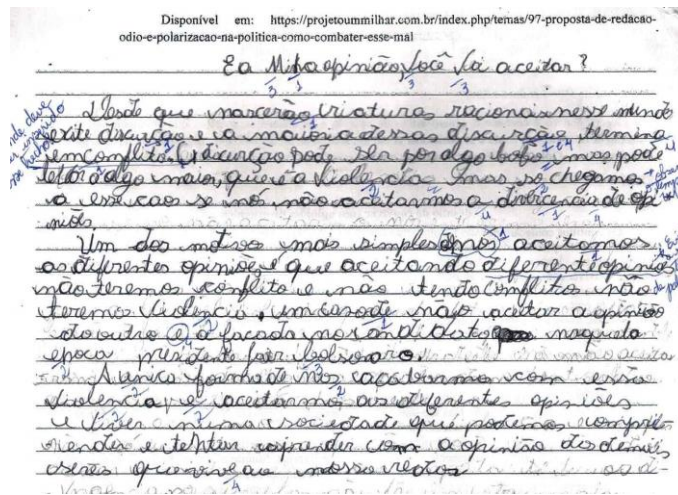
Nossa avaliação sugeriu que o aluno analisasse os pontos observados nesta análise: definir a tese na introdução; usar argumentos consistentes em defesa do seu ponto de vista;

rever a conclusão procurando retomar as ideias; reforçar o posicionamento e, com relação à adequação às normas gramaticais, apontamos os desvios no texto e orientamos a correção.

No recorte discursivo 7 (RD7), a seguir, observamos sérios problemas gramaticais e argumentativos. Vejamos o recorte abaixo:

RD7

Figura 12 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A3



Fonte: produção textual do aluno A3.

Figura 23 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A3

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		Lembre-se que o título deve ser objetivo e atrair a atenção do leitor.
O texto está bem organizado em parágrafos?		É necessário usar os casos apontados no texto para serem reorganizados.
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		Sim, mas precisa organizar o texto confuso.
Assumiu uma posição diante da questão discutida?		Tente se posicionar no 1º parágrafo assumindo o seu ponto de vista.
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Reforce sua argumentação.
Concluiu o texto reforçando sua posição?		Sim, porém sua proposta precisa ser desenvolvida melhor. Exclua o que não vai acontecer.
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		Atenção ao uso do conectivo "e".
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Observe os códigos e faça as correções: 1. ortografia 2. acentuação 3. grafia 4. concordância 5. pontuação

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 10 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A3

E a minha opinião você vai aceitar?

Desde que nascerão criaturas racionais nesse mundo existe discursão e a maioria dessas discursão termina em conflito. A discursão pode ser por algo bobo **mas** pode levar a algo maior, que é a violência **mas** só chegamos a esse caos se nós não aceitarmos a divercencia de opiniões.

Um dos motivos mais simples de nós aceitamos as diferentes opiniões é **que** aceitando diferente opiniões não teremos conflito e não tendo conflitos não teremos violencia. Um caso de não aceitar a opinião do outro e a facada no candidato naquela época presidente jair bolsonaro.

A unica forma de nos acabarmos com essa violencia e aceitarmos as diferentes opiniões e viver numa sociedade que podemos compreender e tentar aprender com a opinião dos demais seres que vive ao nosso redor.

Fonte: produção textual do aluno A3.

Notamos que o aluno A3 não tem domínio da norma culta da língua, pois observamos desvios relacionados ao emprego do tempo verbal em “nascerão” / nasceram; “chegamos” / chegaremos; “aceitamos” / aceitarmos; desvios gramaticais em: “discursão” / discussão; “divercencia” / divergência; ausência de acentuação em: “violencia” / violência; “e” / é; “unica” / única; “nos” / nós; falta de concordância verbal em: “existe” / existem; “vive” / vivem; falta de concordância nominal em: discursão / discussões; emprego de letra minúscula em substantivo próprio “jair bolsonaro” / Jair Bolsonaro.

Em relação à estrutura textual, observamos que o aluno organiza o seu texto apresentando um título longo, que não atrai a atenção do leitor. Na introdução, ele consegue contextualizar a temática proposta, inicia situando o leitor no tempo, porém não assume um ponto de vista, o que dificulta a argumentação no restante do texto.

No desenvolvimento, organizado em um único parágrafo, o autor faz uso de um argumento de causa e de consequência, no qual tenta sugerir a relação entre a aceitação de opiniões e, conseqüentemente, a ausência de conflitos e de violência. Em seguida, ele ainda cita um fato tentando comprovar a consequência de não aceitar a opinião do outro.

Na conclusão, verificamos que o aluno retoma as ideias apresentadas ao longo do texto e propõe, como solução, a atitude do ser humano em aceitar e em compreender opiniões diferentes para aprender com os demais. Apesar de o aluno conseguir fazer a retomada e propor a solução, notamos que se trata de uma proposta feita de forma breve, pouco desenvolvida, pois sabemos que é fácil dizer que devemos aceitar, mas na prática isso não acontece naturalmente.

Em relação ao uso das conjunções coordenadas, percebemos que o aluno usa apenas três formas em seu texto, o “e”, o “mas” e o “que”. A primeira ocorrência encontra-se no título, em que o “e” é utilizado sem necessidade. Além dessa, outras duas ocorrências desta conjunção, uma no segundo, outra no terceiro parágrafo, foram empregadas, indevidamente,

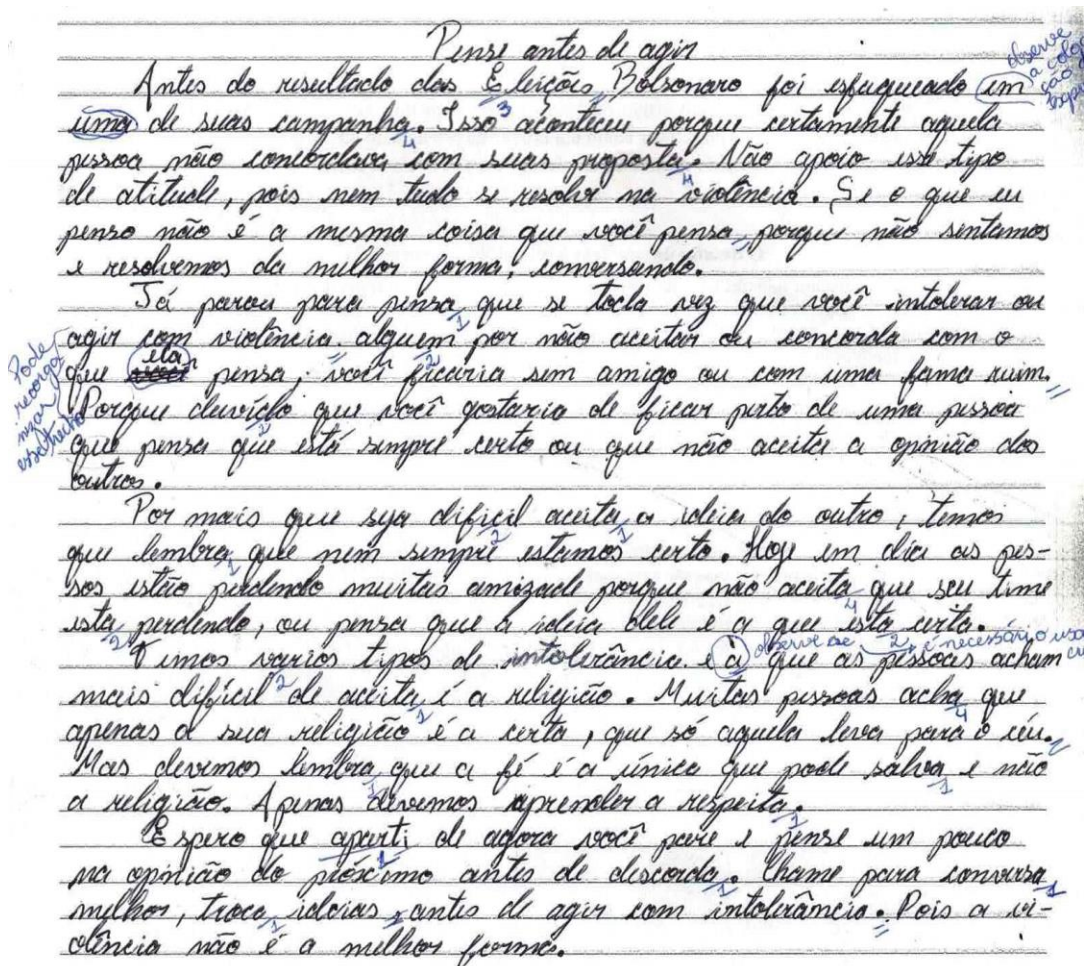
pois observamos que o aluno desejaria usar a forma verbal “é”; as demais foram usadas para somar ideias em favor de uma mesma conclusão. No fragmento “A discursão pode ser por algo bobo **mas** pode levar a algo maior, **que** é a violência **mas** só chegamos a esse caos se nós não aceitarmos a divercencia de opiniões.”, evidenciamos duas ocorrências do “mas” utilizados para marcar uma contradição de ideias. O conector “que” é utilizado para justificar a ideia expressa anteriormente.

Na avaliação desta produção, fizemos algumas colocações em relação ao título, orientando-o a rever e torná-lo objetivo, apontamos alguns casos de repetição de ideias para que reestruturasse a paragrafação. Solicitamos que assumisse um ponto de vista no primeiro parágrafo e reforçasse a argumentação. As inadequações gramaticais foram apontadas no texto a partir de códigos, para análise e adequação.

No recorte discursivo 8 (RD8), a seguir, também podemos observar problemas com a argumentação. Eis o recorte abaixo:

RD8

Figura 34 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A2



Fonte: produção textual do aluno A2.

Figura 45 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A2

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO		
CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		Reembre - se que o título deve atrair a atenção do leitor.
O texto está bem organizado em parágrafos?	Sim	
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		Observe que você inicia uma proposta de solução para a problemática no 1º parágrafo. Ela tem mais efeito na conclusão
Assumi uma posição diante da questão discutida?	Sim	
Uso argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Reforce sua argumentação. Reorganize o trecho indicado no texto
Concluiu o texto reforçando sua posição?		Reveja sua proposta de intervenção. É possível utilizar ideias que impõem mais força argumentativa ao leitor?
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?	Sim	
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Observe os códigos e faça as correções: 1 - ortografia 2 - acentuação 3 - grafia 4 - concordância "- pontuação

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 11 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A2

Pense antes de agir

Antes do resultado das Eleições Bolsonaro foi esfaqueado em uma de suas campanha. Isso aconteceu **porque** certamente aquela pessoa não concordava com suas proposta. Não apoio esse tipo de atitude, **pois** nem tudo se resolve na violência. Se o que eu penso não é a mesma coisa que você pensa **porque** não sentamos e resolvemos da melhor forma, conversando.

Já parou para pensa que se toda vez que você intolerar **ou** agir com violência alguém por não aceitar **ou** concordar com o que ela pensa, você ficaria sem amigo **ou** com uma fama ruim. **Porque** duvido que você gostaria de ficar perto de uma pessoa que pensa que está sempre certo **ou** que não aceita a opinião dos outros.

Por mais que seja difícil aceita a ideia do outro, temos que lembra que nem sempre estamos certo. Hoje em dia as pessoas estão perdendo muitas amizades **porque** não aceita que seu time esta perdendo, **ou** pensa que a ideia dele é a que esta certa.

Temos vários tipos de intolerância e à que as pessoas acham mais difícil de aceita é a religião. Muitas pessoas acha que apenas a sua religião é a certa, que só aquela leva para o céu. **Mas** devemos lembra que a fé é a única que pode salva e não a religião. Apenas devemos aprender a respeita.

Espero que aparti de agora você pare e pense um pouco na opinião do próximo antes de discorda. Chame para conversa melhor, troca ideias antes de agir com intolerância. **Pois** a violência não é a melhor forma.

Fonte: produção textual do aluno A2.

Ao analisarmos o texto, verificamos que, em relação à modalidade formal da língua, há vários desvios gramaticais e ortográficos, esse conjunto de desvios diminui a objetividade e a clareza do texto. As expressões, a seguir, comprovam as inadequações: “Eleições” / eleições; “pensa” / pensar; “alguem” / alguém; “duvido” / duvido; “aceita” / aceitar; “esta” / está; “à” / a; “lembra” / lembrar; “salva” / salvar; “aparti” / a partir; “discorda” / discordar, “conversa” / conversar; concordância nominal inadequada em “suas campanha” / suas campanhas e “suas proposta” / suas propostas; falta de pontuação no trecho “Se o que eu penso não é a mesma coisa que você pensa **porque** não sentamos” / Se o que eu penso não é a mesma coisa que você pensa (,) **porque** não sentamos; pontuação inadequada em “que só aquela leva para o céu. **Mas** devemos lembra” / que só aquela leva para o céu (,) **mas** devemos lembrar; “troca ideias antes de agir com intolerância. **Pois** a violência não é a melhor forma” / troca ideias antes de agir com intolerância (,) **pois** a violência não é a melhor forma.

Na introdução, o aluno traz um fato para dar foco à temática discutida; após essa informação, ele expressa o seu posicionamento declarando ser contra esse tipo de atitude. Na sequência, ele apresenta uma proposta de intervenção “Se o que eu penso não é a mesma coisa que você pensa **porque** não sentamos e resolvemos da melhor forma, conversando.”, esta proposta faria mais efeito se colocada na parte final do texto, na conclusão. Nesse parágrafo, percebemos três ocorrências de conjunções que introduzem uma explicação e uma ocorrência da conjunção “e”, somando ideias, todas empregadas corretamente.

Nos parágrafos seguintes, notamos uma tentativa de argumentação, porém vaga, sem consistência, uma vez que o aluno baseia-se somente em informações do senso comum. Verificamos, também, que, no segundo parágrafo, o aluno apresenta problemas com a articulação das ideias, primeiro ao se referir à 2ª pessoa utilizando os pronomes “ela” e “você” e, posteriormente, faz uso do conector “porque” sem necessidade. O conector “ou” é utilizado várias vezes nestes parágrafos, indicando uma orientação alternativa.

Ao continuar o texto, o aluno argumenta reconhecendo que a intolerância religiosa é a que mais persistente na sociedade, para isso ele cita exemplo e reforça a sua tese, afirmando que “devemos aprender a respeitar”. Nesse parágrafo, há duas ocorrências da conjunção “e”, somando ideias em favor de uma mesma conclusão e uma ocorrência do conector “mas” ligando orações com ideias contrárias, notamos também inadequação quanto ao uso da pontuação.

Finaliza o texto com uma proposta que confere pouca força argumentativa, pois afirma que espera que o leitor, a partir da discussão, pense antes de agir com violência. Nesse

parágrafo, foram utilizados os conectores “e” e “pois”; em relação a esse último, apesar de introduzir uma justificativa, houve inadequação no que tange à pontuação utilizada.

Na nossa avaliação sobre o texto, pedimos que, em relação aos desvios gramaticais, o aluno observasse os códigos identificados no texto e realizasse as alterações necessárias; revisasse a finalidade de cada parte que estrutura o artigo de opinião procurando relacionar ao que escreveu; observasse que, no desenvolvimento, a argumentação precisa estar bem articulada; revise a possibilidade de usar argumentos diversificados e consistentes; examinasse a proposta de intervenção apresentada na conclusão, procurando apresentar sugestões inovadoras e viáveis.

Passamos ao próximo recorte, o qual pertence a um aluno que apresenta dificuldades linguísticas mais acentuadas do que o recorte analisado anteriormente.

RD9

Figura 16 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A6

Opiniões diferentes

nem sempre devemos nos desculpar com a quem por motivos políticos. Mas não há intolerância nem sempre nos temos com algum Bigary, devemos respeitar a opinião dos outros, assim como eles respeitam a nossa.

Nessa última política, tivemos (a) ailton Taitira para matar o candidato Bolsonaro, pois nos perseguir, ele estava lidando. Também o caso da vereadora Mariele Franco de Rio de Janeiro, que foi assassinada, nós sabemos o motivo até hoje, porque a matou. Entre outros exemplos intolerância que acontece como a de Chicago e Buenos Aires. Geralmente se por falta de diálogo e respeito aos próximos, por achar que só a sua opinião é a correta.

No entanto, devemos respeitar a opinião de cada um, e não cada um deve nos putar a mesma. Muitas pessoas não respeitam a sexualidade do outro, por achar que homem só pode se casar com mulher, e certo e isso (mas) ele não quer deixar de ele sair com uma pessoa do mesmo sexo, e dele ele sabe o que faz!

Mas não pode não pode, não deixar! É a sua intolerância que não deixa, aceitar isso.

Em alguns casos devemos nos calar, pois nem sempre queremos lidar as pessoas com nos suas opiniões e a ofendem. Deixa a sua intolerância de lado, e respeita a opinião do outro.

Vamos deixar a intolerância de lado, e comece a aceitar a opinião do outro.

Repetir a ideia apresentada anteriormente

Fonte: produção textual do aluno A6.

Figura 57 – Avaliação da primeira versão do artigo de opinião do aluno A6

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		Lembre-se que o título precisa atrair a atenção do leitor.
O texto está bem organizado em parágrafos?		Reveja o final do 3º parágrafo e o último.
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		Deixe o leitor mais informado sobre o assunto do seu texto.
Assumi uma posição diante da questão discutida?	Posicionamento explícito.	
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Reorganize os parágrafos de acordo com as sugestões e reforce sua argumentação.
Concluiu o texto reforçando sua posição?	Sim, mas não há necessidade de repetir a mesma informação.	
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		Observe os casos destacados no texto.
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Observe os códigos e faça as correções: 1 - ortografia 2 - acentuação 4 - concordância / - pontuação

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 12 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A6

Opiniões diferentes
<p>Nem sempre devemos nós desculpar com alguém por motivos polêmicos ou não. A intolerância nem sempre nos levar em algum lugar, devemos respeitar a opinião dos outros, assim como eles respeitar a nossa.</p> <p>Nessa última política, tivemos aí a tentativa para matar o candidato Bolsonaro, pois não pesquisamos ele estava liderado. Tivemos também o caso da vereadora Mariele Franco do Rio de Janeiro, que foi assassinada. Não sabemos o motivo até hoje, porque a matou. Entre outras muitas intolerâncias que acontecerem como a de Chico Buarque. Geralmente e por falta de diálogo e desrespeito ao próximo, por achar que só a sua opinião e a correta.</p> <p>No entanto devemos respeitar a opinião de cada um, como cada um deve respeitar a nossa. Muitas pessoas não respeitam a sexualidade do outro, por achar que homem só pode se casar com mulher, o certo e isso mais se ele não quer deixar. Se ele vai ser feliz com uma pessoa do mesmo sexo deixar, a vida e dele ele sabe o que faz! Mas não pode! Não pode, mais deixar! E a sua intolerância que não deixa, aceitar isso.</p> <p>Em alguns casos devemos nós calar, pois nem sempre queremos ofender as pessoas com nossas opiniões e a ofendemos. Deixa a sua intolerância de lado, e respeita a opinião do outro.</p> <p>Vamos deixar a intolerância de lado, e começar a aceitar a opinião do outro.</p>

Fonte: produção textual do aluno A6.

O aluno mostra desconhecimento das regras gramaticais, com vários desvios, especialmente ortográficos: tonicidade inadequada em “nós” / nos; “estavá” / estava; “é” / e; desvios ortográficos em “descultir” / discutir; “levar” / leva; “pesquisar” / pesquisas; “liderado” / liderando; “assacinada” / assassinada; “enumeras” / inúmeras; “mais” / mas; “deixar” / deixa; “ofeder” / ofender; “ofedemos” / ofendemos; acentuação incorreta em “polémicos” / polêmicos; ausência de acentuação em “intolerancia” / intolerância; falta de concordância verbal em “respeitar” / respeitam; “acontecer” / aconteceram; separação silábica indevida em “no-ssas” / nos-sas.

Na introdução, notamos que o aluno, ao utilizar a expressão “nem sempre” em duas ocasiões, reforça uma imprecisão com relação à temática. Em seguida, ele expressa o seu ponto de vista, afirmando que “devemos respeitar a opinião dos outros, assim como eles respeitar a nossa.”.

No parágrafo seguinte, o desenvolvimento do tema segue com a exposição de três fatos, o último apresenta uma informação vaga, que necessita ser explorada para dar consistência à argumentação. Quanto ao uso dos conectores, nesse parágrafo, observamos a ocorrência do “pois” com valor explicativo, o “também” foi utilizado para somar argumentos em favor de uma mesma conclusão, o “e” liga palavras com a mesma função. A ocorrência do conector “porque” não foi usada corretamente.

O parágrafo seguinte inicia-se com o conector “no entanto”, que deveria trazer uma ideia oposta à anterior, porém encontramos uma paráfrase da tese exposta no primeiro parágrafo. Depois é acrescentada uma informação “Muitas pessoas não respeitam a sexualidade do outro”, o aluno tenta analisar essa informação, mas não consegue argumentar com consistência.

No penúltimo parágrafo, o aluno anuncia a conclusão do seu texto deixando mais uma vez transparecer-se impreciso, ao afirmar que “em alguns casos devemos nós calar” e, por fim, apresenta como proposta “deixar a intolerância de lado, e começar a aceitar a opinião do outro”, ideia repetida no quinto parágrafo. Nesses parágrafos, notamos a ocorrência do conector “pois” utilizado para introduzir uma justificativa e o “e” somando ideias para uma mesma conclusão.

Nossa avaliação em relação a este texto tentou orientar o aluno a rever o título, com o intuito de apresentar algo que motive e desperte a curiosidade do leitor; em relação à paragrafação, motivamos-no a observar a repetição de ideias e a reestruturar o terceiro e o último parágrafo. A respeito da estrutura do gênero, solicitamos que apresentasse uma

contextualização da temática na introdução, que desenvolvesse melhor a argumentação conferindo-lhe mais consistência e que evitasse a repetição de ideias na conclusão. Quanto aos desvios ortográficos, orientamos-no a partir de códigos, e o uso indevido de elementos coesivos foi destacado para análise de alteração.

Vejamos, a seguir, o próximo recorte discursivo da nossa análise. Trata-se da produção do aluno A7. Eis o recorte abaixo:

RD10

Figura 68– Primeira versão do artigo de opinião do aluno A7

Disponível em: <https://projetoummilhar.com.br/index.php/temas/97-proposta-de-redacao-odio-e-polarizacao-na-politica-como-combater-esse-mal>

A intolerância do mundo é intolerante? Você quis dizer que o mundo que é intolerante?

Acertar ou intalarar? Grammatico como a falar sobre esse assunto, na minha opinião devemos aceitar as diferenças das outras e não intalarar. E quanto a opinião dos outros devemos aceitar ^{o que} ^o ^{que} eles acham, mas não devemos mudar nossas opiniões.

No mundo já aconteceram várias casos de violência por exemplo a facada no Bolsonaro isso foi um caso de intolerância ~~religiosa~~ ^{que} ^{as} ^{pessoas} ^{não} ^{conseguem} ^{controlar} e se deram a violência.

vários casos de violência já aconteceram por causa da intolerância religiosa, de pessoa sair do país para a outra e morrer por causa da sua religião sem conhecer a sua bondade e o que a pessoa faz.

Quase sempre acontece violência por causa da intolerância e você não que isso pra ~~respeitar~~ ^{respeitar} ^{as} ^{diferenças} ^{das} ^{outras} ^a ^{sua} ^{religião} e não quer mudar as suas opiniões. ^{há} ^{necessidade} ^{de} ^{se} ^{corrigir}

Polêmica
Claro
que
precisamos
de
isso?

Resposta
de
desse
trabalho

Fonte: produção textual do aluno A7.

Figura 79 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A7

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		lembre-se que o título deve atrair a atenção do leitor.
O texto está bem organizado em parágrafos?		observe a margem da folha e tente escrever respeitando-a.
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		É necessário deixar o leitor informado sobre o assunto que discutirá no 1º parágrafo.
Assumi uma posição diante da questão discutida?		Assumi a posição, mas reveja a organização do 1º parágrafo.
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Reforce sua argumentação.
Concluiu o texto reforçando sua posição?		É possível fazer uma conclusão melhor.
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		Na maioria dos casos sim, observe o caso identificado no texto.
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Observe o código e faça a correção: 1 - ortografia 2 - pontuação

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 13 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A7

A intolerância do mundo

Aceitar **ou** intolerar? Vamos começar a falar sobre esse assunto, na minha opinião devemos aceitar as diferenças dos outros **e** não intoleralas, **E** quanto a opinião dos outros devemos aceitar o que eles acham, **mas** não devemos mudar nossas opiniões.

No mundo já aconteceram vários casos de violência por exemplo a facada no Bolsonaro isso foi um caso de intolerância **que** a pessoa não conseguiu conter **e** só levou a violência.

Vários casos de violência já aconteceram por causa da intolerância religiosa, de pessoa sair do país para o outro **e** morre por causa da sua religião sem conhecer a sua bondade **e** o que a pesso faz.

Quaize sempre acontece violência por causa da intolerância **e** você não que isso pra você, então vamos respeitar as diferenças dos outros a sua religião **e** não querer mudar as suas opiniões.

Fonte: produção textual do aluno A7.

Analisando a produção textual, notamos que ela apresenta algumas inadequações com relação ao uso da língua padrão. Observamos desvios ortográficos em: “intoleralas” / intolerá-

las; “morre” / morrer; “pesso” / pessoa; “Quaize” / quase; “que” / quer; “pra” / para. Uso inadequado ou mesmo falta de pontuação nas sequências a seguir: “devemos aceitar as diferenças dos outros e não intoleralas E quanto a opinião dos outros...” / devemos aceitar as diferenças dos outros e não intolerá-las, e quanto a opinião dos outros...; “No mundo já aconteceram vários casos de violência por exemplo a facada no Bolsonaro...” / No mundo já aconteceram vários casos de violência, por exemplo, a facada no Bolsonaro...; “...e você não que isso pra você, então vamos respeitar as diferenças...” / “...e você não quer isso pra você, então, vamos respeitar as diferenças...

Em relação à organização do texto, notamos que o aluno produz um título que não atrai a atenção do leitor, pois se refere ao assunto de forma generalizada. Ele inicia a introdução com um questionamento “aceitar ou intolerar?”, observamos que o aluno poderia ter contextualizado a temática abordada, fazendo uma exposição do tema para depois realizar o questionamento. Na sequência, ele usa uma marca linguística “na minha opinião” para revelar o seu posicionamento, afirmando que deve respeitar e não intolerar, e que, para isso, não é necessário mudar a opinião.

O desenvolvimento do tema segue com a exposição de exemplos na tentativa de fundamentar a sua tese. No segundo parágrafo, ele cita o fato ocorrido com Bolsonaro na campanha eleitoral para presidente. No fragmento “... isso foi um caso de intolerância que a pessoa não conseguiu conter e só levou a violência.”, notamos que, para estabelecer a coesão, o aluno utiliza o pronome “isso”, como uma forma remissiva, referindo-se à facada; logo depois, usa a conjunção “que”, para explicar porque o fato é considerado um caso de intolerância; e para concluir a ideia, ele faz uso do operador argumentativo “e”, estabelecendo uma relação de soma, já que aponta para uma mesma conclusão. No parágrafo seguinte, ele tenta apresentar outro exemplo, referindo-se à intolerância religiosa, porém, de modo vago, sem citar um caso específico, o que poderia dá maior credibilidade a sua argumentação. Nesse parágrafo, há duas ocorrências do operador argumentativo “e”, somando ideias em favor de uma mesma conclusão.

No último parágrafo, o aluno tenta retomar as ideias, afirmando que quase sempre há violência por causa da intolerância e ele apresenta, como proposta de intervenção, a ação de respeitarmos as diferenças e a religião. Observamos que a proposta não confere persuasão ao leitor, pois se trata de uma ação que necessita de outras ações para que de fato possa acontecer, e isso não foi explicitado no texto. Em relação aos conectivos, notamos duas ocorrências do “e”, a primeira unindo palavras e a segunda somando argumentos.

Na avaliação em relação a este texto, procuramos orientar o aluno a rever o título apresentado, com o intuito de escrever algo que despertasse a atenção do leitor para a leitura do artigo; em relação à estrutura argumentativa, apontamos falhas na introdução, pois não contextualiza o assunto, há apresentação do ponto de vista, mas é necessário rever a organização textual; no desenvolvimento, apontamos a necessidade de argumentos mais consistentes e o fato de a conclusão ser mais persuasiva. O uso de conectivos indevidos e inadequações gramaticais foram apontados no texto e orientados a correção.

A produção do aluno A10 apresenta vários desvios gramaticais, além de problemas na estrutura dissertativa e na argumentação. Vejamos o recorte discursivo 11 (RD11):

RD11

Figura 208 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A10

Disponível em: <https://projetoumilhar.com.br/index.php/temas/97-proposta-de-redacao-odio-e-polarizacao-na-politica-como-combater-esse-mal>

Intolerância Religiosa

Uma das ³Adversidades da ³Intolerância ³tem da ³Religião, que chamamos de "Intolerância Religiosa".
 Nós ³ser humanos temos as ³novas ³diferenças ³na ³Religião. Podemos dizer que apesar de ³nos ³problemas ³da terra temos ³1 ³po Deus temos ³diversidades ³de ³Religiões. Mas ³não conseguimos ³respeitar ³todas ³elas ³por ³isso ³seu ³contra ³a ³Intolerância ³Religiosa.

Vamos dar o exemplo do Estado Islâmico. ³Não ³áreas ³dos ³Estados ³Islâmicos ³quem ³não ³acredita ³em ³"Alá" ³Não ³Meneca ³Viver, ³quem ³deixa ³de ³acredita ³em ³Centas ³funções ³na ³mente ³multilado ³em ³casos ³resolvidos. ³Nos ³todos ³temos ³housa ³diferenças ³(então) ³ho ³entanto ³deveremos ³respeita ³-las ³por ³mais ³diferentes ³que ³fo ³deveremos ³respeita ³-las.

Em ³uma ³sociedade ³de ³Personas ³Medicinas ³Personas ³as ³fúteis ³Personas ³que ³preferem ³Matar ³do ³que ³respeitar ³do ³que ³pensam ³2,3,100 ³vezes ³antes ³de ³se ³achar ³sempre ³certo, ³e ³nunca ³estão ³errado, ³acham ³que ³apesar ³dos ³pesares ³de ³se ³o ³dem ³ao ³Próximo, ³vão ³Olhar ³as ³Personas ³por ³que ³simplesmente ³não ³ache ³certo ³mesmo ³sabendo ³que ³por ³cento ³capricho ³você ³está ³errado. ³Então ³não ³pense ³1 ³mais ³2 ³e ³se ³for ³preciso ³3 ³vezes ³Refleta.

Fonte: produção textual do aluno A10.

Figura 21 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A10

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		lembre-se que o título deve instigar o leitor a ler o texto.
O texto está bem organizado em parágrafos?		Não há necessidade de saltar linhas de um parágrafo para outro. Escreva até o final da margem
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		Observe os códigos para fazer a correção.
Assumi uma posição diante da questão discutida?	Posicionamento explícito no 1º parágrafo.	
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Veja se consegue reforçar a sua argumentação. Evite a repetição de palavras.
Concluiu o texto reforçando sua posição?		Tente ser mais objetivo ao produzir esse parágrafo, reforce o seu ponto de vista.
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		Observe os casos assinalados no texto.
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Observe os códigos usados e faça a correção. 1 - ortografia 2 - acentuação 3 - grafia. Atente-se para o uso indevido de letras maiúsculas. = - pontuação.

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 14 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A10

<p>Intolerância Religiosa</p> <p>Uma das Adversidades da Intolerância Vem da Religião, Que chamamos de Intolerância Religiosa. Nós ser humanos temos as nossas Diferenças, Na Religião Podemos dizer que apesar de Nós sobreviventes da terra temos 1 só Deus temos variedades de Religiões, Mas Não Conseguimos Respeitar todas Elas Por isso sou Contra a Intolerância Religiosa.</p> <p>Vamos dar O Exemplo do estado Islâmico Nás Áreas dos Estados Islâmicos quem não acreditava em “Alá” Não Merecia Viver, Quem deixava de acreditar em Certas Crenças era Morto, Multilado em Poucos Casos fuzilados. Nós todos temos nossas diferenças então no entanto devemos Respeita-las Por Mais diferentes que for devemos Respeitá-las.</p> <p>Em Uma Sociedade de Pessoas Mediocres, Pessoa-s fúteis, Pessoas que Preferem Matar do que repeitar, do que Pensar 2, 3, 100 vezes antes de se achar sempre certo, e nunca Estar Errado, achar que apesar dos pesáres desejar o bem ao Próximo, Não Olhar as pessoas por quê simplesmente Não ache certo Mesmo Sabendo que Por Certo Capricho você Está Errad-o Então Não Pense 1 mais 2 e se for Preciso 3 vezes. Reflita.</p>
--

Fonte: produção textual do aluno A10.

Durante a análise desse artigo, notamos que várias vezes o aluno não domina a escrita, o texto mostra desconhecimento de regras gramaticais, com vários desvios, especialmente ortográficos: uso inadequado de maiúscula e minúscula em: “Adversidades” / adversidades; “Vem” / vem; “Diferenças” / diferenças; “Na” / na; e tantos outros casos que podem ser visualizados no texto. Desvios ortográficos em: “Itolerância” / intolerância; “multilado” / mutilado; “repeitar” / respeitar; “fusilados” / fuzilados; “por quê” / porque; “mais” / mas. Falta de concordância nominal em “ser humanos” / seres humanos; “Nas Áreas dos Estados Islâmicos” / Nas áreas do Estado Islâmico; emprego de tempo verbal incorreto em “temos” / termos; separação silábica indevida: “Pessoa(-)s”; Errad(-)o; acentuação indevida em “Nás” / nas; “pesáres” / pesares; ausência de acento gráfico em “mediocres” / medíocres.

Em poucos momentos, podemos notar o uso de elementos que marcam a coesão referencial: “elas” referindo-se a religiões e “respeitá-las” retoma a palavra diferenças. Quanto à coesão sequencial, principalmente em relação ao uso das conjunções coordenadas, que é o que nos interessa, observamos que, no primeiro parágrafo, há ocorrência do “mas”, que une as orações e introduz um argumento que aponta para uma conclusão contrária e do conectivo “por isso”, fechando a ideia do período com a apresentação do ponto de vista do aluno. No segundo parágrafo, notamos o uso indevido do conector “no entanto”, já que a ideia expressa no período é de conclusão, que já fora introduzida por meio do termo “então”. No terceiro parágrafo, notamos a ocorrência do “e” duas vezes, no primeiro caso, liga orações, estabelecendo valor de adversidade; no segundo, soma ideias em favor de uma mesma conclusão. Também observamos o uso do “por quê”, grafado incorretamente, pois trata-se de uma conjunção explicativa, já que explica o motivo de não olhar as pessoas. No final do texto, evidenciamos que o aluno ainda não se apropriou do sentido expresso pela conjunção “mas”, pois confunde o conector com o advérbio de intensidade “mais”.

A partir do título, notamos que o aluno propõe uma discussão sobre um tipo de intolerância, a religiosa. No primeiro parágrafo, tenta contextualizar a temática e, no final, apresenta a sua tese, afirmando ser contra a intolerância religiosa. O desenvolvimento do tema segue com a exposição do exemplo do estado islâmico, em que o aluno mostra as consequências enfrentadas pelos indivíduos que se opõem ao regime estabelecido. No último parágrafo, não há uma retomada das informações, e nem uma proposta de intervenção para o problema discutido. As ideias finais sugerem uma proposta, porém vaga e incompleta.

Apesar de o texto apresentar, inicialmente, uma organização razoável, houve várias inadequações que comprometeram a qualidade da escrita. Sendo assim, orientamos o aluno a

reforçar a argumentação, ser mais objetivo no parágrafo conclusivo, tentando retomar o ponto de vista ou propor uma intervenção para o problema. Evitar a repetição de palavras e de ideias e, em relação às inadequações gramaticais, assinalamos os desvios no texto para o aluno fazer as correções necessárias.

Entre os textos que compõem o nosso *corpus*, há produção textual que, mesmo sem aprofundar o tema proposto, consegue desenvolver uma estrutura típica do artigo de opinião com introdução ao tema no 1º parágrafo, desenvolvimento com apresentação de exemplos e conclusão com possíveis sugestões para resolução do problema. Este é o caso da produção do aluno A1. Vejamos o recorte discursivo (RD12):

RD12

Figura 92 – Primeira versão do artigo de opinião do aluno A1

Opiniões diferentes: respeitar sem ou não?

Acredite, que todos nós, somos em alguns momentos tolerantes e em outras intolerantes, mas devemos mais tolerar, pois se não nos tornarmos assim brigando por um território, levemos tolerância para nos tornarmos uma sociedade melhor.

Percebemos que em diversas áreas ^{do mundo de depois} ^{Portugal} não vemos momentos de tolerância e de intolerância, como na política quando gostamos e queremos apoiar um candidato, devemos apoiar e defendê-lo sim, mas de uma forma civilizada e respeitadora de o candidato do outro; na religião também, pois acreditamos que somente o nosso é o correto, concordar não é dever de ninguém, mas respeitar é uma obrigação de todos.

Entre diversas infelizes casas de intolerância temos como exemplo: A ^{forçada} ^{no} ^{capitão} ^{da} ^{reserva} ^{Balsenara}, e aconteceu quatro foto com o rosto del por terem opiniões diferentes, também a foto que aconteceu com uma recreadora de três os gêmeos, que trágica tufo por causa da intolerância. Essas são as mais destacadas das outras peque nes casos que resultam em grandes desastres.

Quanto casos de mortes e de feridas não só físicamente, mas também emocionalmente tufo porque somos imperitores e não queremos aceitar os divergências.

Se queremos um mundo melhor, temos que aprender que não somos os mesmos que os outros, mas que há diferenças e temos que conviver com elas, pois se não o mundo seria sem grazas, todos pensando e agindo como se fossem maquin nas elas temos que tolerar e respeitar, pois se não seremos apenas animais brigando por um território.

Fonte: produção textual do aluno A10.

Figura 23 – Avaliação da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A1

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		Revise o uso da palavra destacada. Há necessidade de utilizá-la?
O texto está bem organizado em parágrafos?	Sim, reveja o 4º e o 5º parágrafos	Revise se é possível uni-los, já que no 4º você apresenta uma consequência da intolerância.
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?	Sim	
Assumi uma posição diante da questão discutida?	Posicionamento explícito no 1º parágrafo	
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		Usou bons argumentos, mas é necessário estruturar as ideias apresentadas no 3º parágrafo.
Concluiu o texto reforçando sua posição?	Reafirmou o posicionamento	
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		Na maioria dos casos sim, observe o que destaquei no texto.
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		Corrija de acordo com o código: 1 - pontuação 1 - ortografia 2 - acentuação 3 - grafia

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

Quadro 15 – Transcrição da 1ª versão do artigo de opinião do aluno A1

Opiniões diferentes: respeitar **sim** ou não?

Acredito, que todos nós, somos em alguns momentos tolerantes e em outros intolerantes. **Mas** devemos mais tolerar, **pois** se não tornaremos animais brigando por um território. Devemos tolerar para nos tornarmos uma sociedade melhor.

Percebemos que em diversas áreas da nossa vida vivemos momentos de tolerância e de intolerância, como na política quando gostamos e queremos apoiar um candidato, devemos apoiar e defende-lo sim, **mas** de uma forma civilizada e respeitando o candidato do outro; na religião **também**, **pois** acreditamos que somente a nossa é a correta, concordar não é dever de ninguém, **mas** respeita é uma obrigação de todos.

Dentre diversos infelizes casos de intolerância temos como exemplo: A facada no capitão da reserva Bolsonaro, e acontecendo outro fato com o próprio, quando um certo deputado cuspiu no rosto dele por terem opiniões diferentes, **também** o fato que aconteceu com uma vereadora do Rio de Janeiro, que trágico tudo por causa da intolerância. Esses são os mais destacados e os outros pequenos casos que resultam em grandes desastres.

Quanto casos de morte e de feridos **não só** fisicamente, **mas também** emocionalmente tudo **porque** somos imperativos e não queremos aceitar as divergências.

Se queremos um mundo melhor temos que aprender que não somos só nós sempre os corretos, **mas** que há diferenças e temos que conviver com elas, **pois** se não o mundo seria sem graça todos pensando e agindo como se fossem máquinas. Temos que tolerar e respeitar, **pois** se não seremos apenas animais brigando por um território.

Fonte: produção textual do aluno A1.

A produção textual apresentada no recorte discursivo (RD12) está bem organizada, o uso dos conectores assume papel essencial na sua organização. Na introdução, o aluno define a tese, declarando que todos nós somos tolerantes e intolerantes, mas a ação de tolerar deve-se sobrepor. Após a declaração inicial segue explicando o motivo para tal decisão. Os conectores “mas” e “pois” dão unidade à tese.

Para desenvolver o tema, o aluno usa argumentos, levando o leitor a refletir sobre situações em que o indivíduo pode apresentar comportamentos divergentes, e, para explicitar, ele cita acontecimentos relacionados à política e à religião. De modo geral, percebemos que, no segundo parágrafo, o aluno utiliza o operador argumentativo “e” e “também” para organizar uma escala argumentativa, acrescentando argumentos em favor de uma mesma conclusão. O operador “pois” introduz uma justificativa para a afirmação presente no início do período. As ocorrências do “mas” tem valor adversativo, acrescentando informações contrárias às apresentadas anteriormente. No final do parágrafo, mediante os argumentos expostos, o leitor é orientado pelo aluno a aceitar que “concordar não é dever de ninguém, mas respeitar é uma obrigação de todos”.

No terceiro parágrafo, ele busca justificar o seu ponto de vista, citando três fatos ocorridos que confirmam as consequências da intolerância. Vale ressaltar que a articulação textual, nesse parágrafo, ficou comprometida, algumas escolhas lexicais, como, por exemplo, a preposição “dentre” para iniciar o parágrafo; o uso do conector “e” e a forma verbal “acontecendo”, em que deveria ser empregado o conector “além de”; a falta de pontuação na expressão “que trágico” e o uso incorreto do conector “e” no fragmento “Esses são os mais destacados e os outros pequenos casos que resultam em grandes desastres.” comprometem a construção do sentido.

A construção do parágrafo seguinte também apresenta-se comprometida, pois as informações que o compõem poderiam ser agrupadas ao parágrafo anterior, uma vez que referem-se aos exemplos citados. Nesse parágrafo, o aluno consegue encadear as ideias utilizando vários conectores, na primeira ocorrência o “e” desempenha a função de ligar termos, o “não só” e “mas também” desempenham a função de operador argumentativo, pois soma argumentos em favor de uma mesma conclusão e o “porque” introduz uma justificativa que reforça a sua tese.

No 5º parágrafo, o aluno conclui o seu texto reafirmando o ponto de vista expresso na introdução, apresentando como proposta a ação de aprendermos a conviver com as diferenças e a necessidade de respeitá-las para uma convivência melhor. Notamos que a proposta poderia

ser formulada de um modo mais adequado, pois o emprego da conjunção “se”, que expressa uma hipótese, ao introduzi-la, contribui para um descrédito da proposta apresentada, seria mais conveniente utilizar uma das conjunções conclusivas. Os demais conectores foram utilizados corretamente, o “mas” estabelece uma relação de adversidade, a conjunção “e”, nas três ocorrências, adiciona ideias para uma mesma conclusão e o “pois”, nas duas situações, introduzem explicações que justificam o que foi afirmado nos períodos anteriores.

De modo geral, notamos que, entre as produções analisadas, esta apresenta uma estrutura e discussão da temática mais adequada ao gênero artigo de opinião. É notável que o aluno poderia aprofundar mais sua argumentação, apresentando outros tipos de argumentos para fortalecer a sua posição, mas por estarmos desenvolvendo uma pesquisa com alunos de 9º ano, os quais estão introduzindo a escrita do gênero, consideramos o texto relativamente bom. Mesmo assim pontuamos algumas sugestões em nossa avaliação, principalmente em relação à organização das ideias e à paragrafação em alguns trechos, já citados na nossa análise, bem como algumas sugestões para solucionar pequenos problemas com desvios gramaticais.

3.3 Tempo de análise 2: O uso das conjunções na segunda versão (reescrita) do artigo de opinião.

Apresentamos, a seguir, uma tabela comparativa que mostra o número de conjunções e de formas utilizadas nas produções textuais, tanto na primeira versão quanto na versão reescrita do artigo de opinião. Na sequência, analisamos as versões reescritas pelos alunos, tendo por base a prática pedagógica empreendida pela professora, na condição de pesquisadora durante a aplicação da sequência didática, especificamente no momento da produção final.

Tabela 3 – Uso das conjunções nas duas versões do artigo de opinião

Número de conjunções e formas				
Alunos	1ª versão		2ª versão	
	Quant. conjunções	Quant. formas	Quant. conjunções	Quant. formas
A1	26	8	20	7
A2	16	5	16	5
A3	10	3	14	4
A4	8	4	7	4

A5	7	4	10	5
A6	15	6	10	5
A7	10	4	10	4
A8	20	2	16	3
A9	9	7	7	6
A10	6	5	12	5
A11	11	4	7	4
Total	138	11	129	11

Fonte: elaboração da autora.

Ao compararmos os dados obtidos com relação ao uso das conjunções e formas nas duas versões do artigo de opinião, podemos chegar a diferentes resultados. O primeiro deles é que, de modo geral, houve uma diminuição na quantidade de conjunções, e o número de formas permaneceu o mesmo.

Após a nossa intervenção, a partir da orientação interativa proposta por Gonçalves e Bazarim (2013), conforme apresentamos na metodologia desta pesquisa, observamos que esta diminuição pode estar relacionada ao modo como produzimos a interferência, visto que a análise não era possível de ser feita apenas em relação ao uso indevido ou incorreto das conjunções. Deste modo, foi necessário observarmos, além do uso das conjunções, aspectos relacionados à estrutura, à abordagem da temática, à paragrafação, à ortografia, à acentuação, à concordância e outros. É preciso ressaltar que, mesmo considerando as conjunções como importantes marcas linguísticas para interligar as informações e instaurar a argumentatividade, elas não podem ser vistas como exclusivas neste processo.

Assim, acreditamos que, apesar de ter havido uma redução no número de conjunções e a permanência de formas na reescrita dos artigos de opinião, na maioria, não houve um comprometimento, no que se refere ao uso indevido destes conectores, assim como não comprometeu a instauração da argumentação, uma vez que a definição do ponto de vista e a seleção de argumentos, também, mostraram-se como fatores importantes na reescrita para garantir a argumentatividade. Observemos, a seguir, os recortes discursivos da reescrita dos artigos dos alunos (A1, A4, A6, A8, A9 e A11), os quais apresentaram uma utilização inferior das conjunções. Em relação às formas, alguns mantiveram a mesma quantidade, outros diminuíram e outros aumentaram.

Vejam os primeiros recortes discursivos de nosso trabalho de análise da reescrita. Ele pertence ao aluno A1.

RD13

Figura 104 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A1

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

Opiniões diferentes: respeitar ou não?

Acredito que todos nós somos em alguns momentos tolerantes e em outros intolerantes, mas devemos ser mais tolerantes, pois senão nos tornamos animais brigando por um território. Devemos tolerar para nos tornarmos uma sociedade melhor.

Percebemos que em diversos momentos da nossa vida vivemos situações de tolerância e de intolerância, como na política quando queremos defender um candidato, devemos apoiá-lo, mas de forma civilizada e respeitando o candidato alheio; na religião também, pois acreditamos que somente a nossa é a correta, concordar não é dever de ninguém, mas respeitar é uma obrigação de todos.

Entre diversos infelizes momentos de intolerância temos como exemplo, a facada no capitão da reserva Bolsonaro, outro fato que aconteceu como o próprio, quando um certo deputado cuspiu no rosto dele por terem opiniões diferentes e também o que aconteceu com uma vereadora do Rio de Janeiro, tudo por intolerância. Esses são casos maiores e os pequenos que acontecem a todo momento.

Quantos casos de mortes e de feridos não só fisicamente, mas também emocionalmente tudo por causa da intolerância. Se queremos um mundo melhor temos que aprender que não somos sempre os corretos, mas que há diferenças e temos que conviver com elas. Temos que tolerar e respeitar, pois senão devemos apenas animais brigando por um território.

Fonte: produção textual do aluno A1.

Quadro 16 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A1

Opiniões diferentes: respeitar **ou** não?

Acredito que todos nós somos em alguns momentos tolerantes e em outros intolerantes, **mas** devemos ser mais tolerantes, **pois** senão nos tornaremos animais brigando por um território. Devemos tolerar para nos tornarmos uma sociedade melhor.

Percebemos que em diversos momentos da nossa vida vivemos situações de tolerância e de intolerância, como na política quando queremos defender um candidato, devemos apoiá-lo, **mas** de forma civilizada e respeitando o candidato alheio; na religião **também**, **pois** acreditamos que somente a nossa é a correta, concordar não é dever de ninguém, **mas** respeitar é uma obrigação de todos.

Entre diversos infelizes momentos de intolerância temos como exemplo, a facada no capitão da reserva Bolsonaro, outro fato que aconteceu como o próprio, quando um certo deputado cuspiu no rosto dele por terem opiniões diferentes e **também** o que aconteceu com uma vereadora do Rio de Janeiro, tudo por intolerância. Esses são casos maiores e os pequenos que acontecem a todo momento.

Quantos casos de mortes e de feridos **não só** fisicamente, **mas também** emocionalmente tudo

por causa da intolerância. Se queremos um mundo melhor temos que aprender que não somos sempre os corretos, **mas** que há diferenças e temos que conviver com elas. Temos que tolerar e respeitar, **pois** senão seremos apenas animais brigando por um território.

Fonte: produção textual do aluno A1.

Na reescrita deste artigo de opinião, observamos que o aluno mantém as mesmas ideias apresentadas no texto da 1ª versão, porém observou os aspectos apontados na avaliação proposta pela professora pesquisadora. Nesse sentido, notamos que houve alteração nas escolhas lexicais mencionadas no 3º parágrafo, o que favoreceu uma melhor construção textual. O aluno reorganizou a paragrafação e fez as adequações gramaticais sugeridas, mesmo assim, ainda encontramos dois desvios ortográficos em (“apoia-lo” e “como”)

Em relação ao uso de conectores, notamos que houve uma diminuição da quantidade de conjunções, especificamente a conjunção “e” e das formas, eliminando o uso do conector “porque”. Apesar da diminuição, percebemos que o texto mantém-se adequado à estrutura do gênero proposto, assim como apresenta uma boa articulação textual.

Vejamos, a seguir, o recorte discursivo do artigo de opinião do aluno A4.

RD14

Figura 115 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A4

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

Intolerância entre o povo Brasileiro

Tem pessoas que causam conflitos por qualquer bobagem, por não respeitarem a ideia do outro, e isso pode acontecer em qualquer lugar, exemplo: em casa, na rua etc, temos alguns fatos reais que podem comprovar que isso realmente acontece.

O caso que aconteceu com o nosso futuro presidente Bolsonaro, esse fato afirma que existem pessoas intolerantes, a intolerância no nome por está tão alta, que tentaram assassinar um cidadão por estar candidato na eleição para tentar mudar o Brasil, e essas pessoas não só são intolerantes mas também são mal educadas.

Sabemos que todas as pessoas tem o direito de opinar, mas também precisamos aprender a respeitar as opiniões de outros, não é porque outra pessoa vai falar algo que eu sou contra que eu vou tentar agredi-lo.

Em fim vamos aprender a respeitar os direitos do outro, vamos mostrar que somos pessoas de bem pessoas educadas.

Fonte: produção textual do aluno A4.

Quadro 17 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A4

A intolerância entre o povo Brasileiro

Tem pessoas que causam conflitos por qualquer bobagem, por não respeitar a ideia do outro, e isso pode acontecer em qualquer lugar, exemplo: em casa, na rua etc, temos alguns fatos reais que podem comprovar que isso realmente acontece.

O caso que aconteceu com o nosso futuro presidente Bolsonaro, esse fato afirma que existem pessoas intolerantes, a intolerância no nosso país está tão alta, que tentaram assassinar um cidadão por ter se candidatado na eleição para tentar mudar o Brasil, e essas pessoas **não só** e intolerantes **mas também** são mal educados.

Sabemos que todas as pessoas tem o direito de opinar, **mas também** precisamos aprender a respeitar as opiniões do outro, não é **porque** outra pessoa vai falar algo que eu sou contra que eu vou tentar agredi-lo.

Em fim vamos aprender a respeitar os direitos do outro, vamos mostrar que somos pessoas de bem educadas.

Fonte: produção textual do aluno A4.

Nesta análise, observamos que não houve “escuta” do aluno para as interferências apontadas pela professora pesquisadora, pois apresenta a mesma paragrafação, mantém-se o título da primeira versão e a construção textual apresenta pequenas alterações. Não há um posicionamento claro sobre a temática no parágrafo de introdução. No desenvolvimento, encontramos o mesmo argumento apresentado na primeira versão, no qual o aluno cita a seguinte ocorrência (“O caso que aconteceu com o nosso futuro presidente Bolsonaro, esse fato afirma que existem pessoas intolerantes...”) para justificar a afirmação exposta no primeiro parágrafo. No parágrafo seguinte, expõe explicitamente o seu ponto de vista, ao afirmar (“Sabemos que todas as pessoas tem o direito de opinar, **mas também** precisamos aprender a respeitar as opiniões do outro”), sentimos falta desse posicionamento no parágrafo de introdução, momento oportuno para o aluno expor a sua tese. O parágrafo que enuncia esse posicionamento tenta encaminhar o texto para uma conclusão que se organiza de forma vaga, cuja proposta não determina força argumentativa, pois o aluno simplesmente sugere (“aprender a respeitar os direitos do outro”).

Notamos que o trabalho de rever o texto não teve ênfase no aspecto discursivo, só houve “escuta” para os aspectos linguísticos apontados no texto, mesmo, assim, ainda são visíveis problemas relacionados às normas ortográficas. Houve uma redução mínima no número de conjunções, e manteve-se o número de formas.

Consideremos, a seguir, o próximo recorte discursivo de nosso trabalho de análise. Ele retrata a segunda versão da produção textual do aluno A6. Eis o recorte discursivo:

RD15

Figura 126 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A6

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

Opiniões diferentes

Nem sempre devemos discutir com al-
guém por motivos polêmicos. A intolerância nem sempre nos leva a algum lugar, devemos respeitar a opinião dos outros, assim como eles respeitam a nossa.

Nessa última política, tivemos a tentativa de matar o candidato Bolsonaro, pois nas pesquisas ele estava liderado. Tivemos também o caso da vereadora Mariele Franco do Rio de Janeiro, que foi assassinada. Não sabemos o motivo até hoje, porque a matou. Entre outras inúmeras intolerância que aconteceu como a de Chico Buarque, que foi cospido por um petista. Geralmente e por falta de diálogo e desrespeito ao próximo, por achar que só a sua opinião é a co-rreta.

No entanto devemos respeitar a opinião de cada um, como cada um deve respeitar a nossa. Muitas pessoas não respeita a sexualidade do outro, por achar que homem só pode se casar com mulher, o certo e isso mas se ele não quer deixa. Se ele vai ser feliz com uma pessoa do mesmo sexo, a vida é dele, ele sabe o que faz!

Em alguns casos devemos nos calar, pois nem sempre queremos ofende as pessoas com nossas palavras e a ofendemos. Deixar a sua intolerância de lado, e respeita a opinião do outro.

Fonte: produção textual do aluno A6.

Quadro 18 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A6

Opiniões diferentes

Nem sempre devemos discutir com alguém por motivos polêmicos. A intolerância nem sempre nos leva a algum lugar, devemos respeitar a opinião dos outros, assim como eles respeitam a nossa.

Nessa última política, tivemos a tentativa de matar o candidato Bolsonaro, **pois** nas pesquisas ele estava liderado. Tivemos **também** o caso da vereadora Mariele Franco do Rio de Janeiro, que foi assassinada. Não sabemos o motivo até hoje, porque a matou. Entre outras inúmeras intolerância que aconteceu como a de Chico Buarque, que foi cospido por um petista. Geralmente e por falta de diálogo e desrespeito ao próximo, por achar que só a sua opinião é a co-rreta.

No entanto devemos respeitar a opinião de cada um, como cada um deve respeitar a nossa. Muitas pessoas não respeita a sexualidade do outro, por achar que homem só pode se casar com mulher, o certo e isso **mas** se ele não quer deixa. Se ele vai ser feliz com uma pessoa do mesmo sexo, a vida é dele, ele sabe o que faz!

Em alguns casos devemos nos calar, **pois** nem sempre queremos ofende as pessoas com nossas palavras e a ofendemos. Deixar a sua intolerância de lado, e respeita a opinião do outro.

Fonte: produção textual do aluno A6.

Na reescrita desta produção, observamos que, em relação aos desvios gramaticais, o aluno faz algumas alterações, porém ainda notamos muitos desvios em seu texto, o que pode

confirmar que este aluno não se apropriou das habilidades linguísticas necessárias para realizar as intervenções propostas pela professora pesquisadora.

Percebemos que não houve “escuta” do aluno para as intervenções apresentadas em relação ao título, à introdução e à argumentação do texto, pois não há nenhuma alteração em relação a esses tópicos na reescrita da sua produção. O modo como a professora pesquisadora intervém não leva o aluno à solução dos problemas observados na 1ª versão do seu texto.

Em relação ao uso dos conectores, houve uma diminuição em relação à quantidade do conector “e”, isto porque o aluno retirou alguns trechos que apresentavam ideias repetidas e por ter corrigido a tonicidade inadequada. Outro conector suprimido foi o “ou”, pois havia sido apontado o uso desnecessário. Verificamos, também, certo desconhecimento da ideia expressa pelas conjunções, visto que houve interferência em relação a alguns usos, porém não ocorreram alterações.

Assim, podemos afirmar que a avaliação e as interferências propostas pela professora pesquisadora pouco contribuíram para a reescrita do aluno. Dessa forma, reconhecemos a necessidade de um acompanhamento individual durante a reescrita, e as análises poderiam ser substituídas por apontamentos que acrescentassem algo ao texto.

Na próxima análise, consideremos a segunda versão do artigo de opinião do aluno A8. Vejamos o recorte discursivo:

RD16

Figura 137 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A8

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

O grande desafio de aceitar uma
opinião diferente.

Intolerância, aceitar ou intolran? Essa palavra é a que mais faz discordar outros amigos ou até mesmo pais, com opiniões diferentes da sua, porque não aceitar, revela uma briga, ocorre um dia quando você discorda de uma pessoa sobre um político, um time ou qualquer coisa assim, mesmo que fin uma besteira a pessoa a qual você discorda no mesmo momento já se enche de ódio e raiva, porque briga com um amigo, ou acha que isso é uma besteira briga por uma besteira, porque não aceitar não precisa nem concordar apenas não procura briga.

E tem vários exemplos de intolerância como, religião e Política. As pessoas ficam com tanto ódio e raiva e perdem a noção e acabam se afastando dos familiares e os amigos, e ficam cada vez mais magoadas porque?

Então vale a pena viver a vida de uma pessoa que discorda de você, não é mais fácil aceitar e respeitar e evitar uma mártir.

Fonte: produção textual do aluno A8.

Quadro 19 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A8

O grande desafio de aceitar uma opinião diferente

Intolerância, aceitar **ou** intolerar? Essa palavra é a que mais faz discordia entres amigos **ou** ate mesmo parentes, com opiniões diferentes da sua. Porque não aceitar **e** evitar uma briga. Hoje em dia quando você discorda de uma pessoa sobre um político, um time **ou** qualquer coisa assim, mesmo que for uma besteira a pessoa a qual você discordou no mesmo momento já se enche de ódio **e** raiva. Porque brigar com um amigo, eu acho que isso é uma besteira brigar por uma besteira, **porque** so não aceitar não precisa nem concordar apenas não procura briga.

E tem vários exemplos de intolerância como, religiosa **e** Política. As pessoas ficam... com tanto ódio **e** raiva **e** perdem a noção **e** acabam-se afastando dos familiares **e** os amigos, **e** ficam cada vez mais sozinhos porque?.

Então vale a pena tirar a vida de uma pessoa que discorda de você, não **e** mais faicil aceitar **e** respeitar **e** evitar uma morte?.

Fonte: produção textual do aluno A8.

Nesta análise, vemos que o aluno, ao produzir a sua segunda versão, tendo em vista as intervenções que a professora pesquisadora produziu para o seu texto, apresenta, em sua produção, alguns dos mesmos problemas da primeira versão. Notamos que ainda há vários desvios gramaticais, dentre os quais destacamos: ausência de acentuação em: (“discordia”, “ate”, “opinioes”, “politico”, “so”, “Politica”, “e”; problemas ortográficos em: “opnião”, “entres”, “procura”, “porque”, “faicil”); problemas ou ausência de pontuação em: (“Essa palavra é a que mais faz discordia entres amigos **ou** ate mesmo parentes, com opiniões diferentes da sua.”, “Porque não aceitar **e** evitar uma briga.”, “Porque brigar com um amigo, eu acho que isso é uma besteira brigar por uma besteira, **porque** so não aceitar não precisa nem concordar apenas não procura briga.”, “As pessoas ficam... com tanto ódio **e** raiva...”, “...**e** ficam cada vez mais sozinhos porque?.”, “...**e** respeitar **e** evitar uma morte?.”)

Parece haver uma tentativa de “escuta” para as interferências apontadas para o título e a introdução, porém não são apresentadas de modo satisfatório, mas notamos que houve uma sensível melhora, visto que o título “O grande desafio de aceitar uma opinião diferente.”, apesar do desvio ortográfico é capaz de despertar maior interesse do leitor. A introdução apresenta a mesma ideia da primeira versão, porém houve redução de enunciados repetidos no início do parágrafo, contudo ainda notamos desvios gramaticais, conforme apontamos anteriormente e repetições desnecessárias. A necessidade de uma argumentação consistente, que coadunasse com a sua tese e que, de fato, levasse o leitor a refletir sobre o seu posicionamento e a apresentação de uma proposta de intervenção, ou a retomada das ideias apresentadas no texto não foram enfatizadas na reescrita.

Quanto ao uso das conjunções coordenadas, notamos que o aluno reduziu a quantidade, e aumentou o número de formas. A redução pode ter ocorrido devido às pequenas alterações realizadas no texto, pois as ocorrências da reescrita apresentam o mesmo sentido da primeira versão, já que utiliza a conjunção “ou” no primeiro parágrafo indicando uma orientação alternativa; o conector “e”, usado com maior frequência no texto, em alguns casos une palavras, em outros somam argumentos para uma mesma conclusão. Na reescrita, o aluno utilizou a forma “porque” no seguinte trecho (“Porque brigar com um amigo, eu acho que isso é uma besteira brigar por uma besteira, **porque** so não aceitar não precisa nem concordar apenas não procura briga.”) com o objetivo de justificar o fato de não agir de forma intolerante. Ainda notamos desvio da conjunção “não só”, apontado na primeira versão e que permaneceu na reescrita utilizando a expressão “só não” no primeiro parágrafo.

Consideremos, a seguir, a segunda versão do artigo de opinião do aluno A9. Eis o recorte discursivo:

RD17

Figura 28 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A9

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

A importância de aceitarmos a opinião dos outros

Em algumas situações acontece de ter algumas diferenças entre as pessoas, pois muitas não sabe aceitar a opinião dos outros muitas vezes acontece a divergência pelo simples fato de algumas pessoas não sabem se expressar de forma correta. Em certas ocasiões devemos nos por no lugar do pessoa para podermos entendermos do melhor. Tem assuntos que as pessoas levam para o lado agressivo, um exemplo disso a política. Nessa eleição de 2018 tivemos um acontecido trágico a facada do candidato Jair Bolsonaro. Um militante não quis aceitar o posicionamento dele na política e esfaqueou. Esse tipo de agressão não acontece só na política mas também em conversas entre duas pessoas com opiniões diferentes. Temos também exemplo de pessoas que não aceita a relação de mulher com mulher, homem com homem, muitas não aceita essas pessoas pelo fato delas se relacionarem com pessoas da mesma sexualidade que elas, não querem se aproximar dessas pessoas, mas não paramos por aí tem muito mais assuntos parecido com esse de pessoas que não aceita outras pessoas. Essas pessoas que fogem as outras espelha que dentro da sua própria família pode ter pessoas como essas que elas fogem. Então, por isso temos que pensar e nos por no lugar das outras pessoas para entendermos as opiniões dos outros e não ficarmos jogando as outras pessoas.

Fonte: produção textual do aluno A9.

Quadro 20 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A9

A importância de aceitarmos a opinião dos outros

Em algumas situações acontece de ter algumas diferenças entre as pessoas, **pois** muitos não sabe aceitar a opinião dos outros. Muitas vezes acontece a divergência pelo simples fato de algumas pessoas não saberem se expressar de forma correta. Em certas ocasião devemos nos por no lugar da pessoa para podermos entendermos elas melhor.

Tem assuntos que as pessoas levam para o lado agressivo, um exemplo disso a política. Nessa eleição de 2018 tivemos um acontecido trágico, a facada do candidato Jair Bolsonaro. Um eleitor não quis aceitar o posicionamento dele na política o esfaqueou. Esse tipo de agregção não acontece **não só** na política **mas também** em conversas entre duas pessoas com opiniões diferentes. Temos também exemplo de pessoas que não aceita a relação de mulher com mulher, homem com homem. Muitos não aceita essas pessoas pelo fato delas se relacionarem com pessoas da mesma sexualidade que elas, não querem se aproximar dessas pessoas, **mas** não paramos por ai tem muito mais assuntos parecido com esse de pessoas que não aceita outras pessoas.

Essas pessoas que jugam as outras esquece que dentro da sua própria família pode ter pessoas como essas que eles jugam.

Então, **por isso** temos que pensar, e nos por no lugar das outras pessoas para entendermos as opiniões dos outros e não ficarmos jugando as outras pessoas.

Fonte: produção textual do aluno A9.

O artigo do aluno A9, na versão reescrita, manteve praticamente a mesma textualização, porém o título (“A importância de aceitarmos a opinião dos outros”) foi aperfeiçoado, e a tese (“Em certas ocasião devemos nos por no lugar da pessoa para podermos entendermos elas melhor”) aparece explícita na introdução. As interferências apontadas em relação à argumentação e à conclusão não foram atendidas de modo satisfatório, pois observamos que o aluno tenta articular melhor as ideias e adequar o seu texto as práticas discursivas do gênero textual solicitado, mas mantém a sua argumentação fundamentada somente em exemplos. A conclusão foi reescrita com outras palavras, porém apresenta a mesma ideia da primeira versão (“...temos que pensar, e nos por no lugar das outras pessoas para entendermos as opiniões dos outros...”), por isso, acreditamos que continua apresentando uma proposta vaga, que não confere força argumentativa, reconhecemos que são ações necessárias, mas o aluno precisa citar como a ação será colocada em prática.

Em relação ao uso das conjunções coordenadas, notamos uma pequena redução na quantidade e uma substituição de formas, todas empregadas corretamente. Quanto ao emprego da norma padrão, observamos a presença de desvios ortográficos em: (“agregção”, “jugam”, “jugando”); de concordância verbal em: (“acontece”, “sabe”, “aceita”); de concordância nominal em: (“certas ocasião”); de ausência ou acentuação indevida em: “importancia”, “tragico”, “política”, “propria”, “mais”, “familia”); de marcas da oralidade (“ai”); de colocação pronominal em: (“entendermos elas”); de ausência de pontuação em: (“Em certas ocasião (/) devemos nos por no lugar da pessoa para podermos entendermos elas melhor.”),

(“Esse tipo de agregação não acontece **não só** na política (/) **mas também** em conversas entre duas pessoas com opiniões diferentes.”); além de outros exemplos relacionados a pontuação.

Consideremos, a seguir, o próximo recorte discursivo da nossa análise. Ele retrata a segunda versão do artigo de opinião do aluno A11.

RD18

Figura 29 – Segunda versão da produção textual do aluno A11

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

A intolerância do nosso País

A intolerância é a discórdia de opiniões contrárias, começam quando duas ou mais pessoas tem opiniões diferentes e começam a discutir. Vou citar um exemplo: a cena do presidente Jair Bolsonaro sendo atingido com uma faca, materializou o extremo da intolerância no Brasil. Mas isso não muda a realidade de nosso país que aceita o ato de intolerância já faz muito tempo. a tentativa de assassinar o Presidente mostra também que desprezamos a crescente onda de arrogância que chegou o nosso país.

O Brasil está numa corda bamba, prestes a cair, e um ato de arrogância balança cada vez mais essa corda.

Eu acredito que devemos aceitar as opiniões das outras pessoas, e não ter um ato de intolerância. Às vezes um ato de arrogância pode levar até a morte, em todas as coisas de intolerância, o objetivo sempre é o mesmo que uma das opiniões ganhe e prevaleça sobre a outra.

A intolerância é extraída da raiva e do medo. então como acabar com o ato de intolerância

Fonte: produção textual do aluno A11.

Quadro 21 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A11

A intolerância do nosso País

À intolerância é a discórdia de opiniões contrárias, começam quando duas **ou** mais pessoas tem opiniões diferentes é começam a discutir. Vou citar um exemplo: a cena do presidente Jair Bolsonaro sendo atingido com uma faca, materializou o extremo da intolerância no Brasil. **Mas** isso não muda a realidade do nosso país que aceita o ato de intolerância já faz muito tempo. a tentativa de assassinar o Presidente mostra **também** que desprezamos a crescente onda de arrogância que chegou o nosso país.

O Brasil está numa corda bamba, prestes a cair, **e** um ato de arrogância balança cada vez mais essa corda.

Eu acredito que devemos aceitar as opiniões das outras Pessoas, **e** não Ter um ato de intolerância. O objetivo sempre é o mesmo que uma das opiniões ganhe **e** Prevaleça sobre a outra.

A intolerância é extraída da raiva **e** do medo. então como acabar com o ato de intolerância.

Fonte: produção textual do aluno A11.

O artigo de opinião do aluno A11, na versão reescrita, manteve praticamente a mesma textualização, apresentando poucas alterações, dentre as quais, destacamos a revisão no título e a reorganização de parágrafos, unindo, por exemplo, o primeiro parágrafo ao segundo, já que abordavam o mesmo assunto, mas o trabalho de revisar o texto não teve ênfase nos aspectos discursivos, pois notamos que não houve “escuta” do aluno para adequá-lo as interferências apontadas.

A ausência do ponto de vista na introdução permanece, dificultando a abordagem do tema e a apresentação de argumentos consistentes. Na conclusão, também, observamos que o aluno não buscou adequar o seu texto considerando as práticas discursivas do gênero em foco, pois, em vez de retomar as ideias apresentadas ou de propor algo para minimizar o problema discutido, conclui o seu texto fazendo um questionamento e não apresenta resposta.

Quanto aos aspectos linguísticos, observamos que ainda há inadequações em relação ao emprego da norma culta da língua portuguesa escrita, por exemplo, emprego incorreto de crase em (“à intolerância”); desvio ortográfico e ausência de acentuação em: (“discordancia”); ausência ou acentuação indevida em (“contrarias”, “começam”, “é”, “tambem”, “extraída”); emprego indevido de letra maiúscula em (“País”, “Pessoas”, “Todos”); ausência ou emprego indevido de pontuação em: (“... é começam a discutir. vou citar um exemplo: a cena do presidente Jair Bolsonaro...”); além de outros exemplos. Também houve uma redução na quantidade de conjunções coordenadas, principalmente o “e” que, na versão atual, é confundido em duas ocorrências com a forma verbal “é”.

Quando comparamos as duas versões dos artigos, cujas análises apontaram para uma redução na quantidade de conjunções e/ou de formas, notamos que, apesar de os alunos não produzirem o gênero artigo de opinião, no âmbito de uma perspectiva ideal de escrita, percebemos o aprimoramento de algumas habilidades argumentativas, dentre as quais, podemos citar: a estrutura básica dos textos (introdução, desenvolvimento e conclusão) foi aperfeiçoada; o ponto de vista defendido pode ser melhor identificado, embora os argumentos ainda não são consistentes para defendê-lo e a clareza temática tornou-se mais satisfatória, fazendo com que os textos produzam sentido. Ressaltamos que tais habilidades não apresentam de forma satisfatória, porém o desenvolvimento da argumentação foi aperfeiçoado e se manifestou nos textos, inclusive com o uso das conjunções.

Os resultados de três participantes da pesquisa (A3, A5 e A10) indicam que, na segunda versão do artigo de opinião, houve uma elevação na quantidade de conjunções coordenadas

utilizadas. Apresentamos, a seguir, os recortes discursivos dos artigos em que o número de conjunções sofreu variação para mais.

Vejamos o recorte discursivo a seguir. Trata-se da versão reescrita do artigo de opinião do aluno A3.

RD19

Figura 30 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A3

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

Um conflito na sociedade: Opiniões diferentes

Sempre vivemos em um mundo cheio de conflitos por consequência de não aceitarmos as opiniões divergentes. Devíamos tentar aceitar mais as opiniões divergentes e diminuiríamos os conflitos, uma vida com mais paz na sociedade.

Nós pensamos que a discussão é algo ruim, mas a discussão só é ruim quando não temos a mentalidade de aceitar as divergências de opinião, porque um mundo com opiniões diferentes cresce melhor. Uma vez um homem queria que todos tivessem a mesma opinião que ele o nome dele é Adolf Hitler ele criou o nazismo, que teve uma política onde todos deviam ter as mesmas opiniões governamentais que eles e todos deviam ser igual a ele, ele achava que a diferença era ruim mas vivemos a verdade e a aceitação de diferentes opiniões e o acesso livre para a paz na sociedade e por isso que devemos aceitar as opiniões divergentes.

Para mim as diferentes opiniões traz uma cultura mista e bonita onde todos vivem em paz porque aceitar opiniões diferentes é a melhor forma de ter uma sociedade sem conflitos.

Fonte: produção textual do aluno A3.

Quadro 22 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A3

Um conflito na sociedade: opiniões diferentes

Sempre vivemos em um mundo cheio de conflito por consequência de não aceitarmos as opiniões divergentes. Devíamos tentar aceitar mais as opiniões divergentes e diminuiríamos os conflitos. Uma vida com mais paz na sociedade.

Nós pensamos que a discussão e algo ruim mas a discussão só e ruim quando não temos a mentalidade de aceitar as divergências de opiniões, porque um mundo com opiniões diferentes cresce melhor. Uma vez um homem queria que todos tivessem a mesma opinião que ele o nome dele e Adolf Hitler ele criou o nazismo, que era uma política onde todos deviam ter às mesmas opiniões governamentais que eles e todos deviam ser igual a ele ele achava que a diferença era ruim mas isso não e verdade a aceitação de diferentes opiniões e o acesso livre para a paz na sociedade e por isso que demos aceitar as opiniões divergentes.

Para mim as diferentes opiniões traz uma cultura mista e bonita onde todos vivem em paz porque aceitar opiniões diferentes é a melhor forma de ter uma sociedade sem conflitos.

Fonte: produção textual do aluno A3.

A versão reescrita do aluno A3 apresenta praticamente uma nova construção textual. O título (“E a minha opinião, você vai aceitar?”) é substituído por (“Um conflito na sociedade: Opiniões diferentes”), notamos que o título da versão reescrita, antecipa a temática que será discutida ao longo do artigo. Na introdução, a contextualização continua superficial, mas há uma tentativa de apresentar o ponto de vista. O desenvolvimento trás argumentos favoráveis à sua tese; no início do segundo parágrafo, quando o aluno afirma (“Nós pensamos que a discussão e algo ruim **mas** a discursão só e ruim quando não temos a mentalidade de aceitar as divergências de opiniões...”), notamos que há uma tentativa de refutação, ainda que de modo superficial, mas houve intenção do aluno de usar essa estratégia; em seguida, ele faz uso de uma alusão histórica ao citar (“Uma vez um homem queria que todos tivessem a mesma opinião que ele o nome dele e Adolf Hitler ele crio o nazismo, que era uma política onde todos deviam ter às mesmas opiniões gorvenamentais...”), notamos que o objetivo do aluno era reforçar o seu posicionamento. A conclusão, apesar de estar redigida em outras palavras, continua vaga, o aluno consegue retomar a sua tese, mas sua proposta não confere força argumentativa.

Quanto ao uso das conjunções coordenadas, ainda, é possível notar o uso inadequado da conjunção “e”, sendo confundida com a forma verbal “é”. Observamos uma maior variação em relação às formas utilizadas, com ocorrências do “porque” e do “por isso”, introduzidos corretamente; notamos, também, o uso do operador “mas”, utilizado com uma finalidade contrastiva. Ainda, notamos, no primeiro parágrafo, uma fragmentação da ideia, assim como percebemos, ao longo do texto, desvios gramaticais em (“discução”, “discursão”, tivessem, “gorvenamentais”, melho, tras); ausência ou acentuação indevida (“Deviamos”, “diminuiramos”, “e”, “divergencias”, “politica”); problemas de pontuação em (diminuiramos os conflitos. Uma vida com mais paz na sociedade.”); emprego inadequado de tempos verbais em (“crio”, “demos”); uso indevido de crase em (“às mesmas opiniões”); e repetição de vocábulos no fragmento (“igual a ele ele achava”).

O artigo de opinião produzido pelo aluno A5 sofreu várias alterações, a sua reescrita apresenta-se bem diferente da 1ª versão. Apresentamos, a seguir, o recorte discursivo do texto do aluno.

RD20

Figura 141 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A5

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

Intolerância não Respeito já

O conviver entre pessoas sempre tem discussões, já que uma hora ou outra cada um terá uma opinião diferente, **mas** é certo afirmar que devemos ouvi-las e respeitá-las para que tenhamos um bom conviver.

Entre um discussão o que não pode acontecer é a intolerância porque todos merecem respeito, **mas** não é isso que acontece a maioria das vezes, exemplo disso foi a facada no futuro presidente, Jair Bolsonaro **ou** quando um deputado cuspiu na cara do Bolsonaro e já disse em entrevistas que não discutiria nenhum assunto político com ele.

Dos exemplos que citei, nenhum trás algo positivo porque quando somos intolerante as opiniões, damos o direito a outras pessoas serem intolerante a nossa opinião.

Em uma sociedade ou em qualquer relação o respeito tem que prevalecer o respeito, pessoas matam por discussões bobas, terminam amizades por tão pouco, cada vez mais as pessoas se distanciam uma das outras, se comportam como crianças aborrecidas, nada disso pode acontecer por isso devemos aprender a ser tolerante com todos.

Então devemos respeitar opiniões alheia para termos um conviver melhor.

Fonte: produção textual do aluno A5.

Quadro 23 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A5

Intolerância não Respeito já

O conviver entre pessoas sempre tem discussões, já que uma hora **ou** outra cada um terá uma opinião diferente, **mas** é certo afirmar que devemos ouvi-las e respeitá-las para que tenhamos um bom conviver.

Entre um discussão o que não pode acontecer é a intolerância **porque** todos merecem respeito, **mas** não é isso que acontece a maioria das vezes, exemplo disso foi a facada no futuro presidente, Jair Bolsonaro **ou** quando um deputado cuspiu na cara do Bolsonaro e já disse em entrevistas que não discutiria nenhum assunto político com ele.

Dos exemplos que citei, nenhum trás algo positivo **porque** quando somos intolerante as opiniões, damos o direito a outras pessoas serem intolerante a nossa opinião.

Em uma sociedade **ou** em qualquer relação o respeito tem que prevalecer o respeito, pessoas matam por discussões bobas, terminam amizades por tão pouco, cada vez mais as pessoas se distanciam uma das outras, se comportam como crianças aborrecidas, nada disso pode acontecer **por isso** devemos aprender a ser tolerante com todos.

Então devemos respeitar opiniões alheia para termos um conviver melhor.

Fonte: produção textual do aluno A5.

Diferente da primeira versão em que o aluno não apresentou título, na reescrita, ele o expõe (“Intolerância não respeito já”) trazendo explícito a sua opinião, porém com falhas na pontuação, pois notamos a necessidade de usar a vírgula e consequentemente, o ponto final,

organizando da seguinte forma: Intolerância não, respeito já. No primeiro parágrafo, ele contextualiza a temática fazendo uma abordagem em torno do que considera uma razão, para que as pessoas tenham bom convívio: saber ouvir e respeitar a opinião do outro. No início do segundo parágrafo, a sua opinião é claramente exposta, e, para sustentá-la, ele cita exemplos que são discutidos para dar credibilidade à sua posição. No parágrafo seguinte, ele traz um argumento de causa e de consequência. Na conclusão, notamos que não houve “escuta” para a interferência apontada (“Sua conclusão está vaga, veja a possibilidade de refazê-la”), visto que o aluno, simplesmente retoma a tese.

Ainda são evidentes os problemas relacionados ao domínio da norma culta da língua escrita, tais como: ortografia em (“conviveu”, “discursões”, “afirma”, “discursão”, “prevaler”); acentuação em (“tera”, “respeita-las”, “intolerancia”); divisão silábica (di-ss); concordância nominal (“um discursão”, “somos intolerante”) e pontuação (“Em uma sociedade ou em qualquer relação o respeito tem que prevaler...”, além de outros exemplos). Em relação às conjunções coordenadas, conforme já afirmamos, houve uma alteração na quantidade e nas formas usadas. Das ocorrências, notamos apenas um desvio, ao utilizar a conjunção “ou”, para citar mais um exemplo de intolerância; neste caso, ele deveria utilizar o “e”, já que a intenção era somar ideias em favor de uma mesma conclusão. As demais ocorrências são empregadas corretamente.

Consideremos, agora, o recorte discursivo da segunda versão do artigo de opinião do aluno A10.

RD21

Figura 152 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A10

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

A itolerância Religiosa

Uma das adversidades da itolerância vem da religião que chamamos de "itolerância religiosa". Nós cidadãos temos as Nossas diferenças na religião, Podemos dizer que apesar de nós sobreviventes da terra Pertencemos a 1 só Deus temos Variedades de Religião, **mas** não conseguimos respeitar todas elas **por isso** sou contra a "itolerância Religiosa".

A religião do estado islâmico e a que mais cresce no mundo, Até o fim do século os mulculmanos irão superar cristãos Como maior grupo religioso do planeta atualmente os Cristãos formam o maior Grupo religioso da terra, Com aproximadamente 31% dos 7,3 bilhões da população mundial os mulculmanos constituem o segundo maior Grupo Com 1,8 bilhões de Pessoas ou 24% da população.

No estado islâmico seus seguidores consideram os xiitas como infiéis que merecem ser mortos e afirmam que os Cristãos **também** devem se converter e pagar uma taxa religiosa ou enfrentar a Pena de morte.

Em uma Sociedade de pessoas Mediocres, futeis e que preferem matar do que respeitar do que se Colocar no lugar e pensar Como agir diante desse Pretexto que é a "itolerância religiosa". se achar que estar certo e nunca errado, simplesmente não se ache sempre certo mesmo sabendo que Por Capricho Você está errado(a) então não pense 1 pense 2 e se for preciso 3.

Fonte: produção textual do aluno A10.

Quadro 24 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A10

A itolerância Religiosa

Uma das adversidades da itolerância vem da religião que chamamos de "itolerância religiosa". Nós cidadãos temos as Nossas diferenças na religião, Podemos dizer que apesar de nós sobreviventes da terra Pertencemos a 1 só Deus temos Variedades de Religião, **mas** não conseguimos respeitá-las **por isso** sou contra a "itolerância Religiosa".

A religião do estado islâmico e a que mais cresce no mundo, Até o fim do século os mulculmanos irão superar cristãos Como maior grupo religioso do planeta atualmente os Cristãos formam o maior Grupo religioso da terra, Com aproximadamente 31% dos 7,3 bilhões da população mundial, os mulculmanos constituem o segundo maior Grupo Com 1,8 bilhões de Pessoas **ou** 24% da população.

No estado islâmico seus seguidores consideram os xiitas como infiéis que merecem ser mortos e afirmam que os Cristãos **também** devem se converter e pagar uma taxa religiosa **ou** enfrentar a Pena de Morte.

Em uma Sociedade de pessoas Mediocres, futeis e que preferem matar do que respeitar do que se Colocar no lugar e pensar Como agir diante desse Pretexto que é a "itolerância religiosa". se achar que estar certo e nunca errado, simplesmente não se ache sempre certo mesmo sabendo que Por Capricho Você está errado(a) então não pense 1 pense 2 e se for preciso 3.

Fonte: produção textual do aluno A10.

Ao observarmos os aspectos discursivos da versão reescrita deste aluno, notamos que só houve "escuta" das interferências apontadas pela professora pesquisadora para os parágrafos do desenvolvimento, já que o título mantém-se o mesmo e o parágrafo de introdução também.

Os argumentos selecionados, na versão reescrita, mantêm a mesma trajetória discursiva, porém, desta vez, faz-se uma declaração sobre a religião do estado islâmico e o cristianismo; e para fundamentá-la, ele cita dados estatísticos, no entanto, o aluno não cita a fonte, da qual retirou esses dados. No parágrafo seguinte, o aluno utiliza práticas de diferentes grupos para

exemplificar a intolerância religiosa. O último parágrafo não apresenta alterações na versão reescrita, devido à mudança na argumentação, notamos, inicialmente, uma tentativa de retomada da tese, seguida da proposta “simplesmente não se ache sempre certo mesmo sabendo que Por Capricho Você está errado (a) então não pense 1 pense 2 e se for preciso 3.” Notamos que, apesar de o aluno tentar apresentar uma sugestão para minimizar o problema, suas ideias não estão bem organizadas e não produz o sentido esperado.

Quanto aos aspectos linguísticos, ainda, observamos problemas relacionados às normas ortográficas, como, por exemplo, uso indevido de letra maiúscula em (“Religiosa”, “Vem”, “Podemos”, “Grupo”, “Sociedade”); desvios ortográficos em (“itolerância”, “mulculmanos”); emprego de tempo verbal incorreto (“pertencemos”), separação silábica incorreta (“respe-itar”); ausência de acentuação em (“e”, “seculo”, “mediocres”, “itolerancia”); ausência de pontuação em algumas partes do fragmento (“Podemos dizer que (/) apesar de nós sobreviventes da terra Pertencemos a 1 só Deus (/) temos Variedades de Religião, **mas** não conseguimos respe-itar todas elas (/) **por isso** sou contra a “itolerância Religiosa.”). Apesar de observarmos os problemas relacionados anteriormente, notamos que houve uma redução significativa em relação a 1ª versão. Em relação ao uso das conjunções coordenadas, manteve-se o número de formas usadas, mas houve um aumento relevante na quantidade, com exceção de uma ocorrência do “e”; as demais formas foram utilizadas adequadamente.

O resultado dos demais participantes (A2 e A7) indica que, na segunda versão do artigo de opinião, manteve-se a mesma quantidade de conjunções coordenadas e de formas utilizadas. Acreditamos que a persistência da quantidade pode estar relacionada à falta de “escuta” das interferências apontadas pela professora pesquisadora, já que os dois textos não apresentam muitas alterações quanto aos aspectos discursivos.

Vejamos, a seguir, o recorte discursivo do artigo de opinião do aluno A7, em que verificamos a situação apresentada anteriormente.

RD22

Figura 163 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A7

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

A intolerância do povo

Aceitar ou intolerar? O que você faria, na minha opinião devemos aceitar as diferenças dos outros e não intolerá-las, e quanto as opiniões dos outros devemos respeitar o que eles acham, mas não devemos mudar as nossas opiniões.

No mundo já aconteceram vários casos de violência por causa da intolerância por exemplo a facada em Bolsonaro isso foi um caso onde a pessoa não conseguiu se conter e aceitar o que estava por vir e acabou na violência.

Vários casos de intolerância religiosa já aconteceram no mundo por exemplo vários islamistas já mataram por não aceitar a religiosidade dos outros e não aceitar as suas diferenças.

Quase sempre acontece violência por causa da intolerância dos outros e você não que isso pra você nem pra sua família, então vamos respeitar as diferenças dos outros a sua religião e não mudar as suas opiniões.

Fonte: produção textual do aluno A7.

Quadro 25 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A7

A intolerância do povo

Aceitar **ou** intolerar? O que você faria, na minha opinião devemos aceitar as diferenças dos outros **e** não intolerá-las, **e** quanto as opiniões dos outros devemos respeitar o que eles acham, **mas** não devemos mudar as nossas opiniões.

No mundo já aconteceram vários casos de violência por causa da intolerância por exemplo a facada no Bolsonaro isso foi um caso onde a pessoa não conseguiu se conter **e** aceitar o que estava por vir e acabou na violência.

Vários casos de intolerância religiosa já aconteceram no mundo por exemplo vários islamistas já mataram por não aceitar a religiosidade dos outros **e** não aceitar as suas diferenças.

Quase sempre acontece violência por causa da intolerância dos outros **e** você não que isso pra você **nem** pra sua família, então vamos respeitar as diferenças dos outros a sua religião **e** não mudar as suas opiniões.

Fonte: produção textual do aluno A7.

Nesta versão, observamos que os problemas discursivos apontados pela professora pesquisadora, praticamente todos eles, não são “escutados” pelo aluno. O título, apesar de apresentar a substituição da palavra “mundo” por “povo”, não se mostra atrativo, capaz de despertar a curiosidade do leitor, pois continua referindo ao assunto de forma generalizada. A introdução permanece sem contextualização, provavelmente, pela falta de informação sobre o tema, sem essa abordagem o aluno se posiciona, mas não sabemos a que contexto ele se

refere. Assim como na primeira versão, o aluno busca, na reescrita, sustentar o seu ponto de vista com argumentos de exemplificação. No segundo parágrafo, cita o fato ocorrido com Bolsonaro durante a campanha eleitoral, para exemplificar a violência causada por intolerância. No parágrafo seguinte, diferente da 1ª versão, o aluno faz uma abordagem sobre as práticas islamistas, citando um exemplo de intolerância religiosa. A conclusão apresenta a mesma construção textual, o aluno retoma as ideias afirmando que quase sempre há violência por causa da intolerância, e apresenta como proposta para intervir no problema a ação de respeitar as diferenças dos outros e a sua religião, porém, sabemos que estas ações necessitam de outras para acontecer, e essas outras não são explicitadas no texto.

Em relação aos aspectos linguísticos, a versão reescrita apresenta algumas alterações, no entanto, ainda, notamos problemas quanto ao emprego da norma culta da Língua Portuguesa. A quantidade e as formas das conjunções coordenadas mantiveram-se a mesma, houve apenas uma alteração em relação às formas, sendo todas empregadas corretamente.

Vejamos, a seguir, o próximo recorte discursivo da nossa análise. Ele pertence ao aluno A2. Eis o recorte discursivo:

RD23

Figura 174 – Segunda versão do artigo de opinião do aluno A2

MÓDULO IV – Reescrita da produção final

Qual a sua reação diante de uma opinião divergente?

Antes do resultado das eleições, Bolsonaro foi esfaqueado durante a caminhada em Minas Gerais. Isso aconteceu porque certamente aquela pessoa não concordava com suas propostas. Não apoio esse tipo de atitude, pois nem tudo se resolve na violência. Se o que eu penso não é a mesma coisa que você pensa, porque não tentamos a resolução da melhor forma, conversando.

Já parei para pensar que se toda vez que você intolera ou agir com violência alguém por não aceitar ou concordar com o que essa pessoa pensa, você ficaria sem amigos ou com uma fama ruim, porque duvido que você gostaria de ficar perto de uma pessoa que pensa que está sempre certo ou que não aceita a opinião dos outros.

Por mais que seja difícil aceitar a ideia do outro, temos que lembrar que nem sempre estamos certos. Hoje em dia as pessoas estão perdendo muitas amizades porque não aceitam que seu time está perdendo, ou pensa que a ideia dele é a que está certa.

Temos vários tipos de intolerância: a que as pessoas acham mais difícil de aceitar é a religião. Muitas pessoas acham que apenas a sua a sua religião é a certa, que só aquela luz para o céu, mas devemos lembrar que a fé é a única que pode salvar e não a religião. Apenas devemos aprender a respeitar.

Espero que a partir de agora você pare e pense um pouco na opinião do próximo antes de discordar. Quero parar conversar melhor, trocar ideias antes de agir com intolerância, pois a violência não é a forma.

Fonte: produção textual do aluno A2.

Quadro 26 – Transcrição da 2ª versão do artigo de opinião do aluno A2

Qual a sua reação diante de uma opinião divergente?

Antes do resultado das eleições, Bolsonaro foi esfaqueado durante a caminhada em Minas Gerais. Isso aconteceu **porque** certamente aquela pessoa não concordava com suas propostas. Não apoio esse tipo de atitude, **pois** nem tudo se resolve na violência. Se o que eu penso não é a mesma coisa que você pensa, **porque** não sentamos e resolvemos da melhor forma, conversando.

Já parou para pensar que se toda vez que você intolerar **ou** agir com violência alguém por não aceitar **ou** concorda com o que ela pensa, você ficaria sem amigo **ou** com uma fama ruim, **porque** duvido que você gostaria de ficar perto de uma pessoa que pensa que está sempre certo **ou** que não aceita a opinião dos outros.

Por mais que seja difícil aceitar a ideia do outro, temos que lembrar que nem sempre estamos certo. Hoje em dia as pessoas estão perdendo muitas amizades **porque** não aceitam que seu time está perdendo, **ou** pensa que a ideia dele é a que está certa.

Temos vários tipos de intolerância e a que as pessoas acham mais difícil de aceitar é a religião. Muitas pessoas acham que apenas a sua religião é a certa, que só aquela leva para o céu, **mas** devemos lembrar que a fé é a única que pode salvar e não a religião. Apenas devemos aprender a respeitar.

Espero que a parti de agora você pare e pense um pouco na opinião do próximo antes de discordar. Chame para conversa melhor, trocar ideias antes de agir com intolerância, **pois** a violência não é a melhor forma.

Fonte: produção textual do aluno A2.

O artigo de opinião do aluno A2, na versão reescrita, manteve praticamente a mesma construção textual, com uma sensível melhora, pois observamos que o aluno buscou outras possibilidades para organizar algumas ideias expressas no primeiro e segundo parágrafos. Observamos que o título foi alterado, nessa versão apresenta-se mais longo e se organiza em forma de pergunta. Não houve “escuta” do aluno para as interferências apontadas pela professora pesquisadora em relação à introdução, à argumentação e à conclusão, visto que o aluno mantém a mesma construção textual.

O artigo foi aperfeiçoado em relação ao emprego das normas gramaticais, pois o aluno corrige a maioria dos desvios apontados em relação ao emprego de letras maiúsculas (“eleições”); concordância nominal (“suas propostas”); desvios ortográficos em (“pensar”, “aceitar”, “lembrar”, “discordar”, “conversar”, “trocar”); problemas de acentuação em (“alguém”, “duvido”, “difícil”, “está”, “vários”); problemas de pontuação em (“Antes do resultado das eleições, Bolsonaro foi esfaqueado durante a caminhada em Minas Gerais.”, “... agir com intolerância, **pois** a violência não é a melhor forma.”), tornando o sentido do texto mais completo e coerente. Quanto ao uso das conjunções coordenadas, evidenciamos que manteve a mesma quantidade e as formas utilizadas na primeira versão, provavelmente, por não alterar muito os aspectos discursivos do artigo e, também, por não ter sido apontado interferências, já que o aluno emprega-os corretamente.

Com base nesses recortes discursivos, verificamos que, após o desenvolvimento da sequência didática, os artigos de opinião produzidos, na versão final, mesmo que não foram

escritos no âmbito de uma perspectiva ideal para o gênero, apresentaram uma sensível melhora em relação ao uso das conjunções coordenadas. A abordagem dessas marcas, com ênfase no seu valor semântico, possibilitou ao aluno utilizá-las como elementos que colaboram com a estratégia argumentativa, conduzindo ao convencimento do leitor. Apresentaram uma sensível melhora, também, quanto aos mecanismos de textualização do artigo de opinião, pois notamos que os alunos deram passos importantes no desenvolvimento de habilidades argumentativas, pois, ainda que de forma não tão satisfatória, o desenvolvimento da argumentação se manifestou nos textos, aparecendo na forma de opiniões, de informações, de exemplificação, de pontos de vista, dentre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta pesquisa foi motivado pela constatação da dificuldade dos alunos do ensino médio, turmas nas quais dávamos aula na ocasião, de utilizarem os operadores argumentativos em produções de textos do gênero dissertativo. Esta constatação nos inquietava e, diante da oportunidade de aperfeiçoar a nossa prática em sala de aula, enquanto cursávamos o mestrado Profissional em Letras – Profletras, tivemos a possibilidade de desenvolver um projeto de intervenção para os alunos do 9º ano. É que muitos alunos que chegavam ao ensino médio estudavam a maioria desses operadores nos anos finais da Educação Básica, e, ainda assim, apresentavam muitas dificuldades no uso em textos orais e escritos.

Atendendo à exigência do regimento do Profletras, o qual define que a pesquisa seja desenvolvida no Ensino Fundamental, pensamos em uma proposta que fosse além do ensino tradicional das conjunções coordenadas e suas classificações, bem como que levasse o aluno a ler e a escrever um texto dissertativo, o artigo de opinião, observando o uso dessas palavras na construção da argumentação.

Para que pudéssemos ir além do que habitualmente desenvolvemos em nossa prática cotidiana, nossa pesquisa, primeiro, pautou-se em um estudo teórico, em que pesquisamos sobre a argumentação e as conjunções coordenadas usadas como operadores argumentativos; apropriamo-nos das orientações constantes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de Língua Portuguesa, para o terceiro e quarto ciclos, e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino da argumentação. Enfocando o nosso estudo no gênero textual artigo de opinião, buscamos refletir sobre os gêneros textuais e as perspectivas de ensino da argumentação, especificamente para o gênero artigo de opinião. Como proposta prática, elaboramos uma sequência didática com o objetivo de trabalhar atividades de leitura, de interpretação e de análise sintático-semântica das conjunções coordenadas para desenvolver a argumentação escrita dos alunos na produção de artigos de opinião, utilizando as conjunções coordenadas.

Diante dessa retomada sobre o percurso realizado, neste trabalho de conclusão, apresentamos, inicialmente, algumas considerações sobre a nossa trajetória, como professora pesquisadora mestranda do Profletras.

A oportunidade de cursarmos um mestrado profissional e de aperfeiçoarmos a prática em sala de aula foi uma experiência única, cansativa, em muitos momentos, dada a necessidade de nos deslocarmos, geograficamente, porém enriquecedora, pois percebemos que somos capazes de transformar a realidade de muitos alunos, criando novas possibilidades didáticas. Além disso, ter a oportunidade de desenvolver uma pesquisa voltada para o nosso agir em sala de aula foi transformador, pois nos possibilitou refletirmos, permanentemente, sobre a nossa prática pedagógica, modificando modos de comportar e de ensinar, visto que jamais voltaremos a ser e a pensar como antes.

Diante do trabalho realizado, retomamos os objetivos geral e específicos, bem como as questões levantadas, no início de nossa pesquisa, para verificarmos se nossa proposta de intervenção trouxe implicações para minimizar as dificuldades que os alunos encontravam para produzir um artigo de opinião coeso, utilizando, para tanto, as conjunções coordenadas.

Quanto às atividades propostas na sequência didática, consideramos que foram bem estruturadas e organizadas, e proporcionaram aos alunos uma relação gradual de novos conhecimentos. Vale ressaltar que o processo de leitura oral e sequenciada, explorando várias possibilidades de sentidos do texto, colaborou para a compreensão dos sentidos expressos pelas conjunções e contribuiu, para trazer para o âmbito da sala de aula, discussões pertinentes a respeito de diferentes temas que circulam na sociedade desenvolvendo a criticidade e, conseqüentemente, a habilidade de escrita dos alunos.

Não podemos desconsiderar que várias vezes percebemos o desinteresse de alguns alunos em relação à aprendizagem dos conteúdos. Acreditamos que esse desinteresse ocorreu devido à necessidade de pensar, de refletir e de formular seus próprios conceitos e respostas, já que as atividades eram contextualizadas e foram realizadas individualmente. Apesar dos contratempos, podemos afirmar que, de modo geral, os alunos colaboraram na medida do possível para a realização da pesquisa.

As produções iniciais dos alunos nos mostraram que alguns tinham dificuldades de utilizar as conjunções, tendo em vista o que se esperava para o uso da escrita, por exemplo; muitos apresentaram dificuldades em relação a ter o que dizer, e, por conseguinte, à estrutura do gênero artigo de opinião, dada a ausência de certo repertório. Diante dessa realidade, buscamos trabalhar em todas as atividades propostas, nos módulos, questões sobre as conjunções e as especificidades do gênero; a identificação do ponto de vista e os argumentos utilizados para a sua defesa.

Na reescrita da produção final, observamos que os alunos obtiveram êxito, em maior ou menor grau, pois utilizaram informações aprendidas ao longo do desenvolvimento da sequência didática. Verificamos que o ponto de vista defendido pode ser melhor identificado, e os argumentos apresentaram maior força argumentativa, porém não podemos deixar de destacar que, em alguns artigos de opinião, os argumentos não dialogavam totalmente com a tese, e, ainda, apresentaram inadequações ortográficas e problemas de pontuação.

Apesar de não ser o foco de nossa pesquisa, pensamos que falhamos, no que tange ao ensino dos tipos de argumentos e de estratégias argumentativas. Imaginamos que, se tivéssemos trabalhado um módulo com essa abordagem, poderia ajudar muito os alunos a desenvolver melhor a sua argumentação. Assim, percebemos que, na sequência didática elaborada, há possibilidade para modificações, adaptações, acréscimos, ou, até mesmo, a subtração de alguma atividade. Conforme relatamos no capítulo metodológico, houve alterações durante a nossa aplicação, o que ocasionou um tempo maior para sua aplicabilidade, tornando-a mais longa. Percebemos que as alterações tornaram o trabalho árduo e, muitas vezes cansativo, porém necessário para alcançarmos os resultados almejados, que, de fato, evidenciamos na versão reescrita dos artigos de opinião produzidos pelos alunos.

Sobre o uso das conjunções coordenadas, na produção final, verificamos que da 1ª para a 2ª versão (reescrita), constatamos uma redução no número de conjunções e a permanência de formas. Percebemos que os alunos usaram os conectivos de modo mais adequado, mas não ousaram utilizar conjunções diferentes das habituais. Pensamos que o fato de não termos conseguido notórias diferenças entre as duas versões se deve ao fato de que o trabalho com a escrita deve ser um processo, necessariamente, contínuo; a nossa pesquisa é uma pequena parte desse trabalho.

Outro ponto que merece ser destacado é a concretização da teoria adquirida durante o processo formativo da professora pesquisadora em sua prática. Pensamos que o trabalho de pesquisa teórica, e sua aplicação a partir de uma sequência didática, foi muito importante para percebermos que é possível articular teoria e prática de forma explícita. O planejamento e a elaboração de atividades para os alunos fazem parte de nosso fazer profissional, porém nem sempre fica claro qual a teoria subjacente a essas atividades. Por essa razão, elaborar uma sequência didática a partir de um referencial teórico foi tão importante quanto trabalhoso, visto que a elaboração das atividades da sequência demandou semanas, até mesmo mês, de escrita, de reescrita e de alterações para que considerássemos satisfatória.

Acreditamos que o mestrado profissional não tem um fim em si mesmo, mas procura transformar a realidade escolar a partir do desenvolvimento de projetos de intervenção, em que o mestrando deve romper com os paradigmas tradicionais e se aliar a uma prática reflexiva e crítica, tornando a aprendizagem significativa para o professor e os alunos. Nosso trabalho permitiu, à professora pesquisadora, ressignificar a sua prática em sala de aula, e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos. Esperamos que também contribua, para que outros professores do mesmo componente curricular repensem as suas práticas pedagógicas, visando a um ensino de gramática contextualizado que possibilitará a melhoria do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica.

O nosso desejo é que esta dissertação não fique guardada, mas que contribua para a formação de outros professores e de outros alunos, no que se refere ao ensino das conjunções coordenadas e à produção do gênero artigo de opinião. Assim, pretendemos, como devolutiva, mostrar os resultados da pesquisa sob a forma de palestras, de artigo científico e pelo próprio exemplar da dissertação, aos alunos participantes, visto que a maioria deles, atualmente, está cursando a 2ª série do ensino médio na mesma unidade de ensino; e, em um segundo momento, aos docentes de Língua Portuguesa da escola pesquisada, para que, como professores, possam refletir sobre suas práticas docentes no ensino de conteúdos gramaticais e de produção textual.

Finalizamos este trabalho com a certeza de que trouxe inúmeras contribuições para a nossa formação, e que diante de mais uma oportunidade, não temos dúvida de que aproveitaríamos cada momento de forma intensa e determinada, tornando a experiência valiosa e proveitosa. E de fato “se me dessem - um dia - uma outra oportunidade,/ eu nem olhava o relógio/ seguia sempre, sempre em frente.../ E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.” (Mario Quintana).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (1895 -1975). **Os gêneros do discurso** / organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas de edição russa de Serguei Botcharow. São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 2016.

BRAKLING K. L. 2000. **Trabalhando com o artigo de opinião. Re-visitando o eu no exercício de (re) significação da palavra do outro.** In: ROJO, R. A Prática de Linguagem em sala de aula. Mercado de Letras/EDUC: 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Versão final. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 maio. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação.** Bauru. EDUSC, 1999.

CARVALHO, S. M de. **O ensino do artigo de opinião das teorias às atividades didáticas dos apostilados da rede pública paulista.** 169 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo/SP.

COLÉGIO ESTADUAL CORONEL JOSÉ FRANCISCO DE AZEVEDO. **Projeto Político Pedagógico.** Conceição do Tocantins - TO: 2018. Não publicado. 55 p.

DOLZ, J & SCHNEUWLY, B. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (Francófono).** In: Gêneros Oraís e Escritos na escola./ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, J., NOVERRAZ, M. & SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: Gêneros Oraís e Escritos na escola./ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** 1. ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2018.

GONÇALVES, Adair Vieira; BAZARIM, Milene. (Orgs.) **Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco.** 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 22. ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Argumentação e Linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, I. V. E ELIAS, V. M. **Escrever e Argumentar**. - 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, E. P., ARAÚJO, A.L.R.B., **Produção textual do gênero artigo de opinião no ensino fundamental: uma proposta de ensino e aprendizagem mediada por sequências didáticas**. Leia Escola, Campina Grande, v. 15, n. 2, 2015.

PEREIRA, M.E.A. 2008. **A construção da argumentatividade em artigos de opinião produzidos por alunos do ensino médio**. Fortaleza, CE. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará, 217 p.

PERELMAN, Chaim. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. / Chaim Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca: Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão] – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

QUINTANA, Mario. **Esconderijos do tempo** [recurso eletrônico] / Mario Quintana. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

RODRIGUES, R. H. **O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita**. In: ROXANE, R. (org.). A prática da linguagem em sala de aula. São Paulo: Mercado das Letras, 2000, p. 207-248.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2011

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática do ensino plural** – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n. 3, p.443-466, set/dez.2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. (1987). **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas.

ANEXOS

ANEXO 1 – CADERNO PEDAGÓGICO DE ATIVIDADES DE LEITURA, DE INTERPRETAÇÃO E DE ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.**GÊNERO TEXTUAL: ARTIGO DE OPINIÃO**

Atividades elaboradas para coleta de dados e formação do corpus de uma pesquisa de mestrado em Letras, intitulada *O uso das conjunções coordenadas em processos de escrita e reescrita de textos: a construção da argumentação em artigos de opinião produzidos por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental*, sob a orientação do Prof. Dr. João de Deus Leite.

ELABORAÇÃO: THANIELLE M. COSTA

Conceição do TO - TO

Setembro /2018

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, o texto tem se tornado a base do ensino aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino fundamental. Os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (1998), recomendam que o professor deve promover o ensino da língua a partir de uma prática contextualizada no texto, para estimular a competência discursiva. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteará os professores com relação as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo da educação básica, mantém filiação à proposta de centralidade do texto como unidade de trabalho no processo de ensino aprendizagem da língua.

Na tentativa de minimizar os problemas relacionados à leitura, interpretação, análise sintático-semântica e à escrita, decidimos utilizar o método da sequência didática para desenvolvermos em sala de aula o caminho da nossa ação pedagógica, nesta pesquisa de mestrado. A proposta de organizar o ensino de uma língua por meio de uma sequência didática de gêneros, foi elaborada por pesquisadores de Genebra e teve aceitação nas escolas brasileiras para transposição didática do ensino da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Dessa forma, o professor seleciona textos, a partir dos quais são elaboradas atividades sistematizadas, para serem desenvolvidas em sala de aula a fim de desenvolver competências linguísticas e conseqüentemente a produção do gênero escolhido.

De acordo com os pesquisadores de Genebra, desenvolver uma ação coordenada a partir da sequência didática dá oportunidade aos alunos de praticar atividades múltiplas e variadas, permitindo apropriarem-se de noções, técnicas e instrumentos necessários ao desenvolvimento das capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas.

Com base nessas considerações, elaboramos este caderno pedagógico que será utilizado como instrumento para coleta de dados de pesquisa, para a produção da nossa dissertação do Mestrado Profissional em Letras - Profletras da Universidade Federal do Tocantins - Câmpus de Araguaína/TO.

O caderno contém sete (07) atividades sistematizadas, que propiciam o desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação, análise sintático-semântica e de escrita, estruturadas nos moldes do que postulam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Para a

aplicação, serão adaptados procedimentos para desenvolver a capacidade de o aluno ler e compreender os sentidos dos textos.

Colégio Estadual Cel. José Francisco de Azevedo.

Estudante: _____ Série / Turma: _____ Data: ___/___/18

Professora: Thanielle Magalhães Costa Disciplina: Língua Portuguesa

1ª Atividade – Apresentação da situação: primeiro contato com o gênero artigo de opinião

O Brasil precisa de seus eleitores

Nossa melhor resposta é buscar candidatos sérios

Numa eleição tão fundamental para o destino do Brasil, pesquisas apontam que os votos brancos e nulos lideram a preferência dos eleitores. É uma posição compreensível diante de tudo o que vimos e vemos na política. Mas é também muito triste e traz alto risco.

Não podemos abdicar das urnas e desistir da luta. Mais do que nunca, o Brasil precisa dos nossos votos. Não há nada mais cruel que o desemprego, a pessoa querer trabalhar e não conseguir. É desesperador não ter acesso à assistência médica ou se sentir diariamente ameaçado pela violência. As notícias sobre a corrupção e os privilégios são revoltantes.

Compreendo tudo isso. Mas, por isso mesmo, nós precisamos lutar para que a população se engaje nas eleições nesta reta final do processo eleitoral. Não podemos abandonar a luta política e democrática por um Brasil melhor. Não podemos dar as costas ao nosso país e deixar de exercer o direito (e o dever) mais fundamental da democracia: eleger os nossos dirigentes.

As eleições daqui a dois meses são a melhor, talvez a única, forma de encontrarmos caminhos legítimos para superar essa profunda crise. Nossa melhor resposta é usar bem o voto, buscando candidatos sérios, comprometidos com a boa política.

Sim, eles existem. A crise da má política só pode ser resolvida com a boa política. E a boa política passa pelo bom voto.

Há bons políticos em diversos matizes ideológicos e partidários. Para encontrá-los, temos hoje recursos e ferramentas amplamente disponíveis, com informações sobre praticamente todos os candidatos e os seus partidos. Vale o esforço de conhecer a fundo seu candidato ou candidata a deputado, senador e presidente. Serão elas e eles que tomarão decisões fundamentais neste momento crítico da nossa história.

As novas tecnologias empoderam os eleitores. Vamos usar essa nova força para arrumar o destino do Brasil e restaurar a confiança no nosso grande país, a oitava economia do mundo, embora ainda muito distante de realizar seu potencial.

Não há espaço para aventuras, promessas populistas, estelionatos eleitorais. Os projetos dos candidatos são mais importantes do que seus nomes. Vamos cobrar dos políticos e políticas uma campanha respeitosa, focada no bom debate e em projetos para o país. O bate-boca não esclarece nada, só confunde. Ele serve apenas para esconder a verdade e camuflar os maus políticos e os maus projetos.

Esta grande crise é rica em lições. Não aproveitá-las é ser penalizado duplamente por ela e contratar uma crise ainda pior à frente.

Da perspectiva de um empresário que há décadas vive intensamente a economia do Brasil, posso assegurar que já superamos situações piores. Temos fundamentos ainda sólidos nas contas externas, grande volume de reservas, inflação controlada e o juro básico no patamar mais baixo da história.

Apesar das dificuldades, o país está pronto para uma retomada consistente num ambiente econômico global ainda favorável — desde que façamos as reformas fundamentais, a começar pelo reequilíbrio do insustentável quadro fiscal.

Vamos lembrar que a crise econômica e o descrédito da política no final dos anos 1980 levaram à eleição de um presidente populista que adotou medidas heterodoxas que aprofundaram a crise do país. Os erros oferecem lições mais importantes que os acertos.

Amo muito o Brasil. Nasci numa família rica em valores, mas pobre em recursos materiais. Sei o quanto esse país pode oferecer a quem trabalha duro e, por isso, sigo otimista.

Votar (consciente) é a solução. Não abra mão do seu direito. Não fuja do seu dever. Ponha a mão na consciência e o seu voto na urna.

Abilio Diniz - Empresário, presidente do Conselho da Península Participações e membro do Conselho de Administração do Grupo Carrefour. (Disponível em: www1.folha.uol.com.br/opiniao/2018/08). Acesso em: 03 de set. 2018.

Prática de leitura e interpretação do artigo de opinião

Refleta sobre as questões que seguem e responda:

01. O texto lido aborda uma questão polêmica. Identifique-a:

02. Qual o ponto de vista apresentado pelo autor?

03. Que fato desencadeia a discussão sobre as eleições?

04. De acordo com o texto porque precisamos lutar para que a população se engaje no processo eleitoral?

05. No 4º parágrafo o autor afirma que “Nossa melhor resposta é usar bem o voto, buscando candidatos sérios, comprometidos com a boa política”. Na sua opinião o que seria uma boa política?

06. Identifique dois argumentos utilizados pelo autor para defender o seu ponto de vista.

07. De acordo com o texto “as novas tecnologias empoderam os eleitores”. Você acredita que o eleitorado brasileiro realmente faz uso desse empoderamento na hora de votar?

08. O texto refere-se a uma “grande crise” e “lições”? A que crise o autor se refere, e que lições são possíveis extrair dessa crise?

09. Você concorda com a frase “Os erros oferecem lições mais importantes que os acertos”. Explique.

10. Como o autor retoma o seu ponto de vista no final do texto?

Colégio Estadual Cel. José Francisco de Azevedo.

Estudante: _____ Série / Turma: _____ Data: ___/___/18

Professora: Thanielle Magalhães Costa Disciplina: Língua Portuguesa

2ª Atividade – Reconhecendo as práticas discursivas do gênero artigo de opinião

‘Educação: reprovada’

Há quem diga que sou otimista demais. Há quem diga que sou pessimista. Talvez eu tente apenas ser uma pessoa observadora habitante deste planeta, deste país. Uma columnista com temas repetidos, ah, sim, os que me impactam mais, os que me preocupam mais, às vezes os que me encantam particularmente. Uma das grandes preocupações de qualquer ser pensante por aqui é a educação. Fala-se muito, grita-se muito, escreve-se, haja teorias e reclamações. Ação? Muito pouca, que eu perceba. Os males foram-se acumulando de tal jeito que é difícil reorganizar o caos.

Há coisa de trinta anos, eu ainda professora universitária, recebíamos as primeiras levadas de alunos saídos de escolas enfraquecidas pelas providências negativas: tiraram um ano de estudo da meninada, tiraram latim, tiraram francês, foram tirando a seriedade, o trabalho: era a moda do “aprender brincando”. Nada de esforço, punição nem pensar, portanto recompensas perderam o sentido. Contaram-me recentemente que em muitas escolas não se deve mais falar em “reprovação, reprovado”, pois isso pode traumatizar o aluno, marcá-lo desfavoravelmente. Então, por que estudar, por que lutar, por que tentar?

De todos os modos facilitamos a vida dos estudantes, deixando-os cada vez mais despreparados para a vida e o mercado de trabalho. Empresas reclamam da dificuldade de encontrar mão de obra qualificada, médicos e advogados quase não sabem escrever, alunos de universidades têm problemas para articular o pensamento, para argumentar, para escrever o que pensam. São, de certa forma, analfabetos. Aliás, o analfabetismo devasta este país. Não é alfabetizado quem sabe assinar o nome, mas quem o sabe assinar embaixo de um texto que leu e entendeu. Portanto, a porcentagem de alfabetizados é incrivelmente baixa.

Agora sai na imprensa um relatório alarmante. Metade das crianças brasileiras na terceira série do elementar não sabe ler nem escrever. Não entende para o que serve a pontuação num texto. Não sabe ler horas e minutos num relógio, não sabe que centímetro é uma medida de comprimento. Quase a metade dos mais adiantados escreve mal, lê mal, quase 60% têm dificuldades graves com números. Grande contingente de jovens chega às universidades sem saber redigir um texto simples, pois não sabem pensar, muito menos expressar-se por escrito. Parafraseando um especialista, estamos produzindo estudantes analfabetos.

Naturalmente, a boa ou razoável escolarização é muito maior em escolas particulares: professores menos mal pagos, instalações melhores, algum livro na biblioteca, crianças mais bem alimentadas e saudáveis – pois o estado não cumpre o seu papel de garantir a todo cidadão (especialmente a criança) a necessária condição de saúde, moradia e alimentação.

Faxinar a miséria, louvável desejo da nossa presidenta, é essencial para nossa dignidade. Faxinar a ignorância – que é uma outra forma de miséria – exigiria que nos orçamentos da União e dos estados a educação, como a saúde, tivesse uma posição

privilegiada. Não há dinheiro, dizem. Mas políticos aumentam seus salários de maneira vergonhosa, a coisa pública gasta nem se sabe direito onde, enquanto preparamos gerações de ignorantes, criados sem limites, nada lhes é exigido, devem aprender brincando. Não lhes impuseram a mais elementar disciplina, como se não soubéssemos que escola, família, a vida sobretudo, se constroem em parte de erro e acerto, e esforço. Mas, se não podemos reprovar os alunos, se não temos mesas e cadeiras confortáveis e teto sólido sobre nossa cabeça nas salas de aula, como exigir aplicação, esforço, disciplina e limites, para o natural crescimento de cada um?

Cansei de falas grandiloquentes sobre educação, enquanto não se faz quase nada. Falar já gastou, já cansou, já desiludiu, já perdeu a graça. Precisamos de atos e fatos, orçamentos em que educação e saúde (para poder ir a escola, prestar atenção, estudar, render e crescer) tenham um peso considerável: fora isso, não haverá solução. A educação brasileira continuará, como agora, escandalosamente reprovada.

Luft, Lya. Disponível no site <https://veja.abril.com.br/blog/.../8216-educacao-reprovada-8217-um-artigo-de-lya-luf>). Acesso em: 03 de set. de 2018.

Após a leitura procure identificar:

01. Qual o objetivo do texto lido?

02. Em que veículo de comunicação o texto foi publicado?

03. Qual é o assunto principal abordado pelo texto?

04. Considerando que se trata de um texto argumentativo que tese (ponto de vista) a autora defende?

05. O título do texto “Educação: reprovada” pressupõe a opinião da autora sobre o assunto?

06. Identifique o(s) parágrafo(s) que correspondem a introdução, ao desenvolvimento e a conclusão.

07. Segundo a autora, quais as consequências da facilitação da vida dos estudantes?

08. Você concorda com a frase: “estamos produzindo estudantes analfabetos”? Por quê?

09. Você concorda com a opinião da autora sobre a educação brasileira? Justifique sua resposta.

Colégio Estadual Cel. José Francisco de Azevedo.

Estudante: _____ Série / Turma: _____ Data: ___/___/18

Professora: Thanielle Magalhães Costa Disciplina: Língua Portuguesa

3ª Atividade – Produção inicial: escrevendo seu primeiro artigo de opinião

Após o contato com o gênero artigo de opinião e o estudo de suas características, você já pode se colocar na posição de um articulista e produzir seu primeiro artigo. Com base nos textos motivadores I, II e III, escreva um artigo de opinião defendendo seu ponto de vista sobre o tema: **A importância do voto consciente: condição para um Brasil melhor.**

TEXTO I

Você liga a TV e as mesmas palavras aparecem: desvio de dinheiro público, improbidade administrativa, caixa 2. Sem falar nos deslizos que os governos cometem mesmo quando são bem-intencionados. Diante de tanta desilusão com a política no Brasil, muita gente decide chutar o balde, recusar todos os candidatos de uma vez e votar nulo. Outros se perguntam se, afinal de contas, o ato de anular tem algum valor para melhorar o país.

[...]

O voto nulo não serve como protesto, mas como exercício de consciência: se o eleitor não conhece os candidatos bem o suficiente para votar neles, é melhor ficar quieto e não votar em ninguém. (...) O voto nulo pode ser um direito jogado fora, mas também uma escolha consciente de quem não se sente apto para tomar uma decisão.

Disponível em: <https://www.imagineie.com.br/temas/importancia-do-voto-consciente-para-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 04 de set. 2018.

TEXTO II



Colégio Estadual Cel. José Francisco de Azevedo.

Estudante: _____ Série / Turma: _____ Data: ___/___/18

Professora: Thanielle Magalhães Costa Disciplina: Língua Portuguesa

Módulo I – Observando a importância das conjunções como elementos articuladores entre as partes de um artigo de opinião

O que fazer com as cinzas

É tão simbólico que grita. O incêndio do Museu Nacional em momento de tanta confusão sobre quem somos nós parece deliberado. E de certa forma é. Queimamos o nosso passado, ignoramos o nosso futuro e ficamos prisioneiros do redemoinho presente. Os brasileiros choram hoje sobre as cinzas e se perguntam como recuperar o patrimônio perdido. Irrecuperável, dizem os especialistas e cada um de nós sabe que é verdade. Mas haverá um amanhã depois do incêndio.

O meteorito sobreviveu, mas não a história do Brasil. E o que fazer agora? Na manhã do dia seguinte tudo o que se sabe é que o próprio prédio pode ruir. Perdeu-se um patrimônio da riqueza natural, da história que vivemos e do que houve nos milhares de anos antes de começarmos a construir o que podemos chamar de civilização brasileira. Anda Luzia. E agora? A presidente do Iphan anunciou que “Luzia morreu”. Ela resistiu por milhares de anos, mas não sobreviveu a nós. E teremos que explicar isso aos estudantes, porque museu é parte da educação de um povo.

Neste tempo da perplexidade é inevitável pensar no simbolismo de tudo isso. De certa forma, o Brasil sempre ignorou seu passado. Durante muito tempo preferimos fazer blague sobre os personagens fundadores do que somos, preferimos jogar luz sobre os maiores defeitos de cada personagem e não seus acertos. Rimos dos exotismos, e não valorizamos as sagas. Nas viagens ao exterior, visitamos museus e reverenciamos a história alheia. Mas aqui, deixamos para ir aos museus de arte ou de história em outro momento. Afinal, eles estarão sempre ali. E quando chegam as notícias, parcas, esporádicas, de que a manutenção do patrimônio está precária, lamentamos e vamos cuidar da vida. Há tantas emergências, o passado fica para depois.

Na noite de domingo, muita gente chorou vendo chamuscas poderosas nos aplicando castigo irrecorrível. O fogo não deu segunda chance.

Na manhã do dia seguinte, acordamos desamparados, sem identidade, sem uma parte de nós. Mas precisaremos entender o que houve, onde foi que erramos tanto e tentar prevenir novos desastres. Há um patrimônio ainda a preservar e isso deve envolver todo mundo, cidadãos, empresas, instituições, governos.

Não adiantará culpar um governo, mas todos; uma pessoa, mas todas; os outros, mas cada um de nós. E mais do que culpar é preciso refletir e entender. Ainda é cedo, é o momento do choque da perda abrupta, total e inesperada. Só há uma forma de começar de novo: é pensar no que fazer com os outros museus e sítios históricos, com o patrimônio natural que permanece, com os fatos passados que ainda não entendemos.

Há países em que as empresas abraçam constantemente a história para a recuperação e a manutenção. Podem dizer que fazem isso porque depois descontam no imposto de renda.

Pode ser. Mas aqui os governos dão cada vez mais dinheiro para as empresas, reduzindo os tributos de forma aleatória, sem que haja qualquer contrapartida. Os grupos econômicos recebem por receber, só para aumentar seus lucros, apenas porque dizem que irão embora para outro país se nada receberem, ou estão com a existência ameaçada pela concorrência externa. Quase não há mecenas e benemerentes, nem grandes, nem pequenos.

Há outros erros. Nos momentos de cortes, a Cultura é o ponto em que a tesoura vai em primeiro lugar. Nos momentos em que a austeridade é necessária, nunca escolhemos os gastos certos. O dinheiro do BNDES era pouco, alguns milhões, que bom que foi liberado, mas chegou tarde para o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Inevitável a comparação com a presteza dos bilhões que foram engordar os bois nos pastos, e as contas bancárias de alguns.

Dona Leopoldina era criticada e chamada de “imperatriz deselegante” porque, a cavalo, de camisa e calça masculinas, saía em busca de pedras e plantas raras para começar a construir o acervo científico nacional. Isso foi no princípio. No domingo vimos o fim, o que fizemos com o trabalho dela e de milhares de outros pesquisadores que buscaram nossas raízes, que conservaram relíquias, que escavaram o chão atrás do passado. O meteorito sobreviveu a nós, porque é capaz de resistir a todo tipo de desaforo na sua viagem incandescente até a terra. O país terá que procurar nas cinzas o resto do seu passado. E nesta hora do luto, precisará entender o que fazer no tempo do recomeço com o patrimônio que ainda temos.

LEITÃO, Míriam. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/o-que-fazer-com-cinzas.html>. Acesso em: 07 de set. 2018.

Refleta sobre as questões que segue e responda:

01. O texto apresenta a opinião da autora sobre a tragédia ocorrida no dia 02/09/18 no Museu Nacional. Qual o ponto de vista da autora sobre o assunto?

02. No 1º parágrafo, a autora apresenta a reação dos brasileiros diante do cenário catastrófico. Que período é possível evidenciar esse fato?

03. Observe o período abaixo retirado do 1º parágrafo:

“Os brasileiros choram hoje sobre as cinzas e se perguntam como recuperar o patrimônio perdido”.

a. Que função sintática o termo destacado exerce no período?

b. Qual o valor semântico expresso por esse termo? Explique.

c. Se o termo “e” destacado no fragmento acima fosse retirado, o período manteria o sentido original. Explique.

04. Na oração “**Mas** haverá um amanhã depois do incêndio”. É possível afirmar que o termo destacado busca retomar a ideia expressa no período anterior? Justifique sua resposta.

05. No segundo parágrafo a autora refere-se a objetos/peças do museu de forma irônica. Observe:

“O meteorito sobreviveu, **mas** não a história do Brasil”.

“ ‘Luiza morreu’. Ela resistiu por milhares de anos, **mas** não sobreviveu a nós.”

a. Como é possível analisar o emprego dos termos destacados nos trechos?

b. É possível substituir o conectivo “**mas**” por outro sem alterar o sentido do período original?

06. Releia o fragmento abaixo:

“E teremos que explicar isso aos estudantes, **porque** museu é parte da educação de um povo.”

a. Que explicação a autora afirma que deve ser feita?

b. Qual é o sentido do conectivo “porque” e como se classifica a oração?

07. Observe o fragmento:

Durante muito tempo preferimos fazer blague sobre os personagens fundadores do que somos, preferimos jogar luz sobre os maiores defeitos de cada personagem **e** não seus acertos. Rimos dos exotismos, **e** não valorizamos as sagas. Nas viagens ao exterior, visitamos museus e reverenciamos a história alheia. **Mas** aqui, deixamos para ir aos museus de arte ou de história em outro momento.

a. A conjunção “e” destacada no trecho, adiciona ou opõe ideias? Explique.

b. O conectivo “e” pode ser substituído sem alteração de sentido por:

(a) mas.

(b) porque.

(c) por isso.

(d) ou.

c. A conjunção “mas” possui o mesmo valor semântico do “e” nos períodos analisados? Justifique.

08. “Não adiantará culpar um governo, **mas** todos; uma pessoa, **mas** todas; os outros, **mas** cada um de nós.”

a. Que sentido a palavra destacada estabelece nas orações?

b. Observe que o autor usa (3) vezes a palavra “mas”. Qual a função dessa repetição no trecho analisado?

09. Leia os fragmentos abaixo:

“Podem dizer que fazem isso **porque** depois descontam no imposto de renda.”

“Os grupos econômicos recebem por receber, só para aumentar seus lucros, apenas **porque** dizem que irão embora para outro país se nada receberem...”

“Dona Leopoldina era criticada e chamada de “imperatriz deselegante” **porque**, a cavalo, de camisa e calça masculinas, saía em busca de pedras e plantas raras para começar a construir o acervo científico nacional.”

A conjunção destacada no período acima:

- (a) Acrescenta uma informação.
- (b) explica a ideia anterior.
- (c) estabelece uma comparação.
- (d) introduz uma contradição

10. Que argumentos a autora usa no 7º e 8º parágrafos para justificar que os governantes são “culpados” pelo desastre?

11. Por que a autora ao longo do artigo faz uso de um tom irônico?

Colégio Estadual Cel. José Francisco de Azevedo.

Estudante: _____ Série / Turma: _____ Data: ___/___/18

Professora: Thanielle Magalhães Costa Disciplina: Língua Portuguesa

Módulo II – Estudo das conjunções coordenadas como elementos articuladores e suas funções no texto.

Quadro 1 – Conjunções coordenadas / Valor semântico

CONECTIVO	VALOR SEMÂNTICO	EXEMPLO
E, nem = [e não], mas ainda, mas também, como também (empregadas depois de não só).	Ligam dois termos ou duas orações de idêntica função.	“Leonor voltou-se e desfaleceu.” “Ele não me agradece, nem eu lhe dou tempo.”
Mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto, não obstante.	Ligam dois termos ou duas orações acrescentando-lhes uma ideia de contraste.	“Mariana revirou todas as gavetas, porém não encontrou a carta.” “Os políticos prometem grandes mudanças, mas poucos realizam.”
Ou (repetida ou não), ora, já, quer, seja, nem (quando repetidas).	Ligam dois termos ou duas orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre.	“ Ou aceita meu convite, ou irei novamente sozinha.” “A criança ora agitava-se no berço, ora adormecia febril.”
Logo, pois (posposto ao verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.	Serve para ligar uma oração à outra que exprime conclusão, consequência.	“Não guardou nenhuma economia, logo vive de favores.” “Conheci, pois, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica.”
Que = [porque], pois (quando vem antes do verbo), porque, porquanto.	Ligam duas orações, a segunda justifica a ideia contida na primeira.	“Os hóspedes ficaram satisfeitos, pois foram bem atendidos.” “Não insista, que ele não

		virá ao encontro.”
--	--	--------------------

Fonte: CUNHA, Celso, 2001, p. 580 – 581. (Adaptado)

SARMENTO, Leila Lauar, 2005, p. 304 – 305. (Adaptado)

Quadro 2 – Valores particulares das conjunções E/Mas

CONECTIVO	VALORES PARTICULARES	EXEMPLOS
E	adversidade	“Tanto tenho aprendido e não sei nada.
	Consequência ou conclusão	“Qualquer movimento, e será um homem morto.”
	finalidade	“No elevador, em frente ao espelho, levou um lenço aos olhos e retocou a pintura.”
	Consequência	“Estou sonhando, e não quero que me acordem.”
	Explicação enfática	“Que perdoava tudo, menos que lhe mordessem na reputação das filhas. Estavam cansadas, e muito bem cansadas.”
	Iniciar frases de intensidade afetiva, com valor próximo ao de interjeições.	“___ E os críticos! E os leitores! E a glória! Esgaravatarem tudo, raspam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixaram respirar.”
mas	restrição	“___ Vai, se queres, disse-me este, mas temporariamente.”
	retificação	“___ O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte. ___ Tenho filho, não de hoje, mas de há muito tempo.”
	Atenuação ou	“Vinha um pouco transtornado,

	compensação	mas dissimulava, afetando sossego e até alegria.”
	adição	“Era bela, mas principalmente rara.”
	Mudança de sequência de um assunto, geralmente para retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso.	“ Mas continua. Não te esqueças do que estavas a contar.”

Fonte: Cunha, Celso 2001, p. 582 – 585. (Adaptado)

Colégio Estadual Cel. José Francisco de Azevedo.

Estudante: _____ Série / Turma: _____ Data: ___/___/18

Professora: Thanielle Magalhães Costa Disciplina: Língua Portuguesa

Módulo III – Identificar o valor semântico dos elementos articuladores encontrados nos artigos de opinião.

TEXTO I

Incêndio do Museu Nacional é vitória da intolerância e morte do conhecimento

Na vigília, era terrível ver as expressões de sofrimento de quem tinha em mente exatamente o que estava sendo consumido

Na noite de domingo, 2 de setembro, na Quinta da Boa Vista, o cenário era de perplexidade diante da dimensão catastrófica do incêndio do Museu Nacional. A polícia tentava barrar pessoas indignadas que vinham oferecer seus braços para remediar a tragédia, alguns professores, estudantes e funcionários montaram vigília e estavam lá estarecidos ao verem seus trabalhos de vida ardendo em chamas.

Bombeiros chegavam impotentes. Poucos jatos de água cortavam a fumaça caindo nas brasas, numa falta evidente de planejamento para uma tragédia dessa dimensão que poderia ocorrer – descaso não dos bombeiros que estavam lá trabalhando, mas daqueles que construíram de forma objetiva a “falta de condições”.

Foi um domingo quente de sol no Rio, já uns dias sem chover, o que contribuiu para deixar todo o ar mais inflamável. Hidrantes estavam sem água. Há cada 20 minutos ou meia hora, chegava um caminhão pipa com água, apressado. Na escuridão do breu da mata da Quinta, reluzia ainda mais assustadora as chamas imensas que ganhavam um contorno mais apocalíptico nesse cenário devastador.

As chamas cresciam, e dava para ver voar pela força do vapor matérias físicas, misturadas com a fumaça: não deixava de pensar o que estava sendo destruído ali, uma tese, uma dissertação, uma flauta indígena, um cocar, uma planta rara coletada há 200 anos? Na vigília, era terrível ver as expressões de sofrimento de quem tinha em mente exatamente o que estava sendo consumido.

Cheguei no Museu pouco depois das 10 da noite, o incêndio começara por volta das 19h30 e o fogo crescia e ardia cada vez mais, e seguiu ardendo no amanhecer, fogo de mais de 12 horas, ardeu até quase o amanhecer.

Os primeiros andares estavam em brasa fumegante, a torre esquerda queimando incessantemente com chamas fortes saindo pelas janelas, quando pouco depois explodiu em chamas ainda maiores a torre direita. O fogo se alastrava rápido. A pouca água que jorrava da mangueira de um caminhão dos bombeiros era um fio inofensivo nesse cenário. E eram poucos caminhões, poucos bombeiros, poucos recursos diante de uma catástrofe gigantesca.

No ar, um misto de tristeza profunda e revolta. Raiva, indignação. Alguns estudantes e pesquisadores ali na frente do Museu, ora choravam, ora expressavam raiva pura diante desse crime premeditado: o incêndio é um crime contra a história do Brasil, contra a luta por direitos, contra a ciência que poderia produzir um conhecimento para uma vida melhor, ajudar a combater as mudanças climáticas, a mudar nosso modo de se relacionar com o planeta e a deixar o mundo habitável para as futuras gerações, e menos desigual, menos injusto. Um epistemicídio anunciado, que caminha ao lado do genocídio em marcha. Um projeto de país que se funda na destruição.

O fogo no Museu Nacional é uma das maiores tragédias da humanidade - sim, muito além do Brasil -, é como a queima da Biblioteca de Alexandria da história do Brasil, da história da fauna, da flora, da história dos povos indígenas, da colonização... É uma destruição de memórias, de livros, de peças, de artefatos, de áudios, de imagens, de fósseis que sobreviveram a milhares de anos, de vidas inteiras dedicadas a pesquisa, de conhecimento acumulado para a humanidade, um acervo imprescindível para as futuras gerações. Mataram o conhecimento e, nesse sentido, provocaram um epistemicídio.

Ainda que não exista até o momento a determinação das causas do incêndio, certamente as condições para que ele ocorresse de forma tão devastadoras é sim um crime. E ao mesmo tempo, reflexo do País que nos tornamos, um país bruto, insensível, ignorante, desigual, autoritário.

Cortes das bolsas, falta de investimentos básicos. Se foi com Temer que ruiu o Museu, assim como tantos outros espaços públicos estão sendo destruídos, é evidente que muito poderia ter sido feito antes. Mas é difícil no país que se construiu, algum ministro ou governante pensar em um projeto que deve levar mais de dez anos, como seriam necessários para realizar verdadeiras obras no Museu Nacional.

Agora, o governo anuncia postumamente que havia fechado um acordo com o BNDES de cerca de 20 milhões de reais para a infraestrutura básica — enquanto isso, ali do lado do Museu Nacional, era transtornador ver o Estádio do Maracanã que recebeu mais de um bilhão poucos anos atrás. Há um descompasso tremendo.

E não foram apenas peças do acervo do Museu Nacional que foram corroídas: havia milhares de peças de outros museus e centros de pesquisas, como, por exemplo, cabeças esculpidas pelo povo mundurucu, que pertenciam ao Museu Paraense Emílio Goeldi e haviam sido emprestadas para uma exposição há cerca de cem anos. Era um museu verdadeiramente nacional.

As primeiras notas emitidas pelo governo mancham suas próprias mãos. Era anunciado o risco, ameaças de fechamento do museu, cortes nas bolsas dos pesquisadores e o governo sabia que estava deixando o país inteiro exposto com os cortes irresponsáveis.

O estrangulamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os cortes seguidos do governo federal, o descaso, o desdém não são apenas falta de interesse, mas sim “um projeto”, como já disse Darcy Ribeiro.

Por isso, um epistemicídio, a morte do conhecimento, que caminha lado a lado, como publiquei nessa coluna há uma semana, ao genocídio em curso dos povos indígenas, da população jovem negra, e do crescente fascismo.

Destruir o Museu Nacional é uma vitória da intolerância, do Brasil escravista e colonizador, talvez esses alguns fantasmas que podem ter sido exumados pelo fogo e que estão vivendo tão junto na nossa contemporaneidade.

MILANEZ, Felipe. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/incendio-do-museu-nacional-e-vitoria-da-intolerancia-e-morte-do-conhecimento/> Acesso em: 08 de set. 2018.

TEXTO II

Passamos um limite perigosíssimo com a tentativa de matar Bolsonaro

É urgente traçar a linha divisória que nos tire da espiral deprimente, fomentada pelo ódio. Somos anjo e demônio ao mesmo tempo, e é preciso decidir qual dos dois será fortalecido

A campanha eleitoral de 2018 ultrapassou a fronteira perigosa de ver um atentado a um candidato à presidência da República. A cena de um homem atingindo o capitão da

reserva Jair Bolsonaro com uma faca materializou o extremo da polarização belicosa que o Brasil vive há pelo menos quatro anos. Bolsonaro correu risco de morrer. Foi salvo pela competência da equipe médica do hospital de Juiz de Fora. Adélio de Oliveira tentou assassiná-lo e as motivações para este ato miserável são confusas. Isso não muda uma realidade que já está embaixo do nosso nariz há alguns anos. Faz tempo que o país vem flertando com essa violência, mas até agora chegávamos à beira do abismo. Na véspera de feriado de independência, esse limite foi transposto, e se não houver uma mobilização urgente dos demais presidenciáveis e de todos os que têm voz na sociedade cairemos ainda mais na escala da dignidade humana.

Não faltaram os alertas. No dia 8 de março de 2016, o ministro Marco Aurélio de Mello temia o antagonismo das ruas quando os protestos pelo impeachment estavam no ápice, e as manifestações pró-PT ganharam força, depois da condução coercitiva do ex-presidente Lula no dia 4 daquele mês. “Receio as agressões físicas. Já pensou surgir um cadáver? A história revela que quando um cadáver surge a coisa degrading”, afirmou Mello. Degringolou, e o cadáver é o esforço para civilizar o Brasil.

Já desde aquele episódio a tormenta estava em formação, e traria novas cenas degradantes ao cenário político, como foram os tiros na caravana do ex-presidente Lula em março deste ano, no Paraná. Os disparos atingiram a lataria de dois ônibus que seguiam em carreta que acompanhava o ex-presidente.

O *Fla X Flu* vergonhoso, no entanto, já passou por cenas bizarras como a do vereador Maninho do PT cedendo à provocação de um manifestante, Carlos Alberto Bettoni, que xingava o senador Lindbergh Farias na porta do Instituto Lula, em São Paulo, cinco meses atrás. Bettoni foi empurrado por Maninho, e bateu a cabeça num caminhão que passava ali. Teve traumatismo craniano, e precisou ser internado. Felizmente, sobreviveu. Muito antes, no final de 2015, o cantor Chico Buarque foi xingado aos gritos, no Rio, no final de 2015, por anti-petistas. Teve também o ator José de Abreu, petista declarado, cuspidando num casal que o xingava num restaurante também no Rio. E petistas com mensagens intimidadoras contra jornalistas quando o ex-presidente ficou no sindicato dos metalúrgicos do ABC antes de se entregar em abril deste ano.

O ataque a Bolsonaro inaugura um novo político muito mais perigoso. Afeta (ou deveria afetar) a já baixa auto-estima do brasileiro, numa semana em que perdemos completamente o chão com o incêndio ao Museu Nacional do Rio. O acervo de dois séculos perdido no fogo revelou o desprezo que temos como sociedade pela nossa memória. A tentativa de assassinar um candidato mostra que também desprezamos a crescente onda de ódio que cegou o Brasil a ponto de uma pessoa se sentir autorizada a tentar assassinar um homem público na frente de uma multidão. Guarda alguma semelhança com o crime contra a vereadora Marielle Franco, muito embora esta última venha ainda mais carregada de dor e impotência. Ela perdeu a vida pelas mãos de um assassino que se esconde até hoje e as respostas não são dadas à altura da gravidade daquele crime.

É urgente a necessidade de estancar essa sangria, traçar uma linha divisória que nos tire dessa espiral deprimente. E isso não será possível com mais mensagens de ódio que fomentem o revide a essa tentativa de assassinato. Todos somos o anjo e o demônio ao mesmo tempo, e é preciso decidir qual dos dois será fortalecido. Se vamos alimentar a pacificação e a empatia por um país mais sadio, ou entrar na onda de justificar o injustificável segundo a cor política.

O Brasil está numa delicada corda bamba e a facada desequilibra ainda mais o país. A tentativa de matar Bolsonaro vai alterar o rumo da campanha de todos os candidatos, que precisarão rever suas estratégias, principalmente os que tinham a comunicação calcada nos ataques à agressividade do que hoje lidera as pesquisas sem Lula na disputa. O impacto das imagens da facada, e a confirmação da gravidade do atentado, sensibiliza a população. Se por

um lado cria-se empatia com o candidato, os sentidos ficam mais aguçados para as mensagens reais e oportunistas. Os próprios aliados do capitão da reserva atingido terão de ponderar muito bem suas palavras e ações neste momento de atenção plena para Bolsonaro. A primeira, e fria leitura, é que o acidente o beneficia na corrida eleitoral. Mas, para que o candidato continue competitivo na disputa, será preciso ponderar bem o eixo que se vai adotar. Ainda que a exposição deste momento o favoreça, as provocações que o candidato protagoniza não vão desaparecer da mente de quem já o rejeitava.

JIMÉNEZ, Carla Jiménez. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/07/opinion/1536277562_160382.html. Acesso em: 10 de set. 2018.

Após a leitura atenta do artigo de opinião responda:

01. Destaque no texto os conectivos usados para articular as ideias. Consulte as tabelas estudadas na aula anterior.
02. Identifique qual o valor semântico de cada um dos elementos articuladores identificados.
03. Identifique as passagens em que poderiam ser usados outros conectivos e troque-o por outro de mesmo sentido.

Colégio Estadual Cel. José Francisco de Azevedo.

Estudante: _____ Série / Turma: _____ Data: ___/___/18

Professora: Thanielle Magalhães Costa Disciplina: Língua Portuguesa

Produção final

Agora que você conhece o gênero artigo de opinião e os elementos coesivos que articulam as ideias na construção desse texto, sua tarefa é se posicionar como um articulista produzindo um artigo que defenda seu ponto de vista sobre o tema: **Opiniões divergentes: aceitar ou intolerar?** Para isso leia os textos motivadores.

TEXTO I

O desafio de conviver com opiniões divergentes

Os conflitos começam quando há uma discordância ou oposição em termos de valores, crenças ou interesses entre duas ou mais pessoas. A divergência não é o conflito em si, mas é a sua causa. O conflito surge quando essa discordância nos leva a tomar medidas para eliminar, neutralizar ou minimizar o oponente. Afinal, como podemos conviver com opiniões divergentes?

Às vezes, o confronto ocorre em termos verbais. O objetivo é persuadir ou impor ao outro os seus próprios motivos. Em outras ocasiões, os conflitos geram ações diretas que podem ser uma violência direta ou velada. Em todos os casos, o objetivo é sempre o mesmo: que uma das opiniões ganhe e prevaleça sobre a outra.

Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/desafio-conviver-com-opinioes-divergentes/>. Acesso em: 11 de set. 2018.

TEXTO II

A intolerância nasce perto da raiva, assim como o medo. São emoções primitivas, do nosso sistema límbico, existem desde que o mundo é mundo, mas são sentimentos passageiros, domáveis. No entanto, quando a intolerância é transformada em conceito — inteligentemente manipulado—, ela vira ódio.

Elie Wiesel, sobrevivente do Holocausto e Nobel da Paz em 1986, definiu que a intolerância está localizada exatamente no início do ódio, é sua semente. Com o ódio não se transige. Simplesmente se desmascara, se denuncia, se pune, se exclui da sociedade humana. A única saída contra o ódio é impedir que ele germine, enfatiza Wiesel.

A intolerância é uma força mais sutil que o ódio; mas, se não a detivermos, será tarde demais.

COLLOR, Thereza. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/08/a-intolerancia-como-armadilha-para-o-brasil.shtml>. Acesso em: 11 de set. 2018.

TEXTO III

Colégio Estadual Cel. José Francisco de Azevedo.

Estudante: _____ Série / Turma: ____ Data: __/__/18

Professora: Thanielle Magalhães Costa Disciplina: Língua Portuguesa

Reescrita do artigo de opinião

Leia o seu artigo com cuidado verificando se ele contém as características essenciais exigidas em sua produção. Observe se o texto traduz a sua opinião. Reescreva-o alterando o que achar necessário, a partir dos seguintes critérios avaliados:

Quadro 3 - AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

CRITÉRIOS	ESTÁ BOM	DEVE MUDAR
Conseguiu produzir um bom título para o artigo?		
O texto está bem organizado em parágrafos?		
No 1º parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida?		
Assumi uma posição diante da questão discutida?		
Usou argumentos consistentes para defender a posição assumida?		
Concluiu o texto reforçando sua posição?		
Utilizou adequadamente os elementos coesivos?		
Adequação às normas gramaticais (ortografia, pontuação, grafia, acentuação, concordância, etc.).		

Fonte: Gonçalves e Bazarim, 2013, p.22 (Adaptado)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Versão final. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 10 de maio 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLLOR, Thereza. A intolerância como armadilha para o Brasil. Folha de São Paulo, São Paulo, 05 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/08/a-intolerancia-como-armadilha-para-o-brasil.shtml>> Acesso em: 11 de set. 2018.

CUNHA, Celso. Nova gramática do português contemporâneo. Celso Cunha, Luís F. Lindley Cintra. 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DALL'AGNOL, Jorge. Sejamos protagonistas do processo eleitoral. GaúchaZH Opinião, Porto Alegre, 16 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/noticia/2018/08/sejamos-protagonistas-do-processo-eleitoral-cjkvknxnuq01ru01qkugxowoap.html>>. Acesso em 04 de set. 2018.

DINIZ, Abílio. O Brasil precisa de seus eleitores. Folha de São Paulo, São Paulo, 05 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/.../o-brasil-precisa-de-seus-eleitores.shtm>>. Acesso em: 03 de set. 2018.

DOLZ, J., NOVERRAZ, M. & SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: Gêneros Oraís e Escritos na escola./ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

JIMÉNEZ, Carla . Passamos um limite perigosíssimo com a tentativa de matar Bolsonaro. Jornal El País, Madri, 07 de set. de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/07/opinion/1536277562_160382.html>. Acesso em: 10 de set. 2018.

LEITÃO, Míriam. O que fazer com as cinzas. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 04 de set. 2018. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/o-que-fazer-com-cinzas.html>>. Acesso em: 07 de set. 2018.

LUFT, Lya. 'Educação: reprovada'. Revista Veja. São Paulo, 13 de set. 2011. Disponível no site <<https://veja.abril.com.br/blog/.../8216-educacao-reprovada-8217-um-artigo-de-lya-luf> > . Acesso em: 03 de set. 2018.

MILANEZ, Felipe. Incêndio do museu nacional é vitória da intolerância e morte do conhecimento. Revista Carta Capital, São Paulo, 03 de set. de 2018. Disponível em: <<https://dev.cartacapital.com.br/sociedade/incendio-do-museu-nacional-e-vitoria-da-intolerancia-e-morte-do-conhecimento/>>. Acesso em: 08 de set. 2018.

PINHEIRO, Liliana. Adianta votar nulo? Revista Super Interessante, São Paulo, 31 de ago. 2006. Disponível em: <<https://www.imagine.com.br/temas/importancia-do-voto-consciente-para-sociedade-brasileira/>>. Acesso em: 04 de set. 2018.

SARMENTO, Leila Lauer. Gramática em textos. 2. ed. rev. – São Paulo: Moderna, 2005.

SITE AMENTEEMARAVILHOSA. O desafio de conviver com opiniões divergentes. 07 de nov. de 2017. Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/desafio-conviver-com-opinioes-divergentes/>> Acesso em: 11 de set. 2018.

ANEXO 2 – Normas para Transcrição de Textos Orais
(Normas adotadas pelo Projeto NURC/RS)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem ge/ tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né?
Entonação	maiúsculas	já que o ginásio vai TANTa coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s... r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalonu viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COISA assim fan-TÁs-ti-ca um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - era muita gente... né? muitos atletas - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo pára de tomar chope...

OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (UPF... UFRGS... etc.)
2. Fáticos: ah... éh... eh... ahn... ehn... uhn... tá.

3. Números: por extenso
4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
5. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:... (alongamento e pausa)
6. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita... como ponto-e-vírgula... ponto final... dois pontos... vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

ANEXO 3 – Transcrições das aulas
Aulas gravadas no dia 03 de dezembro de 2018.

Aulas 26 e 27 – Produção final

Professora: prontos meninos? Depois de todo nosso trabalho sobre artigo de opinião... sobre conjunções... hoje nós vamos produzir nosso ((inaudível)) sequência didática... então assim... vocês irão perceber que o texto ele é de acordo com a temática... de acordo com o que nós discutimos nas últimas aulas... e aí depois desse texto eu vou corrigir... e eu pretendo voltar aqui mais uma aula durante essa semana ainda... só para a gente reescrever se tiver que fazer algumas alterações... certo?

Professora: ((inaudível)) Marcos... Antônio ... Manoel ... ((alunos conversam e se movimentam em sala de aula))

Professora: prestem atenção... coloquei assim ((inaudível)) produção final... agora que você conhece artigo e opinião e os elementos que articulam as ideias na construção desse texto... sua tarefa é se posicionar como articulista... produzindo um artigo que defenda seu ponto de vista sobre o tema... opiniões divergentes... aceitar ou intolerar? para isso... leia os textos motivadores... éh:: nós sabemos que nossas opiniões elas nem sempre são iguais... não é? na maioria das vezes eu penso de um jeito... meu colega pensa de forma diferente... e diante dessas situações... a gente aceita o diferente normalmente... ou nós intoleramos essa diferença? a última aula... o último texto que nós discutimos foi... a tentativa de matar Bolsonaro... não foi... aquela tentativa... assim como tantos outros casos que nós já vimos no Brasil... é um exemplo de ((inaudível)) é um exemplo de que o ódio ele passou acima de tudo e eu não consegui respeitar ou aceitar essa situação... então o último texto... vou repetir... uma frase que dizia assim... “que todos nós somos anjo e o demônio ao mesmo tempo”... somos o anjo... o lado bom não é? e somos o demônio... que é o lado ruim ao mesmo tempo... e cabe a qualquer um de nós decidir qual desses dois lados nós vamos fortalecer... nós vamos deixar sobrepor... e aí eu vou ler os três textos... o primeiro diz assim... “o desafio de conviver com opiniões divergentes... os conflitos... eles começam quando há discordância ou oposição em termos de valores... de crenças ou interesses entre duas ou mais pessoas... a divergência não é o conflito em si... mas é a causa do conflito... o conflito ele surge quando essa discordância nos leva a tomar medidas para eliminar... para neutralizar ou minimizar o oponente”... olha só... “o conflito ele surge quando essa

discordância nos leva a tomar medidas para eliminar... para neutralizar ou minimizar o oponente?... eu me lembro nesse mesmo texto falava sobre a facada de Bolsonaro... citava vários episódios que aconteceu no Brasil para mostrar para nós essa situação de intolerância... muitos episódios bem recente que foi citado no texto... foi o caso da morte da vereadora Mariele lá no Rio de Janeiro... que vocês devem ter visto... passando nos telejornais várias vezes... aquele caso ali? foi extremo de intolerância... extremo porque? não só a aceitou né? porque até hoje ninguém sabe os motivos reais desse crime e muito menos quem foi de quem a matou... toda a investigação que tem sido feita ainda não descobriu quem foi que praticou esse ato tão brutal... citaram vários outros casos como o ataque a Bolsonaro... com o ataque a Chico Buarque... de pessoas que eram contra o PT... como o ataque ao ex presidente Lula... quando estava sendo encaminhado para o presídio... que tinha alguns petistas acompanhando e lançaram pedras sobre os ônibus... esses dias mesmo eu estava assistindo deve ter umas duas semanas que estava passando aquela final do campeonato... não tem aquele argentino?

Aluno 1: copa libertadores

Professora: é libertadores? que foi o time da Argentina que jogou?

Aluno 1: foi

Professora: é isso né? E aí mostrou eram dois times argentinos... da copa é de lá não é? É essa v era o que? A libertadores... é essa não?

Aluno 1: libertadores é daqui... mas foi os times argentinos (que jogou)

Professora: dois times argentinos né? é porque eu não entendo muito de jogo não... mas é porque eu vi a manchete no jornal passando... e eu lembro que eram dois times argentinos que estavam na disputa e o ônibus de um dos times quando estavam indo para o estádio foi atacado pelos próprios argentinos e lançaram tantas pedras... tantas coisas que jogaram no ônibus que teve um estilhaço não se sabe de quê... que pegou no rosto de um jogador que estava dentro do ônibus... e essa situação é um exemplo de intolerância... é um exemplo de não aceitar aquilo... porque? porquê esse não era o time favorito da disputa... e aí continua assim... “afinal como podemos conviver com opiniões diferentes? e existe opiniões diferentes em relação a ‘ns’ situações... existe divergências no futebol... existe divergências na política... existe divergências na religião... existe divergências em temas ou em discursões em relação à sexualidade... então são ‘n’ situações que nós precisamos estar analisando e

precisamos nos posicionar... como é que eu encaro essa realidade? vou partir para a briga? para a agressão? ou tem uma maneira de a gente conduzir com tolerância? as vezes o confronto ocorre em termos verbais... bate bocané? o objetivo é persuadir ou impor ao outro os seus próprios motivos... em outras ocasiões os conflitos geram ações diretas que podem ser com violência direta ou com violência velada...” o que é velada professora? oculto não é? “em todos os casos o objetivo é sempre o mesmo... que uma das opiniões ganhe e prevaleça sobre a outra...” por exemplo... um absurdo aquela tentativa de matar Bolsonaro... aquilo dali provou de forma mais clara que a pessoa não aceitou... ou não aceitava a situação dele estar na disputa e de certa forma estar liderando as pesquisas... e vocês que eu vi aqui durante o período eleitoral... e eu coloquei essa temática... até porque eu preparei isso daqui foi antes das eleições... mais ou menos uns vinte dias ou um mês antes das eleições... e eu percebi ou eu percebo que durante esse período eleitoral... até quem não vota... vive no bate boca... discutindo... as vezes quer partir para cima do colega ou do outro que está discutindo para que o outro aceite a sua opinião... como se eu fosse o dono da razão... eu que estou certo e os demais tem que pensar como eu... você estudou isso que eu coloquei... esse texto que eu acabei de ler eu tirei de um site e coloquei aí para vocês... a mente maravilhosa como ((inaudível))... texto dois... a intolerância nasce perto da raiva... o que é intolerância gente? que é intolerância?... O povo fala em tolerância religiosa demais... o que é intolerância?

Aluno 2: não aceitar a diferença do outro...

Professora: não aceitar a diferença do outro... e é isso que nós estamos discutindo aqui na nossa temática... vocês vão falar sobre isso... não aceitar o diferente... o que é diferente? as opiniões em relação a política... muitas vezes elas são diferentes e a gente não aceita... a opinião... a religião... nós não temos várias religiões? dentro da religião tem muita intolerância... hoje a sexualidade... tem pessoas que são heterossexuais não tem?

Aluno 3: tem

Professora: mas tem pessoas que são homossexuais não temos? E tem pessoas que não agem com tolerância... são intolerantes a essa situação... vocês vão pensar sobre isso... e aí diz assim... “a intolerância ela nasce perto da raiva... assim como o medo... são emoções primitivas do nosso sistema límbico...” o quê que é sistema límbico professora? que existe no cérebro... é uma unidade responsável que nós temos no cérebro pelas emoções e pelos comportamentos sociais... então são emoções primitivas no nosso sistema límbico que existem desde que o mundo é mundo... mas são sentimentos passageiros... e domáveis...

quer dizer são sentimentos que nós somos capazes de controlá-los... no entanto... quando a intolerância é transformada em conceito... inteligentemente manipulado ela vira ódio... Elie Wiesel... sobrevivente do holocausto e nobel da paz em mil novecentos e oitenta e seis... definiu que a intolerância ela está localizada exatamente no início do ódio... é sua semente... quer dizer o ódio é a semente da intolerância... com o ódio não se transiste... simplesmente se desmascara... se denuncia... se pune... se exclui da sociedade humana... é o que acontece com nós... quando nós estamos perturbados com esse sentimento... que não é bom... nós simplesmente nos denunciemos... simplesmente nos punimos e nos excluimos da sociedade humana... a única saída contra o ódio... contra a intolerância é impedir que ele germine... enfatiza Wiesel... germinar né?... é impedir que ele possa se aumentado... a intolerância é uma força mais sutil que o ódio... mas se não a detivermos... se não a eliminarmos... se não a guardarmos será tarde demais... e foi isso que aconteceu com aquele menino que tentou assassinar Bolsonaro... ele simplesmente não deteve esse ódio que tinha ali dentro dele... e aí o que aconteceu? foi tarde demais para ele... e quase que termina... em uma tragédia para... uma tragédia no sentido de provocar até a morte por causa do Bolsonaro... porque independente se eu sou a favor dele... das opiniões propagadas por esse candidato ou se eu não sou... eu tenho pelo menos que respeitar... e o último texto para vocês descontraírei coloquei essa chargezinha aí... ela é colorida né... colorida é bem mais fácil da gente observar... analisar... mas vocês podem ver aí que tem dois grupos de pessoas... um à esquerda e o outro à direita... e tem dois aí que estão discutindo... parece que estão até transformando em outra coisa não é? olha só a fisionomia do rosto desses dois indivíduos... estão possuídos pelo ódio não estão? olha a boca deles... para demonstrar tamanha raiva que estão passando diante da discussão... e nas mãos ainda tem alguns objetos... não é? que parece que é justamente para atacar o adversário... então eles estão em uma situação de discussão nos dois primeiros quadrinhos... um parece que não está aceitando a opinião do outro e o outro lá falando... e ele está querendo impor a sua... mas no terceiro quadrinho... o que nós observamos? que eles estão em um barco... não estão? ... em uma canoa... algo assim... e estão à beira de quê? à beira de um precipício né? de uma cachoeira e nem estão se dando conta que eles estão à beira do perigo... porque estão lá no barco oh... discutindo mesmo e não estão percebendo no que está ... prestes a acontecer... e é desse jeito quando nós ficamos quando nós estamos diante de situações que nós agimos com intolerância... aí nós não paramos na maioria das vezes para analisar... quais são as consequências... quais são os perigos que são possíveis de acontecer... mas eu quero que vocês escrevam aí atrás nessa

folha... um artigo de opinião... lembrando de todos aqueles detalhes que nós trabalhamos no primeiro texto... é um texto de opinião... o ponto de vista de vocês sobre esse assunto tem que estar bem claro no primeiro parágrafo... e ele precisa de no mínimo ... três parágrafo... ele precisa de quê? de argumentos... e o primeiro era só para mim observar o que vocês vão saber... e a coisa não tá muito boa não viu... e agora eu vou trazer os exemplozinhos aqui para a gente trabalhar ((inaudível))... então façam com bastante atenção... façam... eu quero o final é a caneta viu... faz logo é escreve aí o rascunho de vocês... na folhinha do caderno... a lápis e depois passar a limpo aqui nessa folha de caneta... ok? alguma dúvida? atenção aos elementos coesivos que nós estudamos... as conjunções elas devem ser usadas para articular as ideias...

((os alunos começam a fazer a atividade))

Professora: Luide... Marcos e Jonas... Luide senta aqui na sua...nessa fila de cá por favor ... vamos Luide?

Professora: acho que ainda tem mais uma

Aluno 4: professora no caso os dois?

Professora: os dois o quê?

Aluno 4: aceitar é intolerar?

Professora: não... aí é uma pergunta... você diante de uma situação onde você aceita... né?... ... ou você tolera? não aceita? eu estou te fazendo um questionamento... você vai se posicionar... levem mais... observem mais o lado da política... que foi o que nós mais trabalhamos né?... diante dessa situação... porque na política nós não temos sempre a esquerda e a direita? Tem ou não tem?

((alunos começam a conversar alto entre si))

Aluna 1 : tem

v realmente são dois que estão na disputa ((inaudível)) e diante dessa situação como é que você fica?

((todos falando ao mesmo tempo))

Professora: qualquer coisa pode me chamar

((Sinal da escola toca))

Professora: vamos meninos... hoje só temos duas aulas

Aluna 1: ((inaudível))

Professora: uma produção de texto... tem esse aqui: opiniões divergentes... aceitar ou intolerar? Diariamente no convívio tem pessoas que pensam diferente de nós...

Aluna 1: Hãram

Professora: nessa situação quando alguém pensa diferente de você... como você reage? Você aceita ou você não aceita? Porque intolerância é você não aceitar o diferente... entendeu? Aí lembrar daquele texto que nós trabalhamos sobre o Bolsonaro.

Aluna 1 : só que eu estava ali com o outro... mas esse aí

Professora: ((inaudível)) discutimos... lá é uma situação de intolerância... o fato daquele homem querer assassinar o Bolsonaro... provocou em não aceitar o fato dele estar liderando a campanha eleitoral...

Aluna 1: humrum

Professora: então nós discutimos muito isso aqui em relação à política... você vai pensar aí o no seu rascunho... depois passar a limpo...

Aluno 4: ei professora

Professora: oi?

Aluno 4 : a caneta né?

Professora: sim... na folha que vocês vão me entregar a caneta... viu?

Aluna 2: precisa colocar título?

Professora: com certeza... pensem nos argumentos gente... o texto não precisa... vocês precisam usar argumentos que realmente são convincentes né... vão me convencer da sua posição

((inaudível))

Professora : tem o exemplo daquele homem lá que quis matar o Bolsonaro... é uma situação incrível de intolerância... ele não aceitou o fato do candidato estar liderando... e você o que pensa diante das situações em que as opiniões são diferente... você acha que vai aceitar ((inaudível)) falando sobre essa situação ((inaudível))mas como você acha que as pessoas devem se relacionar diante dessa situação... se você acha que é isso aqui... você vai afirmar... depois você vai usar justificativas... em um paragrafo ou dois... citando exemplos de que as pessoas devem ser aceitar... aí você vai concluir

Aluno 5: olha aí professora ((inaudível))

Professora: pode... os argumentos né ((inaudível))

Professora: gente tem que ficar bem claro no primeiro parágrafo qual é o posicionamento de vocês... vocês acham que diante de uma situação diferente... a gente deve aceitar ... ou nós devemos não respeitar?

Professora: deixem isso bem claro... aí os argumentos de vocês têm que ser em relação ao posicionamento.... isso aqui você pode usar no segundo parágrafo... no primeiro não... o primeiro parágrafo nós temos que fazer uma contextualização apresentar o assunto para o leitor... vamos supor que a pessoa não sabe de nada sobre o assunto... e vocês vão apresentar ele pra mim... mas vocês tem que explicar sobre opiniões dos eventos no primeiro parágrafo... e no segundo é que tem que dar os argumentos ... vamos que nós temos é só essa aula.

Professora: pessoal que trabalhou o texto do Bolsonaro... lá tem vários exemplos de intolerância que podem ser utilizados aí no texto de vocês... tem um caso lá... vocês me entregaram um texto não entregaram? em um caso de uma pessoa que foi tão mal educada que cuspiu no rosto da outra...

Aluna 3: foi...

Professora:tudo isso pode ser discutido viu ... depois do intervalo

((alunos continuam realizando a produção de texto – não há diálogo entre professora e alunos))

Professora: Não vão copiar com as palavras do texto não viu? ... cuidado... quando a gente copia o que o outro disse é plágio... e isso é crime.

Professora:terminou (James)?

Aluno 5: pode entregar professora?

Professora:pode

Professora: aqui óh

Aluno 6: o que é averiguar?

Professora:averiguar?

Aluno 6: é

Professora: é você verificar

Professora: já me entregou?

Aluna 4: humrum

Professora: concluíram?

Aluno 7: ((inaudível)) ou entrega para a senhora?

P: ela vai vim aqui...

Aulas gravadas no dia 11 de dezembro de 2018.

Aulas 28, 29 e 30 – Reescrita da produção final

Professora: hoje é a última atividade... vocês vão observar que tem uma folha com (anexo)... os textos estão todos riscados... cheios de tópicos... vocês vão ler e vão fazer a reescrita nesta folha aqui... tá? E me devolver... só isso...

Aluno 1: ((inaudível))

Professora: a reescrita de acordo com as orientações que eu passei...

Aluno 2: tem que fazer o texto de novo?

Professora: vai reescrever de acordo com as orientações... TEM gente aqui que vai precisar fazer... Felipe está aqui? Estefani... Lisânia... () ... Jonas ... Mariane ... Marcos ... Jonatan, Leonel... () ... Emile ... (Witer) ... Marcos Antônio ... Victor Gabriel... Antônio Carlos... Michele... Luiza... Tauane... Ana Clara... Maria Carolina... Ana Carolina... Verônica... Mauricio... Todos que estão aqui receberam? ... prestem atenção aí nessa folha... depois na folha que eu anexe depois vocês dão uma lidinha... observem que eu criei uma tabela... com alguns critérios para analisar o texto de vocês e coloquei uma coluna com critérios que está bom e o que deve mudar... o primeiro critério que eu analisei foi... conseguiu produzir um bom título para o artigo? a maioria eu coloquei assim... teve gente que escreveu um título assim bem grande né?... muitos títulos que não atraem a atenção do leitor... e vocês têm que lembrar que o texto... a primeira coisa que nós temos contato com ele é o título... e o que vai atrair OU não o leitor a ler esse texto é o título. e tem uns títulos aí que não motiva ninguém a ler esse texto... então vocês vejam aí se há a possibilidade de reestruturar... de refazer... o segundo critério foi... o texto está bem organizado em parágrafos? O quê que eu observei aí nesse critério... tem aluno... vocês viram que todas as folhas que eu entreguei para vocês... essa daqui que eu estou entregando hoje... tem as linhas aí não tem? na margem da folha, aqui e do outro lado? tem gente que começa o texto bem aqui já no meio... vários casos assim... e tem uns que nem vem até o final... então eu observei essa questão da margem para esse critério... e eu observei também o seguinte... tem aluno que ele continua falando do mesmo assunto e ele muda de parágrafo teve um texto aqui mesmo que teve um aluno que escreveu três parágrafos falando da mesma coisa... sendo que poderia estar em um só... só citando exemplo de intolerância... aí citou exemplo em um parágrafo... citou outro exemplo

em outro parágrafo... citou outro exemplo em outro parágrafo... então pode ser reorganizado... formando um parágrafo só... unindo... reestruturando... o terceiro critério que eu coloquei foi... no primeiro parágrafo há presença de uma contextualização adequada da questão discutida? alguns eu disse que sim... que tem essa contextualização... outros eu pedi para rever... porquê? ah:: olha gente... no primeiro parágrafo vocês tem que deixar o leitor a par do que você vai discutir no texto... ele tem que saber no primeiro parágrafo qual o assunto que será discutido... então vocês tem que fazer toda uma contextualização... mostrando para o leitor sobre o quê que você vai falar... o quarto critério eu coloquei assim... assumiu uma posição diante da questão discutida? o tema era... diante de situações divergentes... nós devemos aceitar ou intolerar? já é uma pergunta... então vocês tem que opinar ou vocês aceitam uma opinião diferente do outro... ou então o respeito... e esse posicionamento tem que estar claro de preferência no primeiro parágrafo... porquê você vai argumentar defendendo essa opinião... muita gente conseguiu fazer isso aí... assumiu o seu posicionamento... alguns só foi deixar claro lá no final do texto... mas teve muitos que conseguiram éh:: expor esse ponto de vista no primeiro parágrafo... agora quem não conseguiu veja a possibilidade de tentar ser posicionar... esse critério aqui tá fraco viu... quase todos os textos... eu fui maleável... eu disse assim para vocês óh:: usou argumentos consistentes para defender a posição assumida? eu tô querendo saber se vocês usaram argumentos que de fato convença quem vai ler da sua opinião... aí a maioria eu coloquei assim... reforce sua argumentação... aí eu fui maleável... porquê para ser direta eu tinha que falar assim... ARGumentação fraca... né? pra ficar mais claro... então QUEM eu coloquei esse recadinho aí repense os seus argumentos... viu? concluiu o texto reforçando a sua posição?... muitos concluíram o texto seguindo aquela estrutura... tem que ter introdução... tem que ter argumentação e tem que ter conclusão... mas tem uns que nem a conclusão num fez... e tem uns que fizeram uma conclusão VAGA... SÓ porque eu coloquei assim... reforçando o seu posicionamento... só colocou o posicionamento lá no último parágrafo... não retomou as ideias do texto... então concluir gente... é você fazer um apanhado geral do que você falou durante ou ao longo do texto de vocês... os conectivos aí... utilizou adequadamente os elementos coesivos? aí eu observei aquelas palavras que eu trabalhei com vocês... as conjunções... mas... porém... contudo... por isso... e aí eu fui circulando no texto... aí eu coloquei assim... a maioria das vezes... observe o uso desse conectivo... então é para vocês reverem será que é esse? será que é adequado nesse lugarzinho que você usou? as vezes usaram “mas” e não era “mas... não era a diversidade que estava pedindo... as vezes

era adição... e o último critério mostra... esse daqui é sério... teve gente que escreveu um bom texto... mas pecou demais nesse critério aqui... eu observei as normas gramaticais... ou seja... ortografia... o quê que é ortografia professora? escrita correta da palavra... muita gente escrevendo palavra que é com “ss” coloca com “ç”... palavra que é com um “r” coloca com dois “r(s)”... palavras que usam hífen não usaram hífen... então eu coloquei o número um para identificar... se tiver um número no texto de vocês é porque essa palavra está escrita de forma incorreta... coloquei o número dois para identificar acentuação... se tiver o número dois aí do ladinho da palavra... é porque a palavra ou não tem acento...né? vocês escreveram sem o acento ou escreveram com acento e ela não tem... a grafia... quanta gente escreve letra maiúscula sem necessidade... porque eu só uso letra maiúscula no início de frase ou se for um substantivo próprio... não é assim? E um monte aí escrevendo o texto todinho com letra maiúscula um monte de palavra... ai eu fui colocando... tem uns aí que eu coloquei no primeiro parágrafo... depois escrevi lá em baixo... evite o uso indevido de letras maiúsculas... significa que ontem você escreveu incorreto... tem que ser corrigido... depois eu coloquei éh:: número três grafia né? que é isso aí... quarto concordância... aí eu coloquei concordância verbal e concordância nominal... a verbal é como professora? Ah... nós foi a festa... o verbo tá concordando corretamente com o sujeito? é nós foi? é nós fomos... então se tiver o quatro aí alguma concordância que tem que ser feita corretamente... aí as vezes fizeram assim é... “o alunos foram à escola... é “o alunos”? é “OS alunos” né? então não está tendo concordância... E coloquei dois tracinhos assim que indica que ali deveria ter um sinal de pontuação e vocês não utilizou... e tem muitos que tem um recadinho ai do lado né? quem não entender pode me chamar que nós vamos corrigir... nossa tarefa é só essa... repensem no que é possível fazer e me devolvam por favor...

((a professora deixa os alunos reescreverem o texto e realiza consulta a alguns alunos que
recorre a ela))

((em alguns momentos o som é inaudível, pelo motivo de ambos (professora e alunos)
falarem baixo))

Professora: ((trechos de fala – não é possível compreender todas as falas)) e também fala o que aconteceu... está falando em respeitar... mas a ideia expressa já éh:: de conclusão... você

num acabou de citar exemplos... consequência do que você falou... sim... diante de uma opinião divergente tem que respeitar... esse (não) aqui... nós temos que respeitar... não sou obrigado a aceitar... você está se contradizendo aqui... tá sem estrutura... precisa ter introdução... você consegue... precisa ter os argumentos... ponto de vista... a gente usa no dia a dia... no texto já mais essas expressões não é essa palavra aqui que você queria usar, faltou a palavra correta né? Aqui óh, sem necessidade ... esse paragrafo aqui está assim, desestruturado, você precisa repensar... você tem que apresentar o assunto para o leitor sobre o que você vai falar ... entendeu? Por exemplo se eu for falar... eu tenho que deixar pelo menos o leitor saber....

Professora: ((fala direcionada a toda turma)) QUEM copiou trechos... teve uns textos aí que eu coloquei cópia dos trechos motivadores... TIREM... porque CÓpia é plágio...

Professora: ((fala direcionada a uma aluna)) precisa melhor muito a argumentação... aqui óh... né? aqui óh... QUANDO eu peço para retirar uma palavra gente... não é só retirar... vocês têm que reorganizar... porque só tirar também vai ficar solto...

((a professora volta a atender mais alunos))

((várias pessoas falando ao mesmo tempo))

Professora: pense na argumentação sua... você deve pensar novamente... quando eu leio tudo eu não consigo (compreender)...

((alunos começam a rir e falar mais alto))

Professora: ((fala direcionada a toda turma)) êh gente óh:: só são duas aulas e eu preciso levar os textos... ele só veio melhorar um pouquinho no final...

Professora: ((fala direcionada a toda turma)) o título gente tem que ser uma coisa curta... quanto mais longo ele fica... ele fica menos objetivo

((sirene do colégio toca))

Aluno 3: ei professora... ei professora

Aluno 4: aceitou

Aluna 1: ei professora ((inaudível))

Professora: aceitar a opinião do outro não... mas respeitar sim né?

Aluno 3: ei professora

((inaudível))

Professora: bora pessoal... está acabando a aula

Aluno 3: professora e isso aqui?

Professora: é acentuação

Professora: concordância ou é verbal ou é nominal... verbo está concordando com o sujeito? Ou o artigo não concorda com o substantivo... exemplo “O alunos”... teria que ser “Os alunos”... não é? Se for verbal... “ela fomos à escola” ... ((inaudível))

Aluno: ei professora

Professora:hum

((inaudível))

Professora: a Jarlene não está vindo para a escola não?

Aluna 2: ((inaudível)) reescrever do jeito certo né?

Professora: pera aí ... ficou confuso com esse pronome aqui, “já parou para pensar se toda vez que você intolarar ou agir”... aí não entendi esse trecho aqui oh... “já parou para pensar se toda vez que você intolarar ou agir com violência alguém pode não aceira”

Aluna 2: esse alguém está referindo ah::... violência e intolerância... esse ponto aqui não existe não?

Professora: ((inaudível)) alguém pode não aceitar ou concordar com o que ela pensa... quem é ela? eu vi que você mesmo ficou confusa... porquê aqui você usou você né? na frente... então não sei quem é ela aqui ... quem seria ela? Uma pessoa?

Aluna 2: (é)

Professora: então você acha que deve tirar ele aqui e organizar a ideia... dizer o que você está querendo... mas sem necessidade de usar esse pronome aqui... por isso que eu pedi para reorganizar... tente tirar e dizer a mesma coisa que você está querendo mas sem se referir a alguém...

((a sala permanece em silêncio – os alunos continuam fazendo a reescrita))

Aluno 4: professora, a data é pra colocar a data de hoje? que data é hoje?

Professora: onze do doze...

Professora: terminou Antônio Carlos?

((inaudível a resposta do aluno))

Professora: “o que podemos fazer para acabar com esse mal?” tem que ter cuidado pra você... você mesmo tem que responder né? porquê o texto dissertativo ele pode ter perguntas retóricas...que você faz e que automaticamente o leitor responde...

Aluno 5: pode colocar aqui professora?

P: pronto? vou te pedir um favor... eu cometi um erro aqui na hora que eu estava corrigindo seu texto... e eu tirei a xerox e corriji no texto... e eu preciso do seu texto sem esses rabiscos aqui... essa daqui foi a xerox que eu tirei desse aqui...

Aluno 5: humrum

Professora: mas quando eu vi eu tinha riscado esse aí ... e eu preciso dele sem... sem as observações que eu coloquei... eu queria ver se você tinha como passar a limpo sem... do jeitinho que tá...

Aluno 5: se tiver errado...

Professora: do jeitinho que tá... tá?

-

Professora: o que foi?

Aluna 3: como é que se escreve isso daqui que está errado? ... Ah::

Professora: ((inaudível))

-

Professora: vamos meninas senão não dá tempo de você ir fazer sua prova ... seu texto tinha tão poucas correções que dava para ter feito na primeira aula...

-

Professora: terminou Jonas? ... o outro também...

Professora: de caneta ... gente na hora de me entregar a caneta por favor viu...

((sirene do colégio toca))

Professora: agora é aula da professora Ângela né? vocês estão vendo que os horários estão reduzidos... quando tiver finalizando a aula da professora Marta eu venho para cá... quem terminou vai e quem não terminou vai ficar... pra me entregar hoje... tá mas ninguém vai passar na aula da professora Ângela porque é trabalho né? E professora Marta também precisa dar a aula dela aqui hoje tá? Então eu venho nove e meia... guardem isso daí e providenciem o trabalho da professora Ângela...

ANEXO 4 – Comprovante de envio do Projeto

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: O USO DAS CONJUNÇÕES COORDENADAS EM PROCESSOS DE ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS: A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGOS DE OPINIÃO PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Pesquisador: THANIELLE MAGALHAES COSTA

Versão: 1

CAAE:28922819.0.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 010863/2020

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL

Informamos que o projeto O USO DAS CONJUNÇÕES COORDENADAS EM PROCESSOS DE ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS: A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGOS DE OPINIÃO PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, que tem como pesquisador responsável THANIELLE MAGALHAES COSTA, foi recebido para análise ética no CEP Fundação Universidade Federal do Tocantins em 11/02/2020 às 16:15.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

UF: TO **Município:** PALMAS

E-mail: cep_uf@uft.edu.br